

REVISTA DA SEMANA

Ano XLV -- N.º 14 -- Cr \$ 1,50 em todo o Brasil -- 1 de Abril de 1944



NO TEXTO:
MODELOS
EXCLUSIVOS
♦
J. G. de Araujo Jorge
e a Academia.



O relógio que acompanha
todas as atividades humanas...

Visível no escuro porque é ④ LUMINOSO

DURANTE o exercício de inúmeras profissões ou em face a circunstâncias especiais — trânsito durante a noite, etc. — é muito frequente a necessidade de se verificar as horas em recintos parcamente iluminados ou em plena escuridão. MIDO-MULTIFORT — a maravilha do gênio mecânico — é o relógio que melhores serviços presta em tais momentos porque é 75% mais luminoso, graças à forte dosagem de radium do seu mostrador e ponteiros. Além dessa extraordinária vantagem, de tão grande utilidade na vida diária, MIDO-MULTIFORT — o relógio que trabalha sozinho, aproveitando os movimentos naturais do braço para dar corda a si mesmo — possui 17 rubis, o que lhe assegura uma precisão duradoura e representa o máximo de precisão alcançada na categoria dos relógios automáticos. Em elegantes modelos para senhoras e cavalheiros, com a garantia de suas qualidades gravada na própria caixa, MIDO-MULTIFORT é um relógio indispensável em todas as atividades do homem de hoje. Limitada quantidade de relógios à venda.

- ① - IMPERMEÁVEL.
- ② - INOXIDÁVEL.
- ③ - PARA-CHOQUES.
- ④ - LUMINOSO.
- ⑤ - PRECISO.
- ⑥ - ANTI-MAGNÉTICO.
- ⑦ - AUTOMÁTICO.

Mido
MULTIFORT

Relógio Suíço com 17 rubis



O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS

Standard



A Senhora Roosevelt no Brasil

Não foi simplesmente a esposa do Chefe da grande Nação amiga e aliada quem tivemos ocasião de receber em rápida visita, no Norte do país, dias atrás. Foi a legítima representante da mulher americana, melhor, da mulher aliada, pronta e devotada a dar o seu concurso de espírito e de ação à causa em que se empenha a Humanidade. E as homenagens que lhe tributamos e valerem por um atestado universal de apreço a todas as mulheres destes nossos dias tão heroicamente dramáticos, preocupando-se menos com o último figurino que com o modo de suavizar a dor coletiva. Quando o próprio cinema americano passa a mandar-nos suas mais famosas interpretetes, outrora pontificando elegâncias e hoje trajando alvos uniformes de enfermeiras ou de militares em campanha, mulheres que não ligam importância a um Adrian porque o tempo é pouco para se preocuparem com a hora que passa — a presença, em território brasileiro, daquela ilustre dama trajando singelas roupas, capaz de confundir-se com a mais anônima passageira de um cliper si não fôsse tão familiar para nós todos o seu rosto — é um apelo às outras mulheres, àquelas que porventura ainda não tenham caído na realidade. Um apelo para que sintam e adiram às novas condições de espírito impostas pelas emergências que a época reservou a nós todos.

No curso destes dias, ser mulher é mais alguma coisa além de ser uma pacífica e humilde companheira do homem que trabalha. E a senhora Roosevelt, sobre ser a esposa de um cidadão cheio de responsabilidades, cuja existência, por força do seu cargo, é dedicada por inteiro aos problemas de guerra, é ainda a mãe de soldados que expõem a vida no "front", como os filhos de qualquer mulher desconhecida. Ela consegue nivelar-se a todas as outras, mãe e esposa que ainda encontra tempo para saltar de um ponto a outro da América, onde existam rapazes compatriotas, levando-lhes uma parcela do seu conforto espiritual. Mulher de coragem que, ao ser interpelada por um reporter, em Natal, sobre o "após-guerra"

reconheceu a existência de um grande perigo a debelar: "Os homens interesseiros cuja ação é preciso neutralizar e impedir que venham a agir em benefício próprio, contra os interesses coletivos."

Essa visita fez-se no momento psicológico mais oportuno, quando desfilam, aqui mesmo, na capital da República, os soldados das primeiras divisões do Corpo Expedicionário, dezenas de milhares de rapazes prontos para a luta de verdade e de perto, não de retórica e à distancia. Fez-se quando mães, esposas, noivas e irmãs de soldados brasileiros vão sentir-lhes a ausência, participando a fundo da realidade intrínseca de uma guerra, também aguardando a volta triunfal desses entes queridos. Talvez a sra. Roosevelt não soubesse a extensão do significado da sua visita, estimuladora para o moral da mulher brasileira e não só dos seus soldados. Mães, esposas, noivas e irmãs dos nossos moços não de ter compreendido melhor, mais intimamente, o sentido exato da sua presença amável, sorridente, sem preconceitos nem vaidades, sufocando alguma apreensão pelo marido ou pelos filhos, o primeiro sacrificando a vida mentalmente, e os segundos fisicamente, pelo objetivo coletivo. E si algum lenitivo as mulheres do Brasil podem encontrar, neste instante de responsabilidades maiores, é o de lhes ter reservado o destino um árduo mas glorioso papel. Mas o exemplo dessa americana que viaja exaustivamente quando poderia ficar tranquila em seu "home", só para ser útil de algum modo à causa, mais dos vindouros que mesmo nossa, vale por um encorajamento salutar e eficaz. Também a mulher brasileira de hoje, como a de outros gloriosos dias que a História evoca em suas páginas, saberão sorrir assim, trabalhar assim, na plena consciência de ser esse, o seu dever a cumprir e que será cumprido: o da mulher que não passou pela vida como um simples adorno, mulher que se perpetuará e que as vindouras não de reverenciar como merece.

C E L E S T I N O S I L V E I R A

POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

"PORQUE ACHO QUE A ACADEMIA DEVE SE RENOVAR COM A ENTRADA DE JOVENS PARA O SEU SEIO" — "PARA SUA RENOVAÇÃO, TORNA-SE PRECISO TER CORAGEM DE, EM PLENA MOCIDADE, NÃO A RENEGAR" — O VERDADEIRO SENTIDO DA LITERATURA MODERNISTA — J. G., TRADUÇÃO: JOSÉ GUILHERME — UMA POESIA NA PRIMEIRA PÁGINA DO "CORREIO DA MANHÃ" — "UM POETA PARA MOÇAS, ÁGUA COM AÇUCAR, DELLY EM RIMAS..." — POESIA SOCIAL — MAGALHÃES AZEREDO TINHA 25 ANOS QUANDO SE FUNDOU A ACADEMIA — CURIOSIDADES

INFANCIA:

NASCI em Vila Seabra, no município de Tarauacá, Território do Acre, durante a guerra passada. Meu pai, que nada tinha de germanófilo, gostava do nome Guilherme, então em moda por ser o nome do Kaiser. Mas minha mãe não gostava. Fizeram um armistício: o menino se chamaria Guilherme mas teria também outro nome, de modo a que o Guilherme não soasse tão germanicamente: e ficou José Guilherme. Era o J. G. que aliado ao nome de família passaria, quase vinte anos depois, a ser o meu nome literário.

Nasci na beira de um rio de águas vermelhas, numa casa rústica, coberta de sapê com paredes de paixúba e sobre altos tócos de cumarú. Quando o rio engordava com os repiquetes, como uma sucuriú voraz, depois de um repasto indigesto, as águas vinham até a escada de madeira, às vezes até subiam alguns degraus. Em torno era a floresta. Em cima, um céu acordado sempre pelos gritos de bandos nômades de periquitos e de arás multicóres. Pesando: um silêncio de fim de mundo. Festa era ver na curva do rio apontar o vulto da "chata" ou do "gaiola". Era ouvir os apitos distantes, anunciando a chegada de uma mensagem de civilização. Festa era a banda na praça, os leilões de prendas na frente da igreja.

Nesse tempo meu pai era juiz de Direito. Depois, ele abandonou injustificadamente a magistratura, e aceitou o cargo de chefe de Polícia. Fomos para Rio Branco. Minha mãe diz sempre que meu pai é o caso único de chefe de polícia no mundo, que nunca prendeu ninguém, e que um dia acabou preso. Brigaram o chefe e o governador. Um dia a casa amanheceu cercada. Ameaças de morte, ameaças de incendio. Coisas da política e do interior.

Em Rio Branco fiz o meu curso primário no Grupo Escolar 7 de Setembro. Deixei em Rio Branco a minha infância. Infância de moleque de pé no chão, livre, solto, nômade, tirando "alfinin" na engenhoca, caçando "sanhassús" na orla da floresta, tomando banho nos igarapés sem medo de cobra. Parece até que ainda estou ouvindo as mãis dos outros meninos: "Já pra dentro, aí vem o filho do chefe de polícia." Mas eram os meninos "família" criados presos. Meu bando andava livre, abusando da existência de um filho-do-chefe-de-polícia no seu meio. Remexíamos todo o Mercado, misturando farinha com açúcar preto, nos sacos abertos. Atravamos pedras nas mangueiras que arborizam quase todas as ruas de Rio Branco, e que, na época apropriada, se enchem de frutos os mais belos e os mais saborosos. Invadimos todos os quintais, e não havia muro ou cerca que nos barrasse os passos. Jogávamos futebol ao lado da Igreja, e não raro a bola ia perturbar brusca e inesperadamente, as preces de alguma beata. Por isso, as mãis dos meninos quietinhos avisavam: "Já pra dentro, aí vem o filho-do-chefe-de-polícia". Mas minha mãe não se cansava de repetir coisas parecidas, porque moleque para as nossas mãis, são sempre os filhos dos outros. Trago da minha infância o meu amor pela liberdade, um geito de insubmissão que nunca pude dominar, um panteísmo ativo, de quem gosta da vida em contato com a natureza, em aventuras e viagens.

A exemplo do que vem fazendo com outros candidatos às três vagas existentes na Casa de Machado de Assis, a REVISTA DA SEMANA foi ouvir o poeta J. G. de Araujo Jorge, o "benjamin" dos que pleiteam uma daquelas cadeiras. O poeta estava de malas prontas para Friburgo, onde ia veraneiar, e foi da cidade serrana que nos mandou as respostas à nossa "enquete", aqui insertas. Sem maiores preâmbulos vamos, assim, dar a palavra ao cantor de "Bazar de Ritmos", depois de se terem feito ouvir Bastos Tigre, Jorge de Lima, Luiz Edmundo e Silvio Julio em números anteriores.

No próximo número: TASSO DA SILVEIRA.

Nessa época a arte em mim, era a facilidade e o gosto com que interpretava no teatro e nas festas de fim de ano, no Grupo Escolar, uma porção de papéis. Se quizesse deixar a modestia num canto, diria mesmo que as professoras prognosticavam então, que aquele menino seria "um grande artista". Como muitos dos papéis eram numeros musicais, lembro-me de que, nestes meus primeiros anos, o meu desejo foi ser um grande cantor. O culpado deste desejo era o Caruso de uns velhos discos que papai punha sempre para rodar, numa daquelas vitrolas de pescoço comprido, tocadas a manivela.

JUVENTUDE:

Terminado o curso primário, vim para o Rio e fiquei interno, para continuar os estudos, enquanto "o velho" voltava para o Acre. Toda a minha família, pelo lado materno, é do Rio ou de Campos. Mensalmente meus avós me mandavam buscar no Colegio. Estive um ano no Anglo-Brasileiro, e outro ano no Anglo-Americano. Mas cedo meu pai se convencia de que para "dominar" aquele pequenino selvagem, criado solto em Rio Branco, só um colegio como o Pedro II. E para lá fui. Felizmente.

Bacharelei-me em Ciencias e Letras em 1932, no Externato, onde fiz o meu ultimo ano. Foi no Colegio Pedro II que veio à furo o veio literário. Ao mesmo tempo em que jogava futebol no time pentacampeão colegial, presidia a Academia de Letras do Internato. Isso, aliás, para desespero do meu velho mestre e amigo Pedro do Couto, então Diretor do Internato, que não compreendia como um "academico" podia andar dando pontapés em bolas. No tempo de Colegio colaborei em numerosos jornais estudantis e vi, certo domingo, do ano de 1931, com uma surpresa deslumbrada, em letra de forma no CORREIO DA MANHÃ, a minha primeira poesia. Eu tinha mandado a poesia sem dizer nada a ninguém. Era a primeira vez que tentava ingressar na imprensa adulta. Passaram-se duas ou tres semanas, e eu já tinha como certo que o Diretor do CORREIO DA MANHÃ não tinha levado a serio aquele trabalho de um menino de 14 pra 15 anos. Nesse domingo, meu pai que lia o jornal, me chamou

— Guilherme.
— Senhor.
— Você já viu o jornal de hoje?
— Não. Por que?

Mas o olhar de meu pai me disse o que era. Lembrei-me da poesia que enviara algumas semanas antes. Avancei para o jornal com o coração a dar pinotes. Não era possível que fosse aquilo que eu pensava.

— Olhe aqui, disse ele. Uma poesia sua, na primeira página, e em coluna aberta. Nesse domingo, não fui ao cinema. Com o dinheiro do cinema comprei numeros do CORREIO DA MANHÃ para recortar o poema. Na segunda-feira, a notícia já tinha corrido no Colegio. Foi um sucesso. Para nós, aquilo era a consagração. A Academia se reuniu numa sessão especial.

Durante um ano colaborei no CORREIO DA MANHÃ, sem conhecer ninguém lá. Um dia resolvi levar, em mão, uma colaboração. Raul Brandão recebeu o envelope, abriu-o olhou para o garoto fardado ao seu lado:

— Diga a seu pai que está entregue.

Raul pensava que os poemas que o CORREIO publicava eram de meu pai, e não ocultou a sua "amigável decepção", ao verificar que o seu grande jornal, estava abrindo colunas "para um pirralho daqueles..."

PRINCIPE DOS POETAS DO COLEGIO PEDRO II

O ano de 1932 marca o começo de minha vida literaria. Meus colegas me elegeram o "Principe dos Poetas do Colegio" num concurso patrocinado pelo ATALIA, um dos órgãos de nossa imprensa estudantina. Houve festa na salão nobre, mesa com toalha de veludo, flores, música. Mais do que isso, a festa se revestiu de galas especiais. Tomáramos a liberdade de convidar vários academicos para a solenidade, e Coelho Neto e Alberto de Oliveira, então principes da prosa e da poesia, para saudarem o principe do Colegio. Alberto de Oliveira e Coelho Neto, compareceram. Na assistencia se encontravam varios academicos, jornalistas, intelectuais. Não poderia esquecer nunca a honra que Coelho Neto deu ao incipiente literato saudando-o e vaticinando-lhe um belo futuro, nem a presença de Alberto de Oliveira, entregando-me um livro seu, com dedicatória. A festa empolgou-os. Via-se que eles não esperavam encontrar no Pedro II um pugilo de jovens tão preocupados com o culto das letras, do espirito e da beleza. Por isso a frase de Coelho Neto ficou:

O POETA EM COMPANHIA DA ESPOSA, NUM VERANEIO EM FRIBURGO.



— “Depois da festa de hoje não recearei a morte. Poderei chegar ao fim, certo de que esta mocidade continuará no mesmo caminho, com a mesma paixão e o mesmo entusiasmo.”

Como esquecer uma festa assim?

VIDA ACADEMICA:

Passarei por alto, sobre a minha vida acadêmica. Foi mais política do que literária. Atravessei a Faculdade do ano de 1931 a 1937, época de agitações e efervescências de ideias, e que ficou para o mundo como o prelúdio da guerra em que estamos envolvidos. A tribuna me atraía, como sempre me atraiu desde o Colégio, a tribuna e a praça pública. Isto porque como Castro Alves já disse: “A praça é do povo, como o céu é do condor.” Lutei contra o fascismo e fui perseguido. Fundei jornais e revistas de luta como: Nós e CARTAZ. Fui um dos organizadores da União Democrática Estudantil, o único esboço de partido político estudantil que se conhece no Brasil. Mas era no tempo em que quem não aderisse ao integralismo era comunista. Era no tempo em que não ser integralista significava um saque, depravação, desorganização, despotismo, na ignorância ou no interesse de muitos dos nossos homens. Eleito pelos meus companheiros o orador oficial da União, estive nas praças, e noutros lugares.

Aquela mocidade que cursou os dez anos, de 1930 a 1940 na Faculdade de Direito era na realidade, a mais honesta e sincera força de vanguarda anti-fascista que já teve o Brasil. Não a deixavam falar. Hoje, ha quem usando as suas palavras, lhe negue o direito de posição. Mas felizmente se o mundo gira, o “eixo” está parado.....

Nesta época fui orador oficial da Associação Universitária e do Centro Acadêmico Candido de Oliveira, não tendo sido o orador de minha turma porque me encontrava detido na ocasião. Visitei países da Europa em 1934, como orador de uma Caravana Acadêmica, e em 1935 e 1936, o Chile, a Argentina e o Uruguay, ainda como interprete de meus colegas. Aliás destas duas vezes fui escolhido como orador depois de renhidos concursos entre estudantes de todas as Faculdades. Falei para chefes de Estado como os Presidentes Alexandri, Justo, Gabriel Terra, o Ministro Salazar, etc.

Formei-me em 1937. Já então tinha publicado *Meu céu interior*, 1934, *Bazar de Ritmos*, 1935.

A ACADEMIA E A MOCIDADE

Ainda não tenho trinta anos, e sou, pois, o mais jovem candidato a Academia Brasileira de Letras, mas acredito que em eleições desta natureza a idade não deve interessar muito, mas apenas a obra. Castro Alves, Casimiro de Abreu, Raul de Leoni e até Alvaros de Azevedo que morreu sem atingir sequer sua maioridade civil, mereceriam e honrariam qualquer Academia. Quando a Academia foi fundada por Machado de Assis, realizando o sonho de Lucio de Mendonça, muitos de seus academicos não tinham ainda trinta anos. Magalhães Azeredo por exemplo, tinha 25, Medeiros e Albuquerque e Guimarães Passos 29, Bilac 30, Coelho Neto 32. Era a mocidade que se reunia para fundar a Academia, e ela surgiu como uma obra de moços.

MINHA OBRA LITERARIA

O que vale é o obra literária, e esta, eu a tenho. Publiquei em 1934 *Meu céu interior*; em 1936, *Bazar de ritmos*; em 1937, *Cantico dos Canticos*; em 1938, *Amor!*; em 1939, *Poesias*; em 1941, *Cantico do homem prisioneiro!*; em 1943, *Eterno motivo*, todos de poesia. Em 1942 estreei como romancista, com *Um besouro contra a vidraça*, e Claudio de Souza que apresentou o livro a Academia disse:



— “ACHO QUE A ACADEMIA DEVE SE RENOVAR COM A ENTRADA PARA O SEU MEIO, DE JOVENS. SE ELA NASCEU COM OS JOVENS, FUNDADA POR UM GRUPO DE MOÇOS, É JUSTO QUE ABRA AS PORTAS AOS MOÇOS QUE TRAZEM AS CREDENCIAIS DESEJADAS.” — DECLARA J. G. DE ARAUJO JORGE.

“Desejo louvar a vocação literária do romancista, cheia, nutrida, seivosa, rica de tintas e sensibilidade, reflexiva e ressoante na descrição e ousada na penetração psicológica.”

Com um tal julgamento não faz mal que insista no genero. Terminei pois *Fim de mundo*, cujo entrecho transcorre no Acre, e onde procuro aproveitar um manancial de emoções e lembranças ainda inédito em minha obra literaria. Será pois um romance bem diverso do primeiro. Em *Um besouro contra a vidraça* ha apenas tres personagens, e o livro é um estudo de situações criadas pelo entrechoque de destinos no mesmo caminho da vida. É um livro de sabor psicologico, à maneira de *Climats* de Maurois, ou *Jalousie* de René Albert-Gusman. *Fim de mundo* será um livro onde procurarei retratar uma “provincia” ainda desconhecida do Brasil. Introdusirei o Acre na comunhão literaria brasileira.

Quanto a poesia, tenho prontos tres livros: *O canto da terra* que sairá breve pela Editora Vecchi, *Festa de imagens* e um volume de *Poesias escolhidas*, para o qual Joaquim Ribeiro já escreveu um magnifico prefácio.

Trabalho sempre. Faço versos como falo, como respiro, como canto, ou como ando. Faço versos como nado, ou como jogo futebol. Por isso continuarei a fazê-los. Está no sangue, nos nervos, estava no genes.

UM POUCO DE MALDADE...

Sou um escritor “boicotado” pelo que Edmundo Moniz chamou de critica oficial. Francamente não sei a que atribuir certa “onda” que sinto contra mim. A razão talvez resida, muito simplesmente num fato que eu sei que dói, para certos sujeitos de “edições raras”: tenho um publico. Tenho editores, e posso dizer até, que ganho dinheiro com poesia! Isto no Brasil dana muita gente. A vingança então vem manhosa:

— “Araujo Jorge? Qual! É poeta para moças, agua com açúcar, Dely em rimas...”

Realmente ha uma grande parte de lirismo amoroso em minha obra. Foi com esse mesmo lirismo que Geraldty se consagrou um poeta imortal e Guilherme de Almeida e Olegario Mariano chegaram até a Academia, como grandes poetas que são.

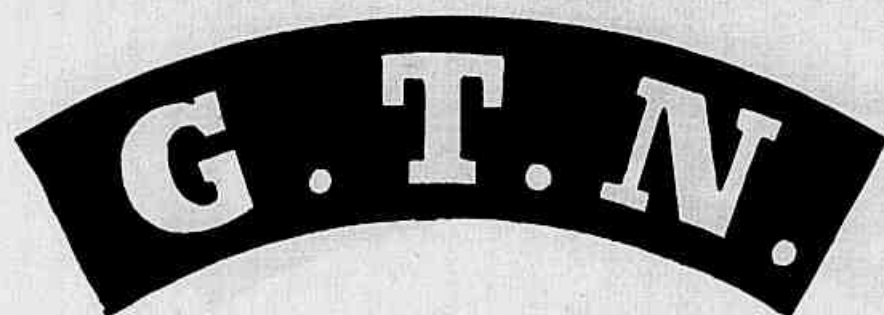
Eu poderia ser realmente só o poeta lirico, o poeta do amor, e nem por isso deixar de realisar obra apreciavel. Mas no meu caso, não se dá isso. Em toda a minha obra, desde *Meu céu interior* ha mais do que o amor, no sentido puramente sexual, erótico, amoroso. Ha amor, mas num sentido muito mais amplo: amor-fraternidade, amor à liberdade, amor-panteismo, enfim amor nas suas mais diversas manifestações. Não tenho culpa evidentemente se alguns não amam... ou não podem amar...

(Continúa na pág. 47).

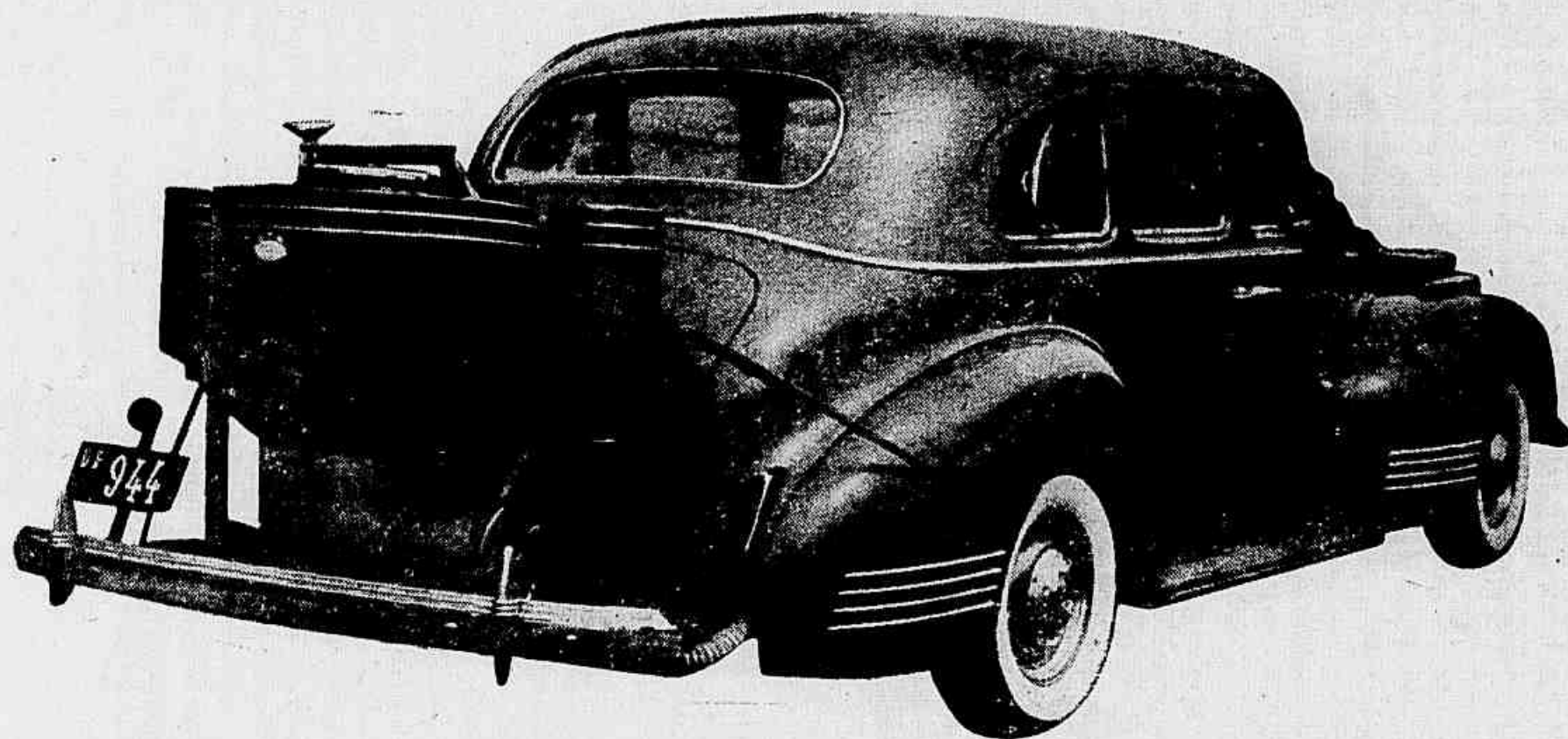


NOSSO ENTREVISTADO, COM A IDADE DE TRÊS ANOS, NO TERRITÓRIO DO ACRE, ONDE NASCEU, APOIADO AO JOELHO DE SEU PAI SALVADOR AUGUSTO DE ARAUJO JORGE.

GASOGENIO



**O APARELHO PERFEITO PARA
AUTOMOVEIS, CAMINHÕES, ETC.**



UM G.T.N. COLOCADO NUM PACKARD DE LUXO

OFERECEMOS

FILTRAGEM PERFEITA
SEGURANÇA DO MOTOR
MANEJO SIMPLES
LIMPEZA FACIL
MALA LIVRE
MONTAGEM GARANTIDA
MAXIMO RENDIMENTO

**INSTALAÇÕES E DEMONSTRAÇÕES, A'
GARAGE E OFICINAS TUNEL NOVO LTDA.**

AVENIDA PRINCEZA ISABEL, 134 -- LEME. TEL. 27-2923

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 e qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.

Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal

434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.

Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 1-4-1944 --- N. 14

sumário:

LITERATURA:

A sra. Roosevelt no Brasil (Celestino Silveira).....	3
O Papagaio na Literatura.....	8
Livros Novos.....	10
O Anjo da Guarda (E. C. Bentley).....	15
O Maior Poeta da Espanha? (Silvio Júlio).....	24
Amor de Outono (Marcelle Segal).....	39
Do Tempo do Império (Escagnolle Doria).....	34
Os Faroleiros (Monteiro Lobato).....	17

REPORTAGENS:

Por que se candidatou á Academia (Entrevista com J. G. de Araujo Jorge).....	4
--	---

MODELO 1944!



Colchão
VENTILADO DE MOLAS
DESMONTAVEL

DURMA
MELHOR...

HOLLYWOOD

SÃO PAULO
CON: CRISPINIANO, 12
TEL: 4-8009

RIO DE JANEIRO
OUVIDOR Nº 59
TEL: 43-7134

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo

a usar **Regulador Gesteira**

Galgando a Caixa de Fosforos.....	20
Está satisfeito com a sua cara?.....	25
Figuras e Fatos.....	29

FOTOGRAFICAS:

Clubes para Operarias.....	12
Aconteceu no Rio.....	28
Joquei Clube.....	33

CINEMA:

Os Românticos da Tela.....	18
A beleza das pernas e sua conservação.....	22

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos — e outros assuntos a começar da pg.....	35
---	----

AVULSAS:

De Rádio — De Teatro.....	39
Os Modelos de Alina.....	12
A Guerra em Marcha.....	30
Um dia no Hospital Naval no Front do Pacifico.....	31
O Serviço Religioso e a Guerra.....	14

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	38
"Charge" de Raul.....	50

AGUA DE
COLONIA



T. TARQUINO

Regina

A RAINHA DAS AGUAS DE COLONIA

Tenha sempre á mão "REGINA", a agua de colonia tipica de perfume fragrante e ameno, refrigerante suave e calmante para os dias de calor.

A VENDA EM TODO O BRASIL

O Papagaio na Literatura

HISTÓRIAS e anedotas de papagaio já fizeram rir não sei quantas gerações de brasileiros. Protagonista de quasi todas as nossas fábulas e lendas populares, o "louro" tagarela, falando fanhoso no seu poleiro, tem sido o assunto predileto do humorismo nacional.

Mas o papagaio também constitui um grande motivo de inspiração literária. Poetas e escritores dos mais notáveis já lhe dedicaram esplendidas páginas de fantasia, graça de estilo, capricho de imaginação. Às vezes mesmo, o papagaio tem servido para se expor, em forma figurada, um pensamento irônico sobre a vida, um comentário amargo sobre a natureza humana. O pássaro parlapiço, o berrador incorrigível, transforma-se num filósofo profundo quando aparece dentro da literatura.

Seria, pois, interessante conhecer algumas das criações em prosa e em verso que já celebraram o personagem pitoresco. E para salientar o seu prestígio, começaremos com um dos maiores vultos das letras européias — o glorioso Theophile Gautier, o companheiro de Victor Hugo nas empolgantes pelejas do Romantismo, o homem a quem Baudelaire escolheu para dedicar AS FLORES DO MAL.

Gautier amava os bichos. Tinha a casa cheia de gatos. E um dia levaram-lhe de presente um papagaio. Daí nasceu esta historietta deliciosa que Olavo Bilac traduziu do francês.

Madame Théophile era uma gata arruivascada, de peito branco, nariz cor de rosa e olhos azues, assim chamada porque vivia comigo numa perfeita intimidade, dormindo aos pés da minha cama, fazendo a sesta no encosto da minha poltrona, enquanto eu escrevia, acompanhando-me ao jardim nos meus passeios, assistindo às minhas refeições e interceptando, muitas vezes, o bocado que eu ia levar à boca.

Uma vez, um dos meus amigos, afastando-se por alguns dias, confiou-me um papa-

QUANDO WALT DISNEY VEIO AO BRASIL, CONHECEU O PRIMEIRO "LOURO" EM BARREIRO, 'ALTO SERTÃO DA BAHIA, ONDE O AVIÃO POSOU ALGUNS INSTANTES. ALI' MESMO INSPIROU-SE PARA A CRIAÇÃO DE "ZE' CARIOCA", HOJE POPULARÍSSIMO NOS EE. UU., AINDA MAIS QUE EM NOSSO PAÍS.



gaio, para que eu o guardasse enquanto durasse a sua ausência. O pássaro, sentindo-se deslocado, subira até o alto do poleiro, e circumvagava em tórno, com ar desconfiado, aqueles olhos semelhantes a tachas de latão, encarquilhando as membranas brancas que lhe servem de pálpebras. Madame Théophile nunca vira em toda a vida um papagaio e esse animal, novo para ela, causava-lhe evidente surpresa. Imóvel, tão imóvel como um gato embalsamado do Egito nas suas faixas, mirava o pássaro, reunindo com um ar de meditação profunda todos os conhecimentos de história natural que pudera colher nos seus passeios sobre o telhado, no quintal e no jardim.

A sombra de seus pensamentos passava-lhe pelas pupilas móveis, e nelas pude ler este resumo do seu exame: "Decididamente é um pinto verde".

Firme nesta conclusão, a gata saltou da mesa onde estabelecera o seu observatório e foi agachar-se a um canto da sala, com o ventre por terra, os cotovelos para a frente, a cabeça baixa, o dorso estirado, como a pantera negra do quadro de Gérôme, espreitando as gazelas que vão beber no lago.

O papagaio seguia os movimentos da gata com uma inquietação febril; eriçava as penas, mexia com a corrente, passava o bico pelo bordo do vaso da comida.

Instintivamente via ele na gata um inimigo, meditando e planejando alguma peça.

Quanto aos olhos da gata, fixos sobre o pássaro com uma intensidade fascinadora, diziam, numa linguagem que o papagaio muito bem compreendia: "Não obstante ser verde, este pinto deve ser bom para comer!"

E eu seguia, com interesse, esta cena, pronto a intervir quando fosse preciso. Madame Théophile aproximou-se insensivelmente: as narinas roseas tremiam-lhe e semi-cerrava os olhos, estendia e contraía as garras.

Calafrios corriam-lhe o dorso, como a um gastrônomo que caminha para uma mesa bem servida; deleitava-se com a idéia do repasto succulento e raro que ia fazer. Aquele manjar exótico aguçava-lhe o apetite.

De repente, o seu dorso se encurvou como um arco retesado e, de um salto, ela foi cair prestemente sobre a gaiola. O papagaio, vendo o perigo, com uma voz baixa, grave e profunda como a de um filósofo, gritou: "Já almoçaste, Jacquot?"

Esta frase causou um indizível terror à gata, que imediatamente saltou para trás. Uma fanfarrinha de clarins, um monte de pratos, despedaçando-se, o estampido de uma espingarda nos ouvidos não lhe teriam causado mais vertiginoso medo. Todas as suas idéas ornitológicas esboroavam-se.

— Que? manjar do rei? — Continuou o papagaio.

A fisionomia da gata exprimia claramente: "Não é um pinto, é um homem, éle fala!"

"Quando eu bebo um pouco mais,
no botequim tudo dança"

cantou o pássaro com estrondos de voz ensurdecedores, como se houvesse compreendido que a sua palavra era o seu melhor meio de defesa. A gata lançou-lhe um olhar cheio de interrogações e, não recebendo resposta satisfatória, foi estender-se na cama, de onde não saiu todo o resto do dia.

As pessoas que não têm o hábito de tratar com os animais, pensarão talvez que estou emprestando intenções ao pássaro e ao quadrupede. Não fiz mais do que traduzir fielmente as suas idéas em linguagem humana.

No dia seguinte, Madame Théophile, um pouco serenada, ensaiou um novo ataque e foi repelida pelo mesmo processo. Deu-se por satisfeita e aceitou o pássaro como homem.

• • •

Não é interessante essa história?

Pois mais interessante ainda é saber que o mesmo assunto foi também explorado na literatura nacional. Guilherme de Almeida tem um pequenino poema em que retoma a idéia de Theophile Gautier. Mas, nos versos brasileiros, é o papagaio quem sai perdendo.

Escutem estas poucas rimas, tão leves, tão encantadoras:

Papagaio loiro de bico dourado
vive empoleirado no poleiro de ouro.

Gata Borralheira gosta de agasalho,
dorme no borralho, dorme a vida inteira.

Papagaio come: papagaio é nobre...
Mas a gata é pobre: vai morrer de fome.

Papagaio fala: "Bruxa! Feiticeira!"
Gata Borralheira faz ron-ron e cala.

Mas, um dia, corre, vai nervosa a gata...
salta, estende a pata... Papagaio morre...

E cinzenta e enorme, num colchão de penas
dorme... Gata Borralheira, sem remorsos.

• • •

Humberto de Campos não esqueceu também o papagaio. Não o apresentou, porém diante de uma gata gulosa. Preferiu mostrá-lo num galinheiro, a desempenhar o papel de higienista, com muita ciência acumulada — na pequena cabeça.

OUTRA CRÔNICA DA BRILHANTE SÉRIE "BIBLIOTECA DO AR", PROGRAMA LITERÁRIO QUE A RADIO MAYRINK VEIGA TRANSMITE SEMANALMENTE, SOB A RESPONSABILIDADE DO ESCRITOR GENOLINO AMADO. REPRODUÇÃO DEVIDAMENTE AUTORIZADA.

Através da sua fábula, o autor de MEMÓRIAS procura mostrar a ingratidão humana com os sábios. O "louro" e os pintos da sua história têm um sentido simbólico:

Era uma vez um quintal em que havia grande quantidade de galinhas. E, como havia alguns galos, havia pintos também. A criação de galináceas obedece a uma lei da Natureza subordinada à primeira das operações aritméticas; um galo e uma galinha, nove é pinto. Em geral, a população desse aviário provinha de três raças; amarela, branca e preta. A princípio, todas as aves eram amarelas. Depois, vieram as brancas, e os galos brancos cruzaram com as galinhas que já existiam no local. Mais tarde vieram as galinhas e os galos pretos, que se tornaram escravos das galinhas e dos galos brancos. E, como os galos brancos tivessem grande simpatia pelas galinhas pretas, nasceu a raça carijó, que se desenvolveu assombrosamente e quase toma conta do quintal.

Viviam as aves dessa granja na mais completa felicidade, governadas por um velho galo branco de raça estrangeira, quando uma peste começou a devastar os poleiros. Era uma espécie de gôgo repentino que dava nas galinhas e nos galos, e que os matava de um dia para outro. Nem pinto escapava. Apenas, por uma circunstância desconhecida, só as aves de raça carijó resistiam. Dir-se-ia que a Morte, ao penetrar naquele terreno, escolhia as suas vítimas pela pena. Galinha e galo brancos, de raça, então não escapavam. Apanhado o gôgo espichavam logo a perna. E o velho galo, rei do quintal sofria vendo o seu grande reino devastado.

Um dia, houve no galinheiro uma conspiração e o rei do quintal foi deposto. Os outros galos o depuseram, e o atiraram fóra, por cima do muro. Mas a peste não diminuiu. Todos os anos o gôgo espichava o pescôco aos pintos. Debalde os donos da granja derramavam a água dos alguidares. Debalde punham enxofre na bebida. Debalde substituíam o milho pelo arroz com casca, arroz com casca pelo painço, o painço pelo farelo molhado. As galinhas continuavam morrendo. Quando uma ave sabia, no mercado, que ia para aquele quintal, gritava como desesperada, debatendo-se, amarrada pelo pé. Aquilo não era mais uma granja avícola: era um matadouro de galinhas.

Era essa a situação quando, uma tarde, pousou no quintal um papagaio. Tendo percorrido outros quintais, ele conhecia as origens daquela peste e o processo de combatê-la. Convocou, assim, uma reunião dos galos, e disse-lhes:

— O gôgo que está dizimando este galinheiro é causado pelos mosquitos. Os mosquitos nascem na água que vocês derramam e, mesmo, na água que vocês bebem. Si vocês quiserem, e me ajudarem, eu acabo com os mosquitos, e não se morre mais de gôgo neste quintal.

Os galos não acreditaram muito na promessa do papagaio, mas resolveram experimentar. Os galos brancos, por mais ameaçados, ainda admitiam a possibilidade.

— Quem sabe si não é verdade? Si não fizer bem, mal não faz.

Os carijós, porém, arrepiaram-se com a idéia. Não queriam, de modo nenhum que se mudasse a água dos alguidares. Não admitiam que se entupisse os buracos. Não se conformavam com a matança dos mosquitos. E cocoricavam:

— Viva o mosquito nacional, que mata o galo estrangeiro!... Viva o gôgo patriota!...

Abaixo o papagaio!...

O papagaio era, porém, tenaz e inteligente.

Começou a derramar em lugar distante a água velha dos alguidares. Iniciou a obstrução dos buracos e dos lameiros. Atirou-se à matança dos mosquitos cobrindo os poleiros, e defumando-os, toda a vez que morria uma galinha com gôgo. E a prosperidade voltou ao quintal. E nunca mais se falou na peste antiga. Até que o papagaio morreu, e toda a granja agradecida chorou a sua morte.

Passaram-se, porém, os tempos. Um dia, apareceu, morta pelo gôgo, uma galinha. Dias depois, outra. No dia seguinte, duas. E tres. E quatro. E o gôgo, de novo devastando as galinhas.

— Ah! Si o papagaio fôsse vivo — cacarejavam as galinhas.

— Que falta nos fez o papagaio! — cocoricavam os galos.

Foi por essa altura da situação que, de repente, desceu no quintal outro papagaio. Não era o mesmo porque, como acontece aos homens, papagaio morto não ressuscita. Mas era parecido.

— Viva o papagaio, que vem salvar os poleiros! — gritaram alguns.

O papagaio desceu. Limpou alguidares. Entupiu buracos cheios d'água. E, lidando dia e noite, acabou com os mosquitos, e, em consequência, com o gôgo que liquidava as galinhas. Como a população do quintal fôsse duas vezes maior que a do tempo do outro papagaio, o seu esforço foi ainda mais enérgico, e os resultados ainda mais assombrosos. E terminava ele a sua obra generosa quando, após uma revolução no galinheiro, os galos carijós, isto é mestiços de galo branco com galinha preta, lhe correram para cima:

— Pega o papagaio!... Mata o papagaio!... Esfolia o papagaio!... Processa o papagaio!... Queima o papagaio!...

O papagaio não respondeu nada. Subiu para o telhado do galinheiro, e empoleirou-se. Em baixo, os carijós brigavam uns com os outros, bicando-se, ferindo-se com os esporões, retalhando-se as carnes com ferocidade. E ele, empoleirado lá em cima, vendo espalhar-se em torno as penas dos carijós.

E estava lá, silencioso e quieto, quando viu entrar no quintal uma porção de perús, patos e marrecos de Pekim e galinhas da Angola. Um carijó correu a receber os visitantes ilustres e estrangeiros.

— Vimos aqui — explicou solenemente um pato vistoso, de fala grossa, — para prestar as nossas homenagens ao papagaio. Benfeitor da humanidade, ele salvou vosso quintal da devastação. Estamos certos de que ele é adorado por todos vós, pelo serviço que vos prestou, livrando-vos da morte. O vosso papagaio é, em suma, digno da vossa e da nossa gratidão!

Foi um reboliço no quintal:

— Onde anda o papagaio?...



O PAPAGAIO ESTÁ DESAPARECENDO DAS GRANDES CIDADES. NOSSO FOTOGRAFO NÃO ENCONTROU FACILMENTE ESSE QUE AI' ESTÁ, PARA ILUSTRAR A CRÔNICA DE GENOLINO. E NO ENTANTO AS ANEDOTAS NÃO DEIXAM A AVE EM PAZ, ATRIBUINDO-LHE TODAS AS MALEDICÊNCIAS POSSÍVEIS E IMPOSSÍVEIS...

— Desce o papagaio!...

— Procura papagaio!...

— Ponhamos uma flôr no bico do papagaio!...

E todos:

— Viva o papagaio que nos salvou do gôgo!

— Vivôôôôô!...

O papagaio não se deixou, porém, iludir pela manifestação. Agradeceu aos perús, aos patos, aos marrecos de Pekim, às galinhas da Angola.

— Muito obrigado! — disse.

E, segurando-se com o pé e com o bico, subiu de novo para o seu poleiro no telhado, de onde, saídos os visitantes, continuou a olhar, calado, a briga dos carijós...



Agora, para terminar, uma pequena crônica de Genolino Amado, revelando um lado interessantíssimo...

Vocês sabiam que um "louro" brasileiro tem a honra de morar num palácio real? Pois se não sabiam, fiquem sabendo. É a pura verdade. E eis como Genolino Amado nos dá notícia dessa curiosidade pitoresca:

A história é digna de ser contada. Encontrei-a numa revista americana, onde vem narrada muito a sério, com esse dom yankee de vulgarizar os assuntos mais singulares e pitorescos.

No Palácio Real da Inglaterra vive, há longos anos, um autêntico papagaio brasileiro do Amazonas, que, não se sabe como nem porque, abandonou a selva equatorial para ir morar num poleiro dourado, nas visinhanças do trono da Mai Serenidade Britânica.

No granfinismo da sua nova posição, o "louro" nacional achou prudente e de bom tom mudar o seu banalíssimo apelido de "Nico" pelo nome de "Charles". Mas, no íntimo, deve ser ainda muito bom brasileiro, falastrão, bacharelesco, estridente no seu palavriado, dizendo em inglês do mais puro acento londrino coisas parecidas com as letras de samba.

Conta o jornalista norte-americano que o rei Jorge raramente se separa do seu jovial papagaio. "Charles" é o companheiro feliz de quase todas as distrações reais.

Ora, isto é comovente, é bonito, é sabido, porque mostra que a vida não desiste de ser pitoresca e original. Imagine-se o monarca britânico em toda a sua pompa, como representação viva, como um símbolo humano da nação inglesa, preso ao cerimonial e à etiqueta... E imagine-se, perto dele, o "louro" irreverente, gritando, berrando, com a sua naturalidade irreprimível... O contraste é delicioso. Graças ao papagaio humaniza-se a figura do soberano.

Imagine-se, ainda, esta cena esplêndida: o rei, com o seu magnífico uniforme, coberto de insígnias, de medalhas, a conversar, no silêncio do salão resplendente, com a ave tagarela. O quadro tem um sabor delicioso. Diz por si mesmo muito mais do que poderiam dizer todos os reis e todos os papagaios do mundo...

Grande Descoberta Para o Alívio da Eczematide Infantil

V. não precisa mais ver seu filhinho sofrer o martírio da eczematide. Essa forma infantil de eczema causa ao seu filho muito maior sofrimento que qualquer outra doença. As coceiras constantes não deixam a criança dormir, causando uma inquietação que conduz ao esgotamento nervoso. Não é possível impedir que o seu filhinho cause ulcerações na pele com as suas unhas, pois ele não suporta a coceira e não se pode impedir de coçar continuamente a pele irritada. Daí resulta a formação de cicatrizes que desfiguram por toda a vida o sua fisionomia.

Numa clinica de pele de um grande hospital, foi elaborada uma nova fórmula para o tratamento e alívio da eczematide. É o novo, moderno e científico preparado BELZEMA.

BELZEMA é uma nova forma de pomada não gordurosa que penetra rapi-

damente na pele da criança para combater a doença na sua origem. Faz cessar as coceiras, é invisível quando aplicada, não é sentida e não mancha a roupa, não sendo necessário usar ataduras.

BELZEMA já aliviou alguns casos das mais obstinadas erupções de eczematides em pouco tempo. As coceiras cessaram com a aplicação de BELZEMA e com a continuação do tratamento a pele tornou-se novamente limpa e perfeita.

Se o seu filhinho está sofrendo de eczematide infantil, dê-lhe imediatamente o alívio de BELZEMA. Continue a usar BELZEMA até a pele tornar-se limpa e nova outra vez.

BELZEMA

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

A NOSSA CAPA

O Verão está apresentando suas despididas às elegantes brasileiras. E'



tempo de pensar nas *toilettes* para o Outono, mesmo quando as atenções maiores convergem para problemas de maior importância, da vida cotidiana. As filas aí estão: do açúcar, do leite, da carne. Que importa? Nem por isso a Mulher deixará de preparar-se sinão para a fila da madrugada — para as vespertinas, quando se espera o ônibus, rumo à Avenida, ao chá das casas elegantes da Cinelândia, ao cinema... Por isso, nossa capa deste número é um sinal de alerta em favor do Outono, oferecendo às leitoras da REVISTA, um audacioso chapéu-boina, em estilo bizarro, inexplicável mas, de qualquer modo, sedutor. Si ainda faz verão quando este número circula, pouco importa, desde que os chapéus e os vestidos preparem-se com antecedência. E as revistas também. Aí fica um modelo às ordens, e outros hão de vir, reproduzidos nas demais páginas e em coberturas vindouras. O essencial é não perder o hábito da elegância, apesar da guerra ou principalmente com guerra, só para não dar confiança às tormentas de cada dia... As guerras passam, as mulheres elegantes ficam. Graças a Deus!

Libros

SANTA CATARINA NAS BELAS ARTES. — Almirante Henrique Boiteux — Rio. — 1944

Estamos atravessando uma fase de verdadeira renovação nas artes brasileiras. Obras revolucionárias, escolas que surgem, em torno das quais se agita a crítica, ora favorável or. desfavorável, trazem de qualquer modo uma agitação que só pode produzir benefícios. As exposições se sucedem e o público mostra-se cada vez mais interessado em acompanhar o movimento artístico do país.

A análise crítica das obras que surgem e o estudo da vida dos seus autores, do meio em que foram ou são produzidas, são bem um índice deste interesse.

Assim é que todos os trabalhos que concorram de qualquer forma para incentivar esse movimento devem se tornar credores dos nossos aplausos.

Temos em mão o livro do almirante Henrique Boiteux, onde são analisadas a vida e a obra de alguns artistas catarinenses, antigos e contemporâneos.

Passa assim o autor em revista todos os ramos da arte do estado sulino, estudando a influência do meio social e da terra sobre a produção artística.

No volume vemos estudados em breves e seguros traços, entre outros: Francisco Xavier Cardoso Caldeira, o exímio taxidemista, que segundo Ladislau Neto "deixou na memória de seus compatriotas, como na antiga metrópole também, a fama que deixa na terra uma inteligência produtiva e uma honestidade imaculada."

Entre os poetas, merecem a citação e o comentário do autor, Luiz Carlos Muniz Barreto, Jerônimo Francisco Coelho, Lacerda Coutinho, João Silveira de Souza e outros.

Na música, Lacerda Coutinho, Adolfo de Mejo. São assim analisados os grandes vultos das artes catarinenses.

Entre esses, merece lugar de destaque, Sebastião Vieira Fernandes, um pintor extraordinário.

E' um estudo consciencioso e bem feito, principalmente no que se refere à influência do meio sobre o artista, que, segundo Taine, citado pelo autor: "recebe sempre (a arte) a impressão do lugar que o indivíduo habita e esta impressão, quanto no momento em que se estabelece é ele mais inculto e mais novo."

Almirante Henrique Boiteux — Santa Catarina nas Belas Artes — Edições Valverde — Rio de Janeiro — 1944.

A vida do autor desta nova obra reparte-se entre justiça e amizade. A justiça presta-a Boiteux à classe da qual é ornamento, a marinha de guerra nacional. A amizade consagra-a Boiteux à terra natal, Santa Catarina, que o tem por ilustre filho.

Os trabalhos do Almirante Boiteux em honra da armada nacional, no relevo dado aos seus serviços protetores da unidade do Brasil, culminaram há pouco com a publicação da biografia de Tamandaré, mais representativa figura do que Ouro Preto chamou a marinha de outrora, não sem nela ter colaborado, ministro da Marinha quando da guerra do Paraguai.

Santa Catarina pôde e deve orgulhar-se de um dedicado como Henrique Boiteux. Estuda-a, exalta-a numa grande variedade de escritos documentados. Num dos seus livros de amor a Santa Catarina ha paginas dignas de repetida leitura. São aquelas em que Boiteux destemeroso pinta a morte do marechal barão de Batiui, por miseráveis fuzilado sem culpa e com olvido de relevantes serviços à patria.

No *Santa Catarina nas Belas Artes*, o almirante Boiteux apresenta uma série de estudos sobre artistas catarinenses de estado maior no livro a vida do pintor Sebastião Vieira Fernandes.

O novo livro de Boiteux merece leitura atenta que ao autor dará devido aplauso de quantos querem o Brasil.

Sergio Teixeira de Macedo — No tempo das sinházinhas — Pongetti, editores — Rio de Janeiro — 1944.

Desde titulo a obra promete leveza e graça. As suas paginas cumprem promessa. Com um *quantum satis* de erudição, o livro de Sergio Macedo leva-nos ao passado do Brasil, evocando-lhe figuras e sucessos diferentes, usos e costumes de época bem ida para jamais volvida. A humanidade, a pretexto de corrigir-se, corrige-se na verdade mas para pior.

Nitidamente impresso, ilustrado com propósito, o que valorisa edições logo à primeira vista, o livro de Sergio de Macedo é série de recordações da pena de estudioso. Apresenta ele quadro bem interessante do Brasil de outrora, no qual algum paraíso compensava o que pudesse haver de inferno na vida.

No livro não ha apenas sinházinhas nos salões do Imperio, mesmo porque para estar neles, antes do tempo, não tinham licença aquelas sinházinhas.

No livro existe muito Rio de Janeiro diversamente espelhado e espalhado desde sociedade colonial de capitania até dias do Segundo Reinado. Breves capitulos repassam lembranças do *vieux temps*, ao qual a lingua franceza ajunta sempre o adjetivo *bon*, por sua inteira responsabilidade.

O trabalho do Sr. Sergio de Macedo apoia-se em boa bibliografia, que não refusingo frei Vicente do Salvador, nem Gabriel Soares, chega a autores de tempos atuais, baldes de sinházinhas.

E. D.

▲ L. B. A. NA PARAIBA

Oferecido gentilmente pela Exma Sra. Alice Carneiro, Presidente da Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência na Paraíba, recebemos um interessante album ilustrado em que a Exma esposa do Sr. Interventor Ruy Carneiro expõe, sob a forma de relatório dirigido à Exma. Sra. Darcy Vargas, as atividades da Legião desde a sua fundação até agora. E' uma síntese perfeitamente documentada do que a L. B. A., em pouco mais de um ano, realizou naquela unidade federativa, tudo decorrente de um labor constante e infatigável dentro dum vasto programa de assistência social.

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo Médico de Buenos Aires.

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367.

Novoa

A DAMA DE BRANCO — Wilkie Collins. — Romance. — Tradução de Enéias Marzano — Rio. — 1944.



Wilkie Collins é um romancista inglês bastante conhecido. Grande parte da sua produção foi escrita em colaboração com o imortal Dickens. E' um romancista que se deixa arrebatado pelo seu temperamento ardente, dando-nos no enredo de suas novelas de amor, muito da exaltação da sua alma. Há nos seus livros um ambiente de mistério e de fantasia, que se equilibram com uma sólida preparação científica, pouco comum na maioria dos escritores desse genero.

Aliás, é sabido que o escritor inglês, rendia tributo à ciência. Suas obras fazem lembrar, em campo um pouco diferente, a Conan Doyle. Também como teatrólogo, teve Wilkie Collins um sucesso apreciável, sendo ainda hoje representadas diversas peças de sua autoria. A tradução é boa e por certo a obra agradará aos apreciadores do genero. Trata-se de um romance popular, de ação movimentada, com uma ponta de mistério e onde o amor transparece em muitas páginas. Apresentação decente.

FURIA E OUTRAS HISTORIAS. — Silvio Rodrigues. — São Paulo. — 1944

Isso de se querer impingir sistematicamente má literatura escrita em português errado, sob a capa ampla e vaga de modernismo ou o que seja, já se vai tornando um veso entre nós. Se a lingua é feita pelo povo, e a gramática nada mais é que a sistematização da linguagem, a sua exposição organizada, — melhor seria não levarmos em conta nenhuma regra e escrever à vontade. Afinal, é preciso um certo respeito pela lingua.

Póde um autor seguir o seu temperamento, as suas inclinações, sem entretanto fazer tabula rasa das leis gramaticais. Não vemos que beleza ha, em colocar um pronome erradamente, só para mostrar independencia. Ou existe uma gramática e se escreve de acordo com as suas regras, ou teremos o caos na literatura. Não me consta que os verdadeiros cultores da lingua, os escritores que nos legaram obras impereciveis, carecessem de independencia de espirito.

Evidentemente tudo evolue, e não poderíamos exigir uma estratificação no modo de escrever. Entretanto... *modus in rebus*. Tudo isto a propósito de "Fúria" do senhor Silvio Rodrigues e de todos os que insistem em ser originaes seguindo este caminho.

Há alguns contos bem urdidos, com um sabor local, que, entretanto, ficam prejudicados pela insistencia em abusar de expressões populares, em frases comecadas por pronomes.

O difficil em arte é justamente conseguir interpretar os sentimentos mais comuns de forma elevada. Não é possível deixar inteiramente de lado a forma.

FLAMA SAGRADA. — Stella Leonardos da Silva Lima. — Rio. — 1944.



Recebemos mais um livro de Stella Leonardos da Silva Lima. E' bem promissora a carreira ainda incipiente desta jovem poetisa brasileira, de quem já havíamos tido ocasião de ler outras obras. *Flama Sagrada* é uma peça histórica, passada em Lisboa, no século XVIII. A peça é em versos, em que o encanto e musicalidade do estilo, não prejudicam o sentido propriamente histórico do livro.

As intrigas da corte, o estudo da psicologia dos personagens, entremeiam-se com a poesia leve, com os amores de D. Alice de Valfor, dando à obra um encantamento todo especial. Ha naturalmente muita candura e um pouco de ingenuidade, compatíveis aliás com a idade da autora.

E' realmente uma obra de leitura agradável. Esperemos que a senhorita Stella prossiga, confirmando as suas qualidades de poetisa. E teremos mais uma figura feminina na literatura brasileira, quando tão escassas vêm sendo, em quantidade e em qualidade, nos tempos que correm. A contribuição da mulher, no campo das letras, não é prescindível, mas precisa vir apurada.

FESTA NA SOMBRA. — Haydée Nicolussi. — Rio. — 1944.



Este é o livro de estréia de Haydée Nicolussi. Entretanto, foi ela sempre uma escritora. Natural do Espirito Santo, iniciou sua carreira literária numa revista local. Desde logo se destacou pela originalidade de estilo e pela audácia das idéias, que revestia sempre de uma forma nova e brilhante. Cultiva as artes com verdadeiro e apaixonado entusiasmo, concluindo agora o curso de Conservador de Museus. Atualmente colabora em diversos jornais e revistas, sendo o seu nome bastante conhecido. Chegou mesmo a ser premiada num concurso de contos. Seu espirito vivo e forte analisa por vezes o tema social, tendo ela em preparo uma novela em que aborda esse tema. Acreditamos que *Festa na Sombra* irá revelar uma nova e forte poetisa brasileira, pois nelle se encontram alguns trabalhos apreciáveis e revelando o pendôr poético espontâneo da autora: *Duvida Inutil*, *Discurso ao Hospede*, *Festa na Sombra*, por exemplo, valem essa recomendação.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Sua RESPONSABILIDADE...
Sua SATISFAÇÃO!

CONFIANTE, a criança recebe os ensinamentos maternos, duplamente preciosos, pois, os hábitos agora adquiridos duram toda a vida!

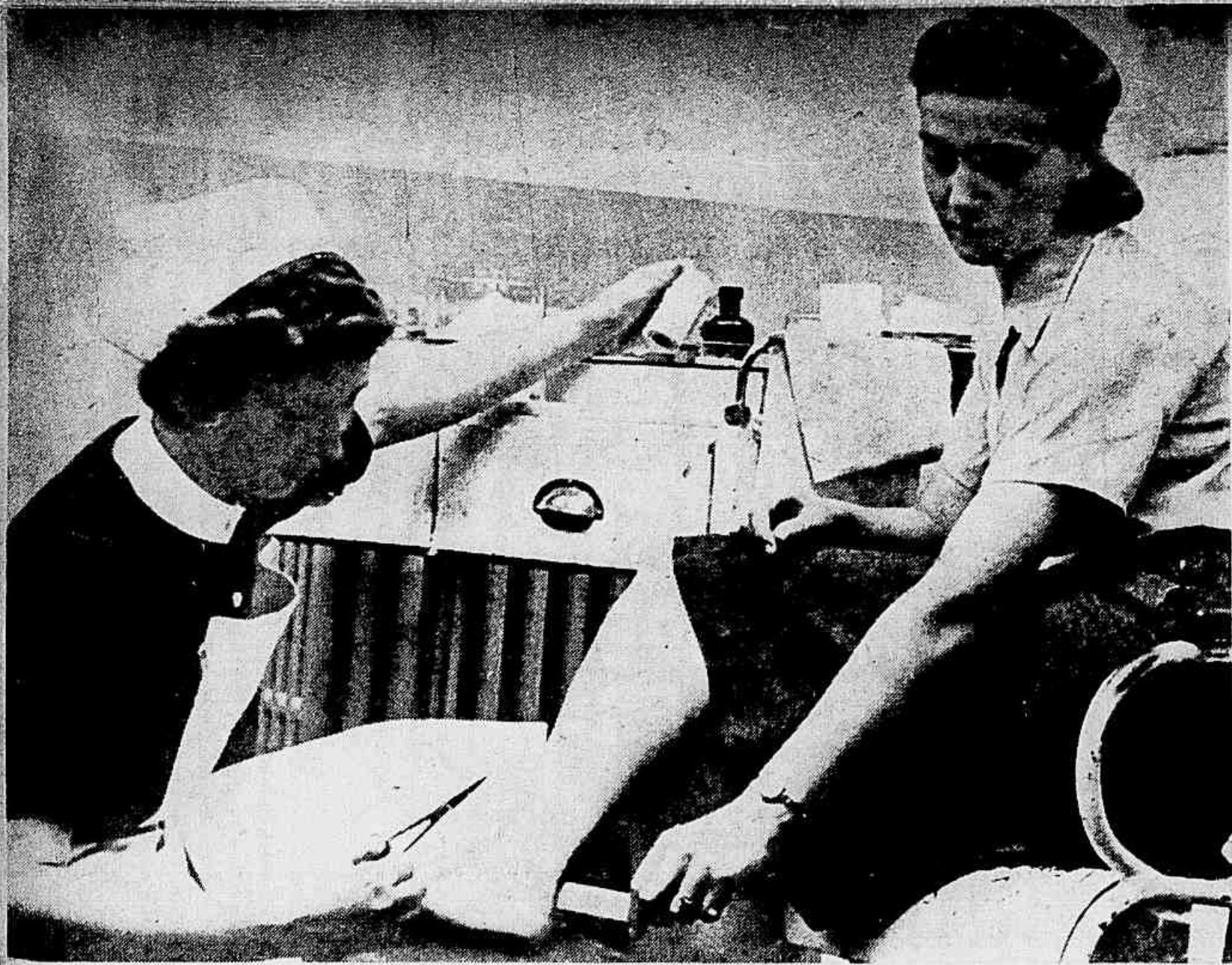
Acostume-a a escovar os dentes todos os dias com um dentífrico puro, de ação suave, capaz de assegurar uma higiene bucal perfeita. O Creme Dental Squibb é o preferível, porque não contém substâncias raspantes ou

adstringentes — absolutamente nada que possa estragar o esmalte ou irritar as gengivas. E como gostará de usá-lo! O sabor delicioso e a admirável sensação de frescor que o Creme Dental Squibb deixa na boca são o encanto de todas as crianças. Compre um tubo hoje mesmo. Use-o também e recomende-o a todos, porque ele traz o Selo da Casa Squibb, um nome de confiança.



**CREME DENTAL
SQUIBB**

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA



NA ENFERMARIA DE UM CLUB PARA OPERARIAS.
UMA ENFERMEIRA CUIDA DE UMA JOVEM TRA-
BALHADORA QUE TORCEU UM DOS PE'S.



OPERARIA DE UMA FABRICA DE TANKS, AINDA COM O TRAJE
DE TRABALHO, CONVERSA COM UMA ENFERMEIRA.



SABOREANDO O ALMOÇO.



Londres, MARÇO — Depois do início da guerra aumentou sempre o total de homens e mulheres que, anualmente, vem entrando para as fábricas britânicas, produzindo uma quantidade cada vez maior de canhões, tanks e aeroplanos. Em 1942 triplicou a produção de bombardeiros pesados. Em Julho do mesmo ano a produção de veículos blindados, inclusive tanks, quadruplicou em relação a janeiro de 1941. E em março, a produção de suprimentos destinados ao exército, canhões, munições, etc. — era três vezes superior à do começo do conflito. Presentemente a produção em todas as esferas da industria bélica aliada vai além de tudo o que foi sonhado em 1939 e, em muitos casos, é três vezes maior do que a das potências conjuntas do Eixo.

Esses resultados significaram a migração de trabalhadores britânicos das suas residências para as zonas onde se encontram as fabricas de guerra, o que criou varios problemas. Muitos operarios foram alojados em

NA SALA DE COSTURA.

CLUBES PARA

casas particulares, perto das fábricas. E muitas jovens; que trabalham de 8 à 12 horas diariamente, verificaram que nada tinham a fazer à noite, nem parentes, nem amigos para visitar e, muitas vezes, não dispoendo de oportunidades de recreio, de facilidades para a lavagem ou confecção das suas roupas.

De maneira que se criaram clubes para o seu uso, dirigidos por mulheres que já tinham alguma experiencia nesse gênero de trabalho. Ali as jovens podem levar os seus amiguinhos sempre que o desejem, havendo danças e outros divertimentos. Podem tomar banho e cuidar dos cabelos, costurar à máquina ou lavar a sua roupa. Concorreram com auxilio, para esse fim, a Sociedade de Auxilios de Guerra, dos Estados Unidos, a Associação Nacional de Clubes de Moças — uma antiga instituição britânica — e o Ministerio do Trabalho, que também estabeleceu um certo número de centros recreativos. Esses centros ficam abertos de 10 às 22 horas e podem

NEM MESMO A MANICURA FALTA NOS CLUBES.





JOVENS OPERARIAS PASSANDO OS SEUS VESTIDOS.



NA CANTINA E' SERVIDA UMA SUCULENTA REFEIÇÃO

OPERÁRIAS

acomodar perto de 1 500 operarias possuindo cantina, salões, bibliotecas, etc.

Perto de muitas fábricas há hotéis residenciais que, por sua natureza, são ao mesmo tempo clubes. Envidam-se todos os esforços para que haja uma atmosfera lembrando a do lar. Os quartos de dormir ficam em 21 edifícios, havendo uma pessoa encarregada da fiscalização de cada um e, para evitar que o sono das trabalhadoras seja perturbado, todos os ocupantes de um edifício trabalham no mesmo turno.

As refeições são servidas em grandes refeitórios, no sistema dos bars automáticos, levando cada pessoa a sua bandeja e servindo-se do que deseja. Há igualmente uma enfermaria, com enfermeiras competentes, bem como cabeleireiras. Quando há acomodações disponíveis, as operarias podem convidar parentes ou amigos íntimos para passar, no hotel, um período de tempo que não pode ir além de sete dias.

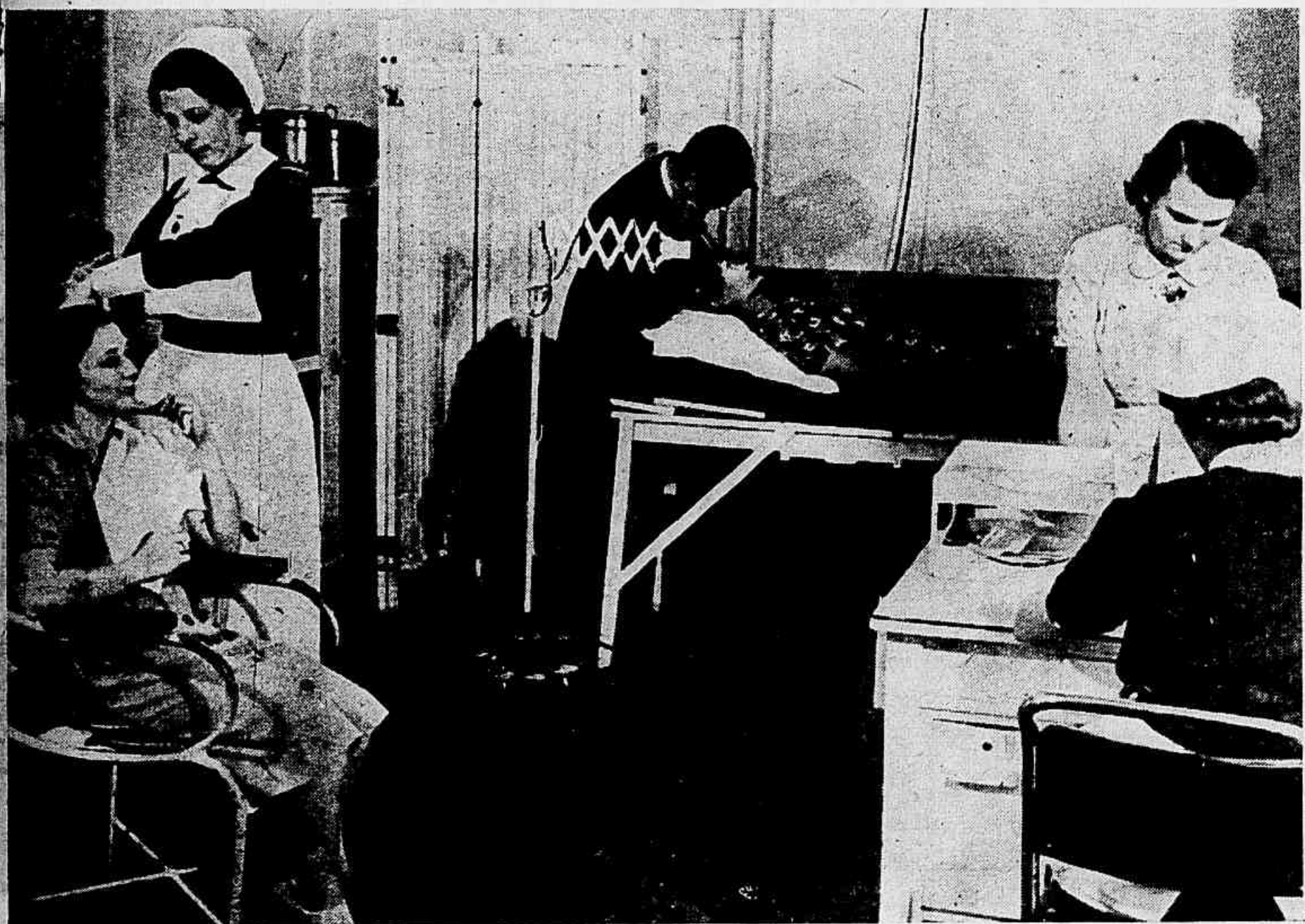
Nos grandes salões há toda espécie de jogos. Um cinema funciona duas vezes por semana e, algumas vezes, retiram-se as cadeiras de uma sala e é organizado um baile. Com esses clubes e hotéis a Grã-Bretanha conserva os seus trabalhadores satisfeitos e em boas condições físicas, para que possam levar a cabo com a maior eficiência o seu trabalho tão vitalmente importante.



MUITAS FABRICAS POSSUEM UM MEDICOXE UMA ENFERMEIRA DE PLANTÃO, NA FOTOGRAFIA VÊEM-SE ALGUMAS OPERARIAS DE MUNIÇÕES RECEBENDO CURATIVO.

ESTE GRUPO DE JOVENS ACABA DE CHEGAR A UMA FABRICA. AS MOÇAS RECEBEM EXPLICAÇÃO SOBRE A SUA NOVA VIDA.

NO CABELEIREIRO.



O serviço religioso na guerra



Uma capela, típica, desmontável do exército norte-americano.

O serviço religioso para os homens no Posto da Guarda consistia de um pequeno sermão e de alguns hinos executados por um grupo de cantores. Quando o serviço terminava, o capelão sugeria: "Se algum de vós é católico e deseja confessar-se comigo alguns minutos, estarei no auditório dentro de pouco tempo".

O primeiro a procurar o capelão foi um alto e espadado rapaz, com um fundo de melancolia no olhar. "Capelão, começou ele embaraçado, eu estou aqui porque fui apanhado. A verdade é esta: fugia".

O capelão fez com a cabeça que entendia. No fim de contas ele era um padre e o outro era um soldado, e tal informação não podia surpreendê-lo. Em vez de lhe perguntar de que estava fugindo, interessou-se em descobrir para onde fugia ele.

"De que região é você?" perguntou-lhe.

"Eu? respondeu o soldado. Sou de Minnesota. O senhor não conheceria o sitio se eu lho dissesse. Um pequeno e velho lugar. Mas bonito... um lago".

O soldado animava-se agora. Os seus olhos fixavam-se num ponto vago, distante, para além do padre. Talvez o lago...

"É do campo?"

"Sim, padre. Os meus velhos possuem um bom bocado de terra.

"E o que se faz nesta época do ano em Minnesota?"

"A debulha. E nós compramos agora uma nova debulhadora. Os olhos do soldado cintilavam. "Mas, comigo fora, não há lá ninguém que saiba manejar". Calou-se. O padre completou a informação, pois ele estava agora a par do que se passava neste soldado católico. "E você pensou ir numa corrida até Minnesota e prestar o seu auxílio. Mesmo que tivesse de viajar clandestinamente... O padre sorriu, e o sorriso rapidamente se refletiu na face do rapaz. "É isso Padre. Eu não pretendia desertar".

O dever do capelão é descobrir o que se passa no íntimo de um soldado. O poder que decide a vitória é o poder humano, e este só atinge a sua plenitude quando a alma é sã.

O capelão tem a delicada e importantíssima tarefa de observar mais do que as necessidades espirituais dos homens em serviço. Essas necessidades são intangíveis e inumeráveis, mas o padre, vivendo a vida do soldado, zelosamente as descobre. No posto de guarda, no hospital, nas manobras, no campo deserto e nas planícies do Alasca, os cape-

lães estão hoje tentando descobrir e resolver os problemas de um exército em tempo de guerra.

Quando os Estados Unidos se puseram a organizar e a equipar o exército foram editados mapas azuis com algumas cruzes distintamente marcadas. Estas eram os pontos onde as capelas deviam ser erigidas. Atualmente há confortáveis e atrativas capelas para todos os tipos de serviço. Para cada 1.200 homens aproximadamente há um capelão. Isto marca um profundo contraste com o que se passou na guerra, período em que as capelas eram ambulantes e assistidas pelos que se dispunham a isso. Hoje não se trata, evidentemente, de compor os soldados a assistirem aos serviços religiosos, mas há um definido encorajamento das autoridades e sempre transportes adequados quando é necessário percorrer qualquer distancia.

Nas próprias fileiras o capelão tem o seu lugar no exército. A sua patente pode ir de tenente a coronel.

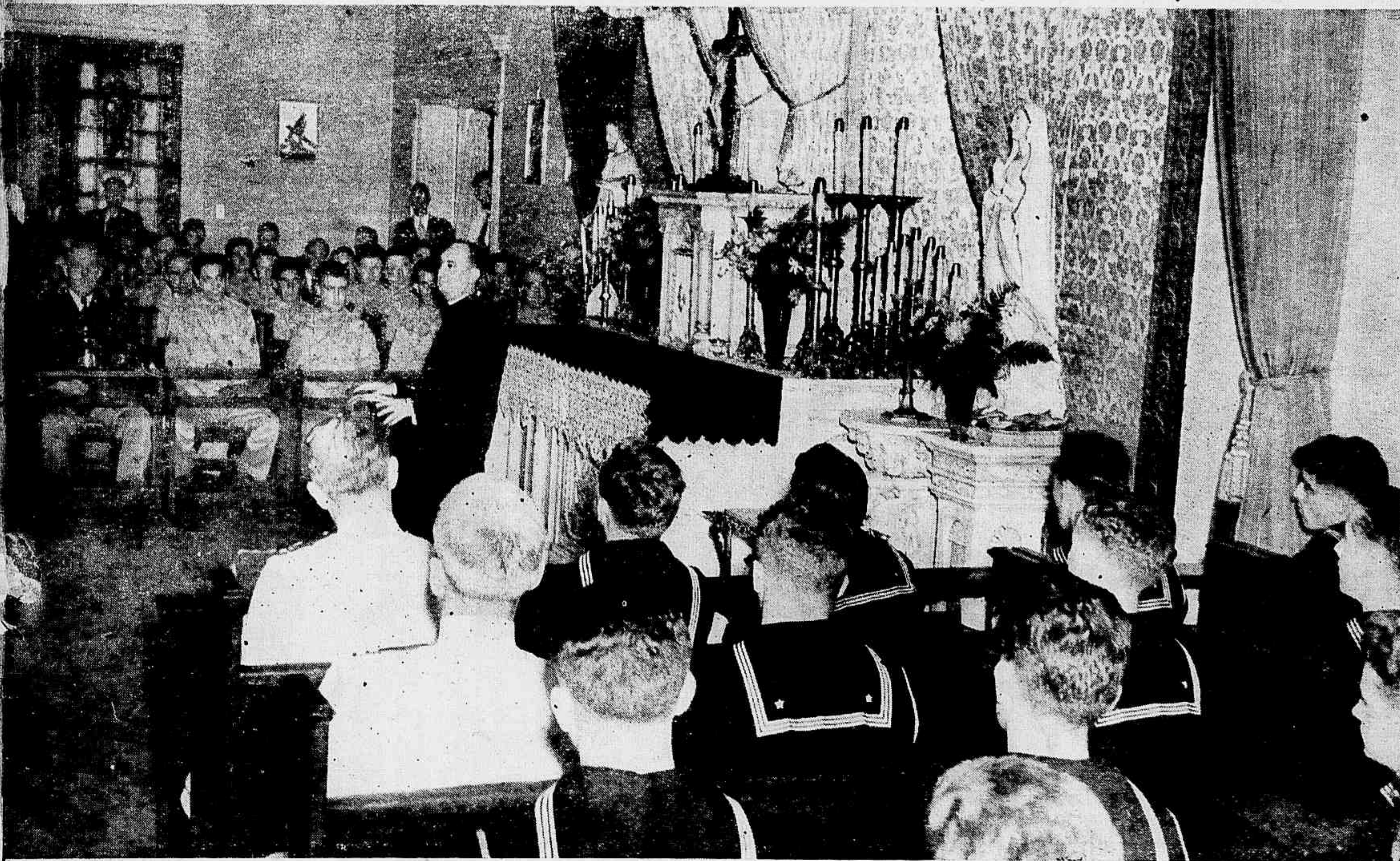
Um capelão nunca é requisitado para pegar armas em combate, mas pode acompanhar os seus homens na batalha e estar com eles nos casos desesperados em que feridos na luta, desejem receber a consolação da igreja.

Disse Holmes que a guerra é "muitas vezes a cirurgia de grandes erros e que alguma coisa má se vai com ela".

Aceitando esta expressão, é fácil compreender o lugar do capelão na cena de guerra. E' sua tarefa concorrer com perícia e equipamento na operação em que a sociedade amputará as partes malinas e deixará somente os tecidos sãos. Preparado durante anos num seminário, fortalecido pelo poder do próprio Cristo, o padre entra no serviço do seu país pronto e deseioso de lhe prestar assistência. Ele faz melhores soldados daqueles de quem se abeira; alivia a agonia dos que morrem, "um milhar de mortes" por falta de coragem, e conduz à eternidade os que encontra no ultimo sopro de vida.

Um relatório de há poucos meses atrás referiu que 943 capelães católicos estavam em serviço. Indubitavelmente esta cifra tem aumentado desde então. E' com orgulho, fé e confiança que o mundo cristão verifica que onde a bandeira da liberdade está, está também a cruz, e quando a paz voltar a este conturbado mundo achará a bandeira e a cruz de novo triunfantes em todo o céu azul que cobre o mundo.

Visão interior da capela, em hora de prece.



O ANJO DA GUARDA

(Novela de E. C. BENTLEY,
traduzida especialmente para
a REVISTA DA SEMANA).

— Não sei a causa de todo aquele mistério, mas tenho a impressão de que é coisa séria.

Arthur Selby sentou-se ao lado de Philip Trent num sofá, no salão do Clube Lansdowne.

— Nós, advogados, estamos acostumados com essas histórias complicadas, mesmo em firmas que, como a nossa, não aceitam causas criminais. Sabemos de muitas ações mais ou menos vergonhosas de muitos aristocratas famosos. Nem sei o que é mais repelente: si um homicídio comum ou uma dessas intriguinhas, chantagens ou furtos honestos que ocorrem tão frequentemente em nossa alta roda. Despeito, por exemplo. Eis aí um motivo para perseguições e negócios inconcessíveis. Você era capaz até de não me acreditar si eu lhe contasse o que tenho visto gente de boa família fazer. Era até capaz de não me acreditar.

A repetição significava que ia desafiar a credulidade do interlocutor com um desses escândalos mundanos que, não obstante a maior discreção, transpiram, via entrada de serviço, e vão deliciar línguas ferinas.

— Em geral — prosseguiu — trata-se de parentes. Tara, sabe? Tivemos um cliente, que morreu pouco antes da minha entrada para a firma. Snow contou-me...

— Nesse ponto, ele fez uma pequena pausa. Inclinando-se sobre Trent, com ar grave e tom de voz apropriado, murmurou-lhe, quasi ao ouvido, os horrores que o homem tinha feito. Coisa para arrepiar os cabelos de uma solteirona...

Em seguida, passou a discutir outros assuntos mais leves e talvez mais apropriados ao momento. Digeriam ambos um excelente jantar e o mau procedimento do aristocrata poderia interferir nesse importante processo.

— Queria pedir-lhe um conselho — confessou, de repente, o advogado, no meio da conversa.

— Estou às ordens. — Trent dispôs-se a ouvir a consulta do outro.

— Trata-se de um cliente nosso, que morreu há coisa de uns quinze dias. Imagine você que eu fui encarregado de tratar dos seus papeis. Landell não é muito conhecido. Você, com certeza, nunca ouviu falar nele. Nada fez de extraordinário. Tinha, entretanto, um passatempo curioso. Possuía um magnífico jardim de plantas tropicais, que ele mesmo conservava com muito carinho. Poderia ter sido um homem famoso, pois talento e cultura não lhe faltavam, mas acontece que não tinha força de vontade. Venceria na vida si encontrasse alguém para lutar por ele, alguém que tratasse de seus negócios e o fizesse trabalhar. Uma pessoa, de preferência mulher, que o guiasse e amparasse. Na universidade, Landell foi um aluno brilhante. Foi colega do meu sócio e eu só queria que você ouvisse as histórias que Snow conta! Ele estudava somente as matérias que lhe agradavam, mas estas conhecia melhor do que o próprio professor. Snow foi muito amigo dele. Ambos eram admiradores de Lewis Carrel. Tinham ainda em comum o passatempo, porque Snow também tem na sua casa um jardim de plantas tropicais, si

bem que o seu não seja tão famoso quanto o de Landell. Turistas e colecionadores de plantas tropicais veem dos quatro cantos do mundo admirar o jardim de Landell.

Landell casou-se tarde. Tinha cinquenta anos quando desposou Mary Archer, filha de um oficial de marinha. A noiva era vinte anos mais moça do que Landell e o enlace despertou comentários desfavoráveis. Mas casaram-se, a despeito da desaprovção evidente dos amigos. A moça parecia muito apaixonada; fazia questão, mesmo, de demonstrar a sua afeição em público — o que me parecia um exibicionismo perfeitamente dispensável. Em todo caso, os dois pareciam muito felizes; e era quanto bastava. Foi eu quem redigiu o testamento dele, legando toda a sua fortuna à mulher, caso morresse sem filhos. Snow e eu fomos nomeados testamenteiros. Num testamento anterior, Landell fizera seu herdeiro universal um sobrinho, rapaz pobre e trabalhador. Vendo-o excluído do novo testamento ficamos penalizados, pois realmente, merecia a fortuna do tio. Mas, enfim, o dinheiro era de Landell, que podia dispor dele como bem lhe parecesse.

— Desculpe a interrupção — disse Philip Trent — mas por que ele nomeou dois testamenteiros?

— Bem, ele estava prevendo o que, de fato, aconteceu. Snow anda muito doente e não pode tratar de tudo. Foi por isso que eu fui encarregado de cuidar dos papeis. Mas não estou contando esta história com método. Voltemos ao casamento.

Snow e Landell continuaram a encontrar-se frequentemente após o casamento do segundo; mas, pouco a pouco, foram se afastando. Landell deixou de convidar Snow para passar fins de semana na sua casa de campo e Snow preferia que assim fosse, porque havia já algum tempo ele notara que não era simpático à mulher do amigo e não queria, de maneira alguma, semear a discórdia num lar feliz. Landell estava cada vez mais sob o domínio de sua esposa. Fazia somente o que ela ordenava. Não via mais amigos. Não saía mais. Viviam os dois isolados, no campo.

— Pelo que você me conta, não estou simpatizando muito com essa senhora Landell.

— Eu não gosto dela. Snow também não. Isso, aliás, é natural. Ela roubou-lhe o melhor amigo. Mas aí é que o caso se torna mais interessante. Landell sentia falta do amigo. Não se conformou com a vida que a mulher o obrigava a levar. Tentou, várias vezes, livrar-se dela, mas não conseguiu. Lembro-lhe aqui o que já disse a respeito dele. Antes suportar aquela megera a envolver-se num escândalo. Landell mais uma vez deixou-se levar pelos acontecimentos, sem fazer o menor esforço para libertar-se. Passaram vários anos. Há um mês, mais ou menos, chegou uma carta para Snow. Era da mulher de Landell, informando que o marido estava de cama e precisava vê-lo com urgência. Tinha uns negócios a liquidar e ficaria muito grato si Snow quisesse ter a bondade de ir lá. Snow não podia, é claro. Estava também de cama. Mas eu fui. Mandeí um telegrama, explicando tudo, e parti.

Quando cheguei, a senhora Landell

levou-me imediatamente para o quarto do marido, explicando que ele não estava passando muito bem, mas que esperava impacientemente a minha chegada. Subi, tentando adivinhar que negócios tão urgentes eram aqueles.

Ao ver Landell, fiquei impressionado. Ele mal podia falar. Havia uma enfermeira no quarto. A sra. Landell mandou-a sair. Ficamos a sós com o doente, eu e ela. Pelo que tinha ouvido falar da sua personalidade já esperava por isso. Ela não me deixaria falar em particular com o marido. Landell começou a explicar o que queria. Era um plano de emprêgo de capital que ele exigia fosse posto em prática imediatamente. Sabia muito bem o que queria. Conhecia o assunto melhor do que eu. Por isso, estranhei que me tivesse chamado. Afinal de contas, qualquer pessoa que soubesse ler e escrever

— Um dia perdido? Quer dizer que ele podia ter ditado a carta à mulher, sem ter que incomodá-lo?

— E' isso mesmo. A esposa ou qualquer outra pessoa que soubesse ler e escrever, como já disse. Tudo aquilo foi um pretexto. Eu sabia disso e ele sabia que eu sabia. Mas a mulher nos vigiava de perto. Escutava com atenção o que nós dizíamos e, quando terminamos, pareceu satisfeita. As instruções de Landell foram cumpridas e ele assinou os papeis. Sei disso porque, mais tarde, quando fiz o inventário, após a morte dele, verifiquei si as transações tinham sido realizadas. Eu desconfiava muito da mulher, mas, ao que parece, ela não se intrometeu nisso.

Quando o amigo acabou de falar, Trent olhou-o, indagando com os olhos a causa daquela história. Sabia que Selby não lhe contaria tudo aquilo si não qui-



poderia ter tomado nota do que ele queria; a minha viagem fora inútil. Não havia nada para combinar. Era só tomar as suas ordens e executá-las. Entretanto, fez questão de perguntar a minha opinião todas as vezes, como que para fazer crer à mulher que sabia menos do que ela pensava, que aqueles assuntos lhe eram completamente estranhos e que precisava de alguém que realmente pudesse guiá-lo. Em seguida, pediu-me que escrevesse uma carta. Quando acabei de escrevê-la, a seu ditado, ele a assinou. Era uma carta de instruções ao seu corretor. Ia vender algumas ações que a mulher já preparara; estavam todas separadas num envelope. Foi só. O carro me esperava para levar-me à estação, e eu voltei a Londres, chegando a tempo para jantar. Foi um dia perdido.

Trent ouvira tudo isso com grande atenção.

sesse que ele colaborasse no caso de algum modo.

— Que é que você acha de tudo isso?

— Você tem certeza de que há mesmo um mistério, de que você não imaginou isso tudo?

— E' claro que há alguma coisa. A mulher evidentemente não sabia que ele conhecia muito bem finanças melhor até do que eu e Snow, e por isso não desconfiou de nada. Mas, si Landell realmente tivesse querido uma pessoa que o aconselhasse, não teria mandado chamar a mim ou a Snow, mas sim ao seu corretor, que era a pessoa naturalmente indicada.

Trent não respondeu. Ficou uns instantes, a contemplar o charuto que tinha entre os dedos. Quando falou, sua voz traía a indecisão que sentia.

— Você, sem dúvida, tem razão. Parece mesmo que havia qualquer coisa

de extraordinário, qualquer coisa de — para usar um eufemismo — pouco honesto. As aparências são, realmente, contra a mulher de Landell, mas eu nunca me aventurei a fazer uma acusação definitiva sem ter provas. E que provas tem você, afinal de contas? A sra. Landell, por enquanto, nada fez que a compromettesse. Separou o marido dos amigos. Isso, entre mulheres ciumentas, é coisa comum. Levou-o para o campo para poderem viver isolados; isso vem confirmar a teoria de que se trata, simplesmente, de mulher demasiado ciumenta, que fazia o marido infeliz; ora, contra isso, não há ainda, infelizmente, nenhuma lei. A mulher pode atormentar o marido até ao infinito, sem temer castigo. E nada nos autoriza a acreditar que haja alguma coisa de mais grave do que um ciúme exagerado. Nada nos autoriza a acreditar que essa mulher...

— Pelo amor de Deus, Trent, você não me compreendeu. Eu não quis dizer que ela tivesse... Nossa Senhora, si ela soubesse disso processar-me-la por calúnia.

— Vocês, advogados, têm um medo de botar os pontos nos ii...

— Mas, Trent...

— Descanse. Não direi a ninguém o que você me revelou.

O advogado suspirou.

— Bem, eu vou indo — disse Trent. — Pensarei no caso que você me contou e dir-lhe-ei si tiver alguma idéia...

— Obrigado, Trent. Adeus. Esses detectives...

— De nada, Selby. Adeus. Esses advogados...

Trent encontrou, facilmente, a casa que procurava. Estava situada bem no meio de um bosque, numa elevação. Empurrando a cancela, entrou na propriedade e dirigiu-se para a casa.

Uma criada veio atender à porta e ele disse que desejava falar com o sr. Landell. Tinha ouvido falar no jardim de plantas tropicais do dono da casa, confessou, e como sabia que já várias pessoas tinham obtido permissão para visitá-lo, queria saber si a ele também seria concedido esse privilégio. Enquanto falava, uma mulher alta e bela apareceu.

— Sou Mme. Landell. Ouí o que disse. Vejo que nada sabe da desgraça. Meu marido morreu, faz pouco menos de um mês. — Trent murmurou as condolências da praxe.

Ela interrompeu-o: — Não vá embora. Veio de longe, com certeza, para admirar o jardim do meu marido, não quero desapontá-lo. Meu marido não consentiria que o senhor fôsse embora sem examinar as suas lindas plantas!

— E' um jardim famoso. Ouí falar dele muitas vezes e por diversas pessoas. Uma delas a senhora, sem dúvida, conhece: é Arthur Selby, o advogado.

— Conheço. Ele e o sócio eram os advogados do meu marido. Mostrar-lhe-ei onde fica situado o jardim. Tenha a bondade de seguir-me.

Ele acompanhou-a até ao jardim, que ficava nos fundos da casa.

— Não posso acompanhá-lo. Nada sei de plantas tropicais. Meu marido é que entendia disso. Em todo caso, o senhor, como conhecedor, não achará dificuldades. Pode admirar à vontade. Quando quiser retirar-se, chame a criada. Com sua licença.

As plantas eram lindas. O terreno rochoso prestava-se admiravelmente ao seu cultivo e, além do mais, era evidente

que eram tratadas com carinho especial. Mas para Trent a coleção admirável não tinha maior interesse porque, afinal de contas, também ele não sabia nada de plantas tropicais. Passeou de um lado para outro, examinando com atenção tudo o que o rodeava.

Um fato curioso chamou a sua atenção. Entre o grande número de plantas que compunham a coleção, sete tinham a etiqueta com um nome em latim. Os nomes não apresentavam significação especial para Trent, mas o fato de estarem etiquetadas somente sete plantas pareceu-lhe curioso. Eram possivelmente aquisições recentes. Mas por que as etiquetas? Talvez para chamar a atenção de Snow, quando viesse vê-las. Landell mandara chamar Snow, mas Selby viera em seu lugar. Outra coisa: o negócio que Landell queria liquidar era de somenos importância. Por que, então, tanta urgência no chamado? Esperava poder discutir o assunto, em particular, com o amigo? De maneira alguma. Conhecia bem a mulher e sabia que ela não os deixaria a sós um único instante. Por que, então? Para dizer a Snow que visitasse o jardim. Ali havia uma mensagem para o amigo, mas escrita de que forma? Em que código particular e intraduzível fôra redigida a mensagem que se ocultava sob a aparência inocente daqueles nomes em latim? Landell, evidentemente, quisera comunicar-se com Snow, porém sem que a esposa percebesse. Mas como traduzir agora o que escrevera? Snow estava longe e doente. Não poderia preocupar-se com aquela adivinhação. A Trent cabia fazer o possível para descobrir a significação das palavras.

O seu raciocínio confirmava as suspeitas que tivera. Chamado à casa sob um pretexto qualquer, Snow não pudera vir, e isso transformara irremediavelmente os planos de Landell.

Trent tornou a examinar as etiquetas. Em seguida, tirou do bolso lapis e papel e começou a copiar os nomes para estudá-los em casa: *Armeria Hallerii*, *Arcana Otnematse*, *Saponaria Galspitosa*, *Acantholimon Glumaceum*, *Cartavacua Sineirii*, *Veronica Incana*, *Ludovica Caroli*.

Quando acabou de copiá-las Trent já tinha descoberto a mensagem. A princípio o latim o despistara, mas agora sabia de tudo.

Selby já esperava a visita de Trent. Quando o outro lhe dissera que ia refletir sobre o assunto, ele ficou certo de que Trent ia investigar a morte de Landell. Surpreendeu-o, entretanto, o que lhe disse o detective. Não era para menos. Confiara a ele um assunto de grande importância e que parecia ser trabalhoso e demorado, e agora ele vinha informar não só que descobrira o mistério, mas também que Landell não fôra, como ele parecia pensar, assassinado.

Selby sentou-se na sua poltrona para poder refletir. O advogado, através de muitas experiências amargas, chegara à conclusão de que o seu porte, não muito elegante, nas horas de preocupação, perdia o apuro que a custo ele lhe imprimia e não raro assumia posição grotesca que salientava a bem perceptível dilatação de seu estômago e provocava a hilaridade dos espectadores.

— Onde você esteve?

— Visitando o jardim de plantas tropicais do nosso amigo Landell.

— Como?

— Não há motivo para tanto espanto. Apresentei-me como um colecionador, que

não sabia da morte de Landell e a mulher me deixou entrar.

— Você tem uma audácia...

— Bom, mas isso não vem ao caso. Acontece que eu descobri também todo o mistério que tanto o atormentava. No jardim. Raciocinando bem, não podia ser noutro lugar. Era o único lugar que interessava a Landell e a Snow, que ele mandara chamar, e sobre o qual a mulher nada sabia; provavelmente raramente o visitava. Não poderia encontrar lugar mais apropriado para deixar para o amigo uma mensagem de que sua mulher não tivesse conhecimento. A mensagem estava nas novas plantas que recentemente adquirira.

— Como?

— Havia sete novas plantas no jardim. Todas recentemente compradas e todas com etiquetas nas quais se achavam escritos os nomes. Nomes em latim. Quatro deles eram autênticos, conforme mais tarde pude verificar. Foram postos ali, com certeza, para distração. Agora os três restantes não são nomes de plantas. Nada têm a ver com a planta a que estão amarrados. Só isso bastaria para despertar o interesse e as suspeitas.

Trent tirou do bolso uma folha de papel na qual escrevera os três nomes em questão.

— Veja si consegue decifrar o que significam.

Selby leu e releu os nomes, mas teve que confessar, por fim, a sua ignorância. Trent tomou a folha e leu, em voz alta.

— *Arcana Otnematse*, *Cartavacua Sineirii*, *Ludovica Caroli*... Foi esta última que me fez descobrir a mensagem. Lembra-se da nossa conversa de há algumas semanas? Você me disse que tanto Landell como Snow eram fãs de *Lewis Carroll*, imortal autor de "*Alice no País das Maravilhas*". *Lewis* — *Luis*. Como se traduz isso para o latim? *Ludovicus*! *Ludovica Caroli*... *Lewis Carroll*! O autor de "*Alice no País das Maravilhas*"! Vejamos o segundo nome. Sabemos agora que se trata de qualquer coisa que se refere à obra desse escritor. *Cartavacua Sineirii* — latim autêntico misturado com latim macarrônico... *Cartavacua* — Carta quer dizer mapa, *vacua* quer dizer vazio... O mapa vazio do... Lembra-se?

— Claro! Quem poderia esquecer os versos de "*Alice no País das Maravilhas*?

"Comprara um grande mapa representando do mar,

Sem o menor vestígio de terra,

E a tripulação ficou muito satisfeita ao

[descobrir que se tratava de um mapa que todos compreendiam."

— O mapa vazio de sineiro! E há, no livro, uma ilustração...

— E' evidente que Landell queria dizer ao amigo que procurasse na biblioteca o exemplar de "*Alice no País das Maravilhas*"...

— Mas... o que?

— *Arcana Otnematse*... *Arcana* — distração em latim... Inverta *otnematse* e terá "testamento"... Estamento? Testamento!

— Meu Deus! E' isso mesmo! Você descobriu o mistério. Landell deixou um novo testamento escondido no mapa vazio do sineiro, no seu exemplar de "*Alice no País das Maravilhas*"!

Selby falou pelo telefone com a secretária.

— Si vier alguém me procurar, diga que eu estou muito ocupado! Marque uma hora amanhã.

O embaraço de Selby era grande. Mme. Landell, ao contrário, demonstrava a maior calma. Ao ver entrar o advogado, seguido de Trent, que já conhecia, franzira as sobrancelhas, intrigada. Mas isso durou um instante. Logo a sua fisionomia voltou à impassibilidade anterior.

Selby explicava-se.

— Trouxe o sr. Trent comigo para me ajudar a pôr em ordem uns papéis do seu marido. Ele me contou que já a conhece.

Mme. Landell olhou-o.

— E' verdade. Ele veio visitar o jardim de plantas tropicais do meu marido. Disse que era amigo do senhor.

Selby disse que fôra isso mesmo. A viúva continuou:

— Que os traz aqui? Será que houve alguma dificuldade na venda das ações, conforme o desejo de meu marido?

Agora estava preocupada. A possibilidade de perder o dinheiro a inquietava.

Selby encarou-a com firmeza. Trent nunca o vira com aquela expressão severa.

— Tranquile-se, Mme. Landell. Não se trata disso. Sinto informar-lhe que tenho informação segura de que seu marido fez um novo testamento que se acha escondido nesta casa. Sendo assim, é meu dever procurá-lo para que se realizem as últimas vontades do seu espôso.

A emoção que imediatamente transparceu no rosto da mulher era mera surpresa. Mas esta durou pouco. Abriu a boca como que para falar, mas calou-se. E não pôde mais esconder a sua irritação e incredulidade.

— Não acredito. E' tudo mentira. E' impossível. Meu marido não falou mais com Snow, ou com outro qualquer advogado. Todas as vezes que ele recebeu visitas eu estava presente. Si ele tivesse feito outro testamento eu saberia de tudo. Além do mais, é uma idéia absurda. Por que faria ele novo testamento?

— A razão que ele teve para fazê-lo, eu não sei — replicou Selby — mas tenho a certeza de que o fez. Não era necessária a presença de um advogado para tornar válido o documento. Portanto, como testamenteiro é meu dever e obrigação procurar este testamento, que, com toda a certeza, existe.

— O senhor parece estar muito certo de que ele deixou um testamento. Pois engana-se. Eu revistei a casa toda depois da morte de meu marido e não encontrei nada. Este testamento não existe.

— Não havia nada trancado, então?

— E' claro que não. Meu marido tinha inteira confiança em mim. Eu sabia de tudo o que ele fazia.

— Pode ser que a senhora tenha razão, madame. Não discuto. Mas, por descargo de consciência, terei que dar uma busca. A lei é clara. O testamenteiro, como já lhe declarei, tem o dever de verificar si não há um testamento posterior.

— E si eu não quiser que esta busca se realize? Lembre-se que sou dona desta casa, agora. E ninguém pode me obrigar a dar a minha permissão.

Selby olhou para ela, com ar superior.

— Minha cara senhora, está-se vendo que a senhora não tem a menor noção do que diz a lei. Eu fui nomeado testamenteiro do seu marido, pelo testamento que a senhora defende e que a constitui sua herdeira universal. Mas enquanto eu não estiver seguro de que esta proprie-

— Navio?
Dava azo á duvida uma luz vermelha, a piscar na escuridão da noite. Escuridão, não direi de breu, que não é o breu de sobejo escuro para referir um negror daqueles. De cégo de nascença, vá.

Céu e mar fundia-os um só carvão, sem fresta nem pique além da pinta vermelha que, subito, se fez amarela.

— Lá mudou de cor. É farol.

E, como era farol, a conversa recaiu sobre faróis.

Eduardo interpelou-me de chofre sobre a ideia que eu deles fazia.

— A ideia de toda a gente, ora essa!

— Quer dizer, uma ideia falsa. "Toda a gente" é um monstro com orelhas d'asno e miolos de macaco, incapaz d'uma ideia sensata sobre o que quer que seja. Tens na cabeça, respeito a farol, uma ideia de rua, recebida do vulgo e nunca recunhada na matriz das impressões pessoais. Erro?

— Confesso-me capaz de abrir a boca a um auditorio de casaca, se me des-se na telha discursar sobre o tema; mas não afianço que o farol descrito venha a parecer-se com algum...

— Pois eu te asseguro, sem fazer pouco no teu engenho, que tal conferencia, ouvida por um faroleiro, poria o homem de olho parvo, a dizer como o outro: Se percebo, sebo!

— Acredito. Mas perceberia melhor uma tua? retorqui abespinhado.

— E' de crer. já vivi uma inescutível temporada no farol dos Albatrozes; falaria de cadeia.

— Viveste em farol?!...exclamei com espanto.

— E lá fui comparsa numa tragedia noturna de arrepiar os cabelos. O escuro desta noite evoca-me o tremendo drama...

Estavamos ambos de bruços na amurada do Orion, em hora propicia ao esbagoar d'um dramalhão irredito. Esporeado na curiosidade, provoqueei-o.

— Vamos ao caso, que estes negrumes clamam por espetros que o povoem. E' calamidade á Shakespeare ou á Ibsen?

— Assina o meu drama um nome maior que o de Shakespeare...

— ? ? ?

— ...a Vida, meu caro, a grande mestra dos Shakespeares maiores e menores.

Eduardo começou do principio.

— O farol é um romance. Um romance iniciado na antiguidade com as fogueiras armadas nos promontorios para norteio das embarcações de remo e continuado seculos em fóra, té nossos possantes holofotes electricos. Enquanto subsistir no mundo o homem, o romance "Farol" não conhecerá epílogo. Monotono como as calmarias, embrecham-se nele, a espaços, capitulos de tragedia e loucura — pungentes gravuras de Doré quebrando a monotonia de um diario de bordo. O caso dos Albatrozes foi um deles. Gerebita meteu-se no farol aos vinte e tres anos. E' raro isso.

— Quem é Gerebita?

— Sabe-lo-a's em tempo. E' raro isso porque no geral só se metem nas torres homens maduros, quarentões batidos pela vida e descrentes das suas ilusões. Deixar a terra na quadra verdoenga dos vinte anos é apavorante. A terra!... Nós mal damos tento da nossa profunda adaptação ao meio terreno. A sua fixidez, o variegado de aspectos, o bulício humano, a cidade, os campos, a mulher, as arvores... Conhecem os faroleiros melhor do que ninguém o valor desses teias. Enlurados num bloco de pedra, tudo quanto para nós é sensação de todos os instantes neles é saudade ou desejo. Cessam os ouvidos de ouvir a musica da terra — rumorejo de arvoredos, vozes amigas, barulho de rua, as mil e uma notas d'uma polifonia que nós sabemos que o é, e encantadora, unicamente quando a segregação prolongada nos ensina a lhe conhecer o valor. Cessam os olhos de rever as imagens que desde a meninice lhes são habituais. Para os ouvidos só ha ali, dia e noite, ano e ano, o marulho das ondas ás chicotadas no enrocamento da torre; e para a vista, a eterna massa que ondula, ora torva, ora azul. Variantes unicas, as velas que passam de largo, donairosas como garças, ou os transatlanticos penachados de fumo. Figura tu a vida de um homem arrancado a' querencia e assim posto, qual triste galé, dentro d'uma torre de

pedra, grudada como craca a um ilheo. Tera' poesia de longe; de perto é alucinante.

— Mas o Gerebita...

— Uma leitura de Kipling despertara-me a curiosidade de conhecer um farol por dentro.

— O Perturbador do Trafego...

— Parabens pela argucia. Foi justamente a historia do Dowse o ponto inicial do meu drama. Esse desejo incubou-se-me cá dentro á espera d'ocasião para brotar.

Certo dia fui espiaecer ao caes — e lá estava, de mãos ás costas, a seguir o vôo dos joão-grandes e a notar a gama dos verdes luzentes que a sombra dos barcos ondeia na agua represada dos por-

tos, quando uma lancha abicou, e vi descer um homem de feições duras e pele encorreada. Ao passar por um magote de catraeiros um deles chasqueou em tom insinuativo:

— "Gerebita, como vai a Maria Rita?"

O desembarcadico rosou um palavrão de grosso calibre, e seguiu caminho, de sobrecenho carregado.

Interessou-me aquele tipo.

— "Quem é?" indaguei.

— "Pois quem ha de ser senão o faroleiro dos Albatrozes? Não vê a lancha?"

De fato, a lancha era do farol. A velha ideia deu-me cotoveladas: é hora! Fui-lhe no encalço.

— "Sr. Gerebita..."

O homem entreparou, como admirado de ouvir-se nomear por boca desconhecida. Emparelhei-me com ele e, enquanto andavamos, fui-lhe expondo os meus projetos.

— "Não pode ser", respondeu; "o regulamento proibe sapos na torre. Só com ordem superior".

Ora, eu tenho corrido mundo, sei que marosca é essa de ordens superiores. Meti a mão no bolso e cochichei-lhe o argumento decisivo. O faroleiro relutou uns instantes, mas corrompeu-se mais depressa do que esperei. Guardou o dinheiro e disse:

(Continua na página 43)



OS FAROLEIROS

Conto de Monteiro Lobato

Ilustração de Moura

OS ROMANTICOS DA TELA

Nem o mais aspero materialismo da hora presente consegue eliminar o romantismo no Cinema. Quando o último beijo tiver de ser trocado diante de uma "camera" é porque a espécie humana desde muito antes aboliu esse tributo de harmonia e de amor, porque onde o amor ainda consegue refugiar-se, no transe amargo que a Humanidade atravessa, é dentro da ficção cinematográfica, aceitem ou não esse imperativo os que ainda não hajam se confraternizado com a arte revolucionária do século... Os derradeiros românticos do mundo talvez sejam esses que desde muito longe nós acompanhávamos, à distância, através de seus languidos derriços impréssos no celuloide e trocando juras de amor com as bem-amadas. Presumia-se então que eles fossem apenas heróis da ficção. Corajosos e destemidos, magníficos e pujantes de vigor, só através do filme. Na vida real, pareciam-nos destituídas da menor partícula de interesse heroico. Puro terra-a-terra. Sem tirar nem pôr, igual ao mais burguez e vulgar dos apaixonados... Mas foi ainda a Guerra que nos prestou o serviço de mostrar o erro em que elaborávamos. O romantismo está nos "astros" do cinema, sim... Vêjam o caso de Greer Garson e Ri-

Deana Durbin e Franchot Tone.



Greer Garson e Richard Ney.



chard Ney. Eles se imortalizaram na tela, fazendo respectivamente os papéis de mãe e filho. Mãe amantíssima, heroína da Londres bombardeada pelos façanhudos germânicos. Filho extremo que se expõe à luta embora cursando Universidades ali aprendesse a ser pacifista — o tal pacifismo de que Hitler se utilizou com tanta astúcia... Mãe e filho, apenas no cinema. Na vida real, dois grandes românticos perdidos de amor, tocados de paixão... Um dia, quando o mundo não acabava de refazer-se da grata emoção do filme em que haviam ambos participado, soube-se que eram marido e mulher... — E Walter Pidgeon, no meio disso tudo, como é que ficou? — pensou muita gente, a quem a ficção cinematográfica chega a impressionar de tal maneira que se pensava poder existir na vida real também o mesmo compromisso matrimonial de Pidgeon e Garson... O outro exemplo, diametralmente oposto, é o de Deana Durbin com Franchot Tone. Fizéram um filme juntos. Não foi ainda estreado no Brasil. Chama-se "A Irmãzinha". E só por isso vivem as revistas cobertas de retratos onde ambos colam as faces, mergulham na abstração de um grande amor, parecem enamorados, noivos, amantes, apaixonadíssimos, de qualquer modo... Puro e lêde engano, como no caso do poeta. Fora dos estúdios, Franchot Tone é um cavalheiro que nada tem a dizer à "estrela". Ex-marido de Joan Crawford... Ela, uma distinta senhora a quem nenhum compromisso prende à pessoa do colega. Ex-esposa de Vaughan Paul... Apenas isso... Sim, podiam entender-se muito bem. E o mundo não se surpreenderia como no caso de Greer Garson e Richard Ney. Acontece, porém, que o idílio de Franchot Tone e Deana Durbin é pura obrigação de estúdios. E o da heroína de "Rosa de Esperança", o é de verdade...

Uma pequena diferença que muda por completo a fisionomia do caso... JOE.

Os modelos de Alina

A REVISTA DA SEMANA publica semanalmente dois novos "croquis" de Alina, conceituada figurinista européia, cujas criações por muito tempo apareceram em grandes revistas de Varsovia e Paris. São modelos exclusivos desta publicação para uso de nossas leitoras, a quem se dedicam.



◆ Vestido de seda azul-marinho. Combinado com a pala listrada azul e branco prolongada na frente da saia. Três fivelas na frente e uma atrás fecham este interessante vestido.



◆ Vestido de seda — (de preferência de cor escura) "deux-pièces" drapado dum lado e bolso. Abotoado nas costas.



GALGANDO A "CAIXA DE FOSFOROS"

Alpinistas brasileiros atingem a 1.800 metros numa arriscada excursão

A "Pedra Caixa de Fósforos", também conhecida por "Pedra dos Milagres", em Nova Friburgo, é vizinha dos famosos "Três Picos". Tem uma altitude aproximada de 1.800 metros e sua escalada vinha sendo tentada, há tempos, por um grande número de excursionistas, sem lograr sucesso.

Três valerosos escaladores do Clube Excursionista Rio de Janeiro, nova denominação do Clube Brasileiro de Excursionismo, realizaram enfim a façanha, após uma segunda investida e em quatro lances sucessivos de 6 horas de trabalho cada dia.

Abaixo transcrevemos o relatório por eles enviado ao Departamento Técnico do Clube de que fazem parte:

"Partimos da Estação Barão de Mauá no trem das 6/55 hs.; do dia 29 de Janeiro, rumo a Terezópolis, onde chegamos, precisamente às 10 horas, após uma viagem normal e cheia de contentamento.

Como só tivéssemos condução às 15 horas, para prosseguir, arriámos nossas bagagens, e fomos rodar pela linda cidade serrana. A' hora prevista o ônibus partiu e na localidade denominada Venda Nova passamos a noite em casa de uns parentes.

O dia 30, domingo, amanheceu belíssimo e após prepararmos nossa bagagem e arrear a tropa, partimos sob os votos de boa viagem e um melhor regresso coroado de êxito.

Cobrimos uma etapa de três leguas até que num armazem fizemos ligeiro almoço, para às 15 hs. seguirmos caminho e enveredarmos por uma serra que parecia não ter fim. Sem fim, também, eram as nossas imaginações e os projetos que fazíamos de desencantar a "Pedra dos Milagres" até então jamais alcançada pelo homem. Fazíamos mil projetos e estávamos ansiosos de tomar contacto com a Pedra dos Milagres: queríamos conquistá-la.

Chegamos às 18 horas, no local escolhido para acampamento. A distribuição dos serviços foi feita: um foi buscar água, outro cortar lenha, enquanto o último armava o acampamento. Momentos depois um grupo de moradores veio nos visitar. Um deles trazia um bandolim que muito alegrou o acampamento. Déram-nos as boas vindas e ofereceram-nos os seus préstimos.

O dia 31 amanheceu bom e assim, com grande animação, após enchermos os nossos embornais e vistoriar o material técnico necessário, partimos rumo à Pedra que era o nosso objetivo. Às 10 hs., estávamos encostados a ela e até 15.30 nada havíamos conseguido. Como se tivesse armado fortíssimo temporal, apressámo-nos a chegar ao acampamento.

O dia seguinte — dia 1, amanheceu ensolarado e nova investida foi realizada. No entanto, nada mais se conseguiu além do que se tinha feito no dia anterior — uma corda já

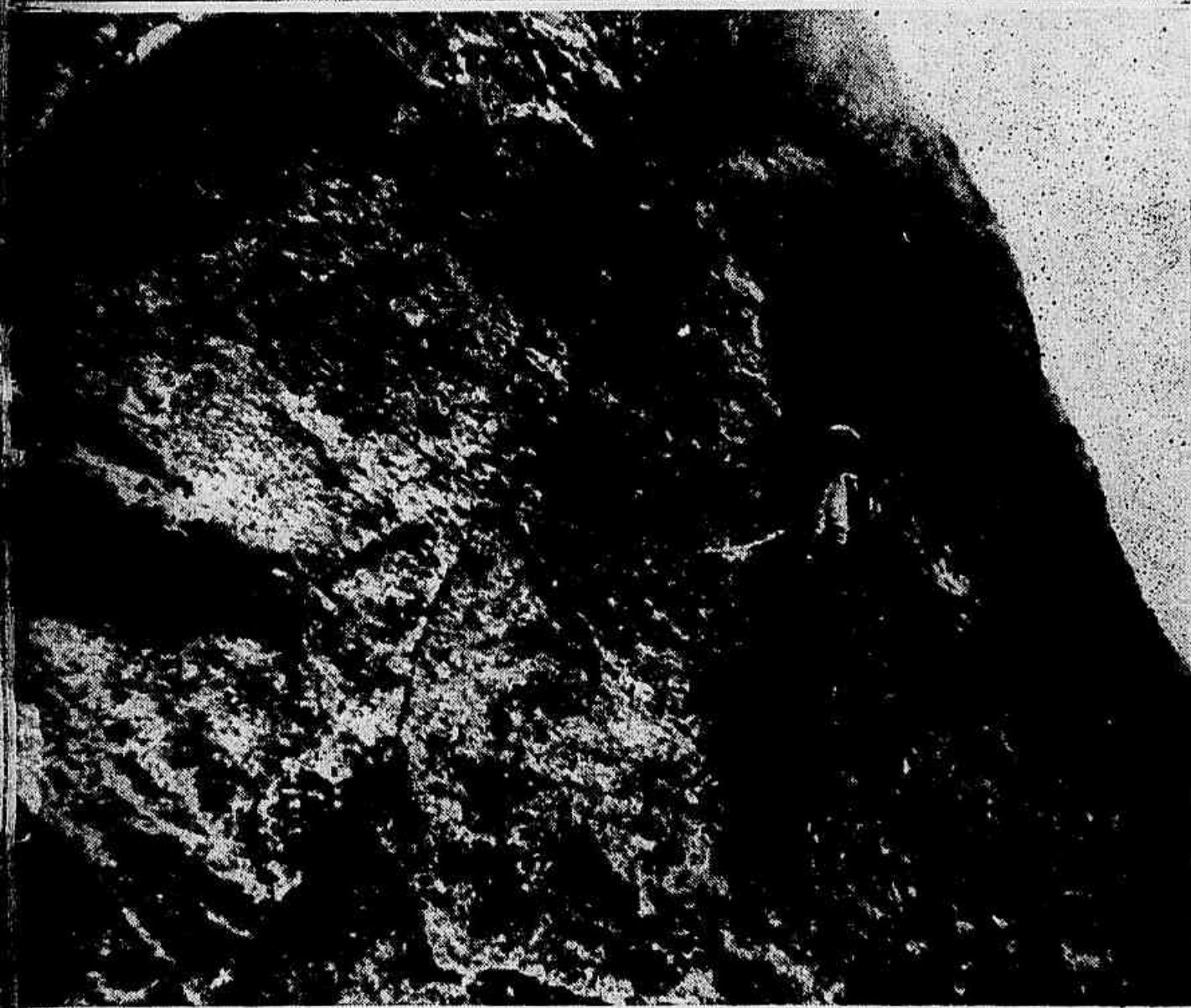
De cima para baixo, à esquerda:

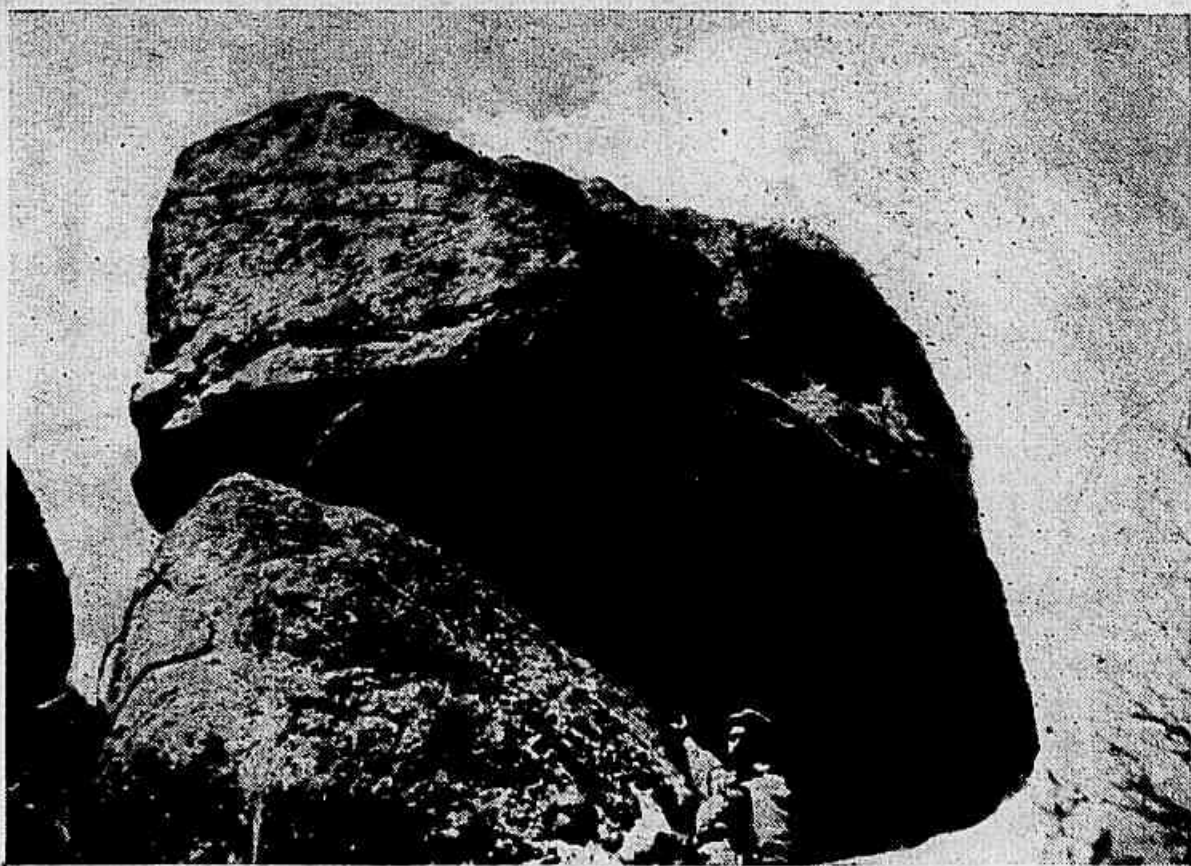
1 — DO ALTO, DIVISA-SE ESTE INTERESSANTE ASPECTO DOS FAMOSOS TRÊS PICOS, CUJO MAIS ALTO DESAFIA O EXCURSIONISTA.

2 — UMA DAS TENTATIVAS DE JAIR, O ESCALADOR DA TURMA, PARA ATINGIR O CUME DO MORRO.

3 — OS "TRÊS MOSQUETEIROS", NA CIDADE DE NOVA FRIBURGO, ANTES DA EXCURSÃO.

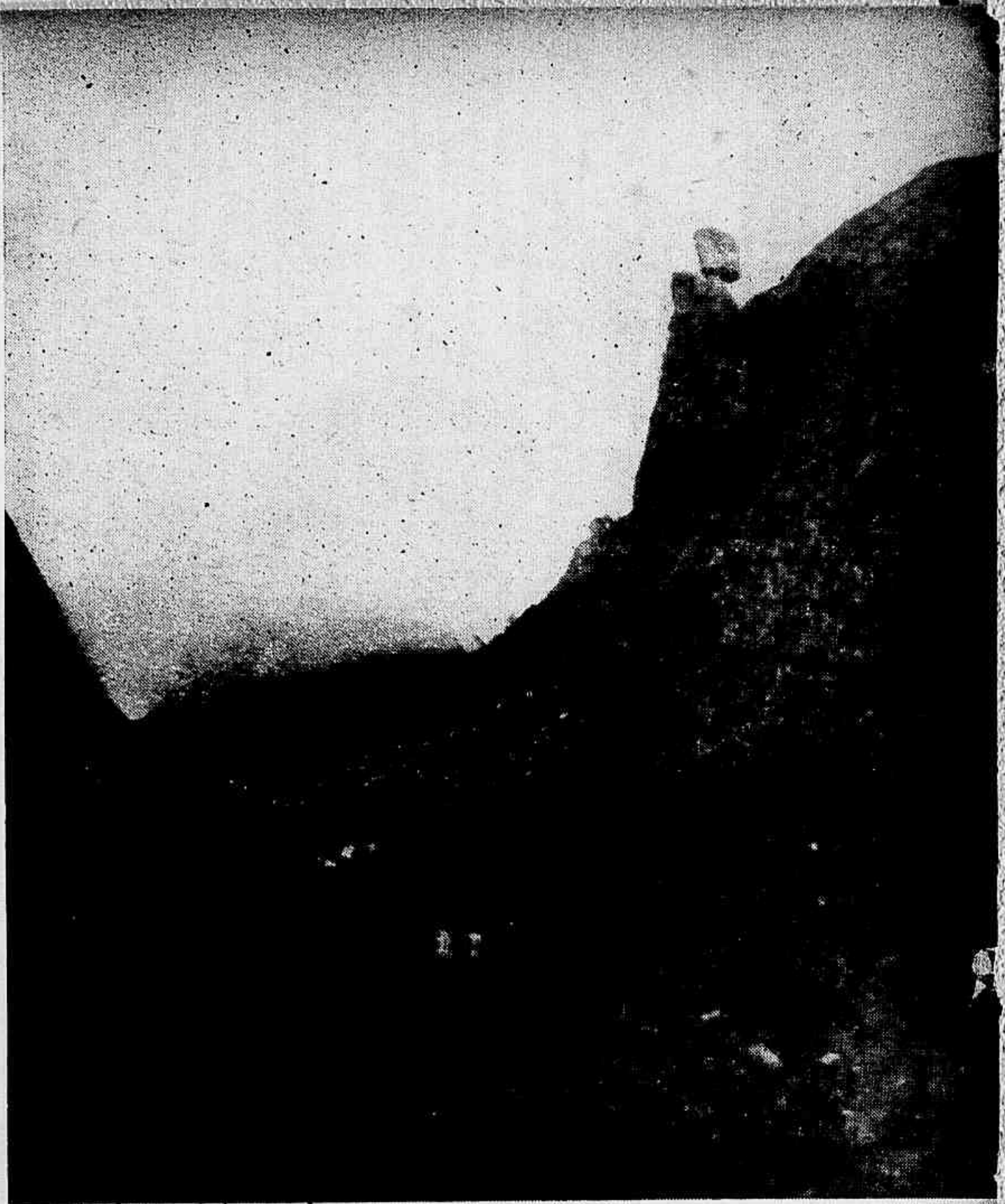
Em baixo: — COMO COMPROVANTE, FICARAM OS NOMES DOS ESCALADORES GRAVADOS NO ALTO DA FAMOSA PEDRA.





DETALHE DA PEDRA.

ASPECTO GERAL, Á DISTANCIA.



fixada em certo trêcho. 'As 15 horas já estávamos esfalfados e retornámos ao acampamento. Antes de dormir, reunimo-nos para discutir a parte técnica da almejada escalada e o mais moço do grupo, o mais destemido, resolveu que havia de grimpar a Pedra no dia seguinte, custasse o que custasse.

Dia 2 — partimos novamente refeitos da refrega do dia anterior. Não tínhamos muita confiança na corda que enlaçava ligeira calosidade da enorme verruga milagrosamente equilibrada. Resolvemos, então, cortar um grande páu que a muito custo conduzimos para ali, afim de auxiliar a retesar a corda. Silvio Mendes, fortemente preso pelo cinturão de segurança, consegue agarrar-se à corda já suspensa, mais parecendo tênue teia de aranha. Índio do Brasil prepará-se para fotografar o lance sensacional e Jair Costa, de posse da grande haste, procura diminuir o seio que a corda fazia em volta da Pedra. O escalador agár-se à rocha como uma lagartixa e sobe lentamente até que em dado momento, desaparece de nossas vistas assim continuando por 15 minutos. Estávamos assustados e atentos pelo que viesse acontecer, quando inesperadamente ouvimos dois tiros. — Era o nosso companheiro que acabava de grimpar a "Caixa de Fósforos". Na mão direita tinha um pano branco para ser visto bem de longe, na outra, a flâmula do Clube Excursionista Rio de Janeiro. Num cruzeiro de 1,50 m. de altura hasteou êsses dois símbolos ouvindo-se dos terreiros das fazendas mais próximas vivas ao grupo TRES MOSQUETEIROS.

Dois furos foram feitos, um para a fixação do cruzeiro e outro para um prego no qual amarramos uma corda que muito facilitará as futuras investidas. Lá deixamos ainda os nossos nomes e a data gravados, após constatarmos não haver nenhum indício comprovante de terem estado ali outros exploradores.

'As 13 horas descemos serra abaixo para, no acampamento, recebermos os primeiros abraços dos moradores locais.

E' voz corrente que "muita gente boa" não conseguiu subir à Pedra mesmo equipada com os melhores artifícios e guias de renome. Por essa razão o contentamento dos moradores é grande ao afirmar que a nós três do C. E. R. J., pertence a primazia da escalada.

Ao chegarmos em Venda Nova a vitória já era conhecida e fomos recebidos com carinho e aplausos de parentes e amigos".

UM LANCE DE SENSACÃO, VENDO-SE UM DOS ALPINISTAS, SUBINDO E EMPUNHANDO A FLAMULA.

O QUE PRIMEIRO ATINGIU O PICO, FOTOGRAFADO AO LADO DO CRUZEIRO DESMONTAVEL NO QUAL HASTEOU A FLAMULA.

UM LANCE DA ESCALADA, ANTES DE ATINGIR A CAIXA DE FÓSFOROS.



A beleza das

■ Pelo fato das pernas serem mal feitas não é justificável deixá-las sem tratamento. Os *pêlos* e a *pele de galinha*, são dois graves defeitos que podem ser facilmente corrigidos com um pouco de perseverança. O modo simples e fácil é o seguinte: Ensaboar bem as pernas, e friccionar com uma escôva, sempre em sentido circular; não é preciso fazer força durante a massagem. O movimento suave ativar a circulação do sangue, permitindo uma irrigação perfeita dos tecidos e a renovação das células mortas. Si o cabelo é muito, póde substituir a escôva pela *pedra pomes*, friccionando suavemente do mesmo modo. Depois da massagem, estenda sobre as pernas uma camada de glicerina retirando-a com água morna depois de meia hora. Se deseja escurecer as pernas, use óleo de côco e exponha-as à luz do sol.

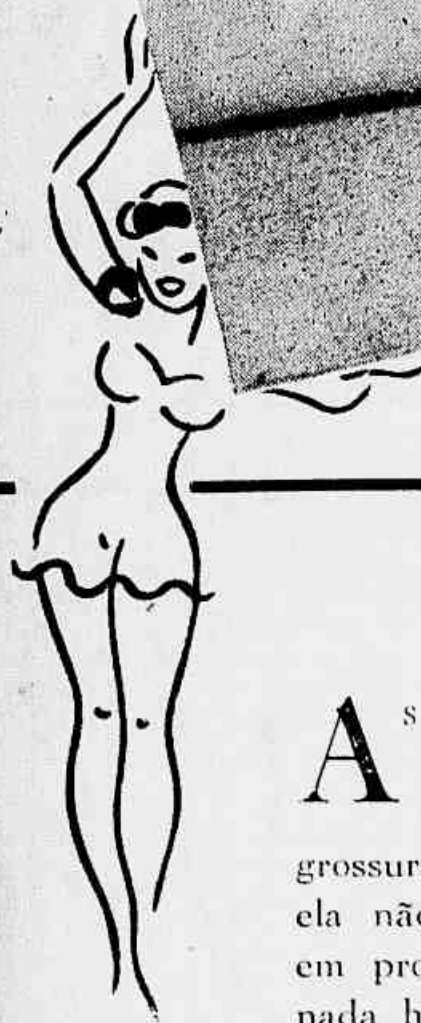
Quando as pernas são *musculosas*, uma série de exercícios de ginástica pode reduzir

ANN SAVAGE SABE ENVOLVER SUAS PERNAS, GALANTES COMO COLUNAS DORICAS, EM MALHA RENDADA, TORNANDO-AS AINDA MAIS PROVOCANTES. REPREM A "LINHA" DO CHAMFRE.

ANITA PAIGE CONFIRMA A IMPORTANCIA DE UMA HARMONIA ESTÉTICA ENTRE TODOS OS MEMBROS DO CORPO E MOSTRA-NOS AINDA O SEU MAIS "FOTOGÊNICO" SORRISO.

As pernas são um dos mais importantes atributos da beleza feminina; e também dos mais difíceis de possuir. A beleza das pernas não está na sua maior ou menor grossura, mas em sua forma harmônica e esbelta. Contudo, ela não devem ser nem muito grossas e pesadas nem finas em proporção ao corpo. As pernas são as colunas do corpo e nada há mais belo e harmonioso em arquitetura do que as colunas que sustentam porticos, dando-lhes majestade e beleza.

No século passado eram célebres as pernas esguias e elasticas da Mistinguett, hoje Marlene é a mulher de pernas esculturais. O desuso da meia veio aumentar o cuidado da mulher elegante pelas suas pernas, que devem apresentar um aspecto agradável; porque realmente nada é mais chocante ao nosso olhar do que vêr umas pernas nús, não depiladas ou cheias de marcas ou manchas. Não usar meias é econômico, não há dúvida, mas as pernas devem ser maquiadas e bem tratadas como o rosto ou o cabelo.



perna e sua CONSERVAÇÃO



a massa muscular. A natação, para isso, é um dos melhores exercícios, pois amolece e dá elasticidade aos músculos.

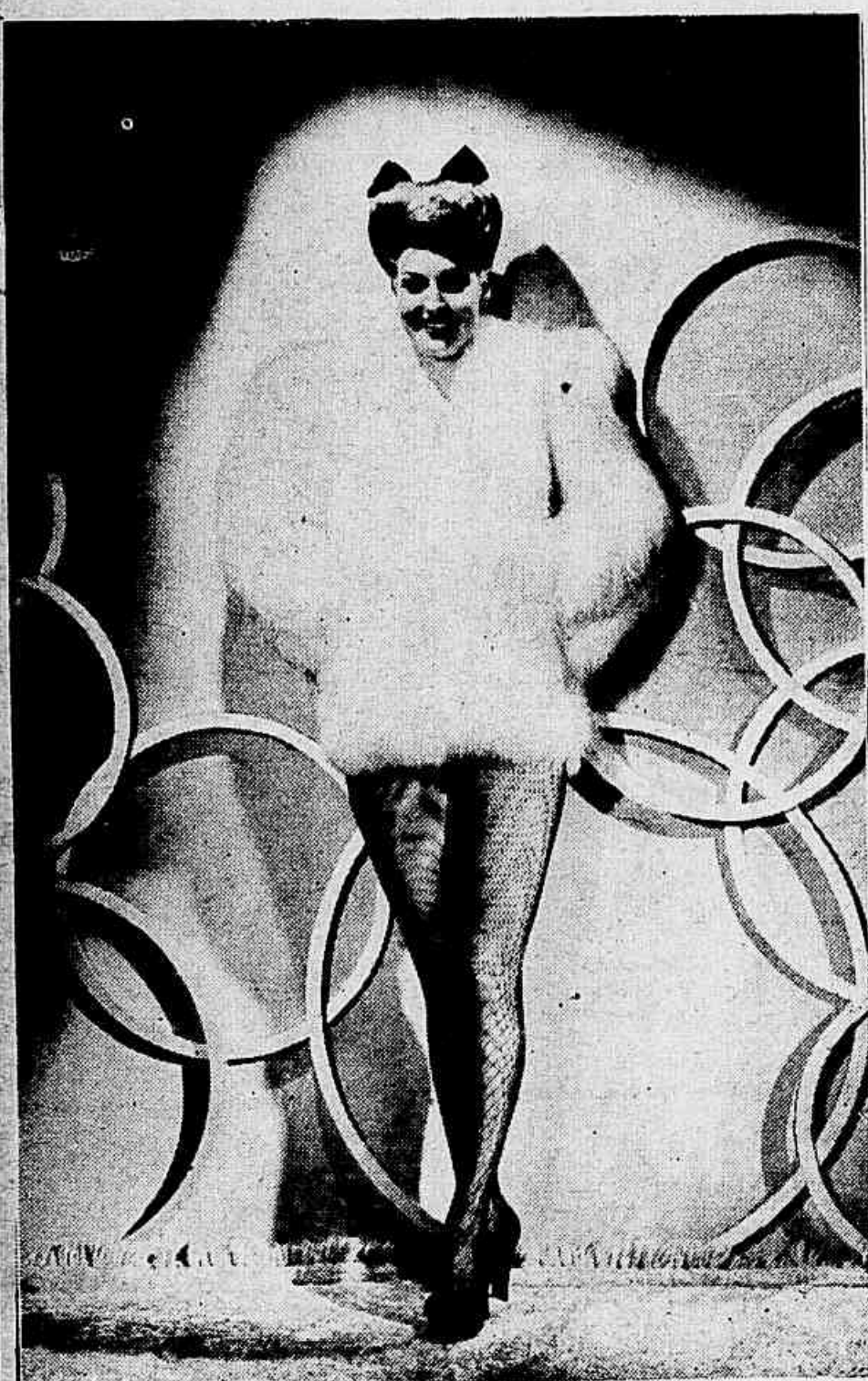
Si as pernas forem grossas demais, devido a algum defeito de adiposidade, deve-se fazer a massagem com um creme à base de iodureto de potassa, friccionando com energia em movimentos circulares.

São bons exercícios para as pernas: subir e descer escadas; caminhar; nadar; movimentos de extensão e flexão das pernas.

Para as pernas manchadas, é aconselhável o uso de um creme de beleza e talco *rachel* ou um *talco especial* para as pernas, já existente, substituindo o colorido das meias, e pôde ser usado sem o inconveniente de escorrer com o suor.

A mulher brasileira, em geral, tem cuidados especiais com o rosto, por ser

VERDADEIRAS JOIAS DE ANATOMIA HUMANA, AS PERNAS MODELADES DE ANN. E O FOTOGRAFO, POR SUA VEZ, SOUBE TIRAR O MELHOR PARTIDO DO MODELO, COMO SE VÊ EM BAIXO.



SUSAN PETERS DEDICA TODOS OS SEUS MOMENTOS DE FOLGA A' PRÁTICA DE ESPORTE, NUMA PRAIA DE SANTA MONICA. ELA E' ADEPTA DA NATAÇÃO, SEM PERDER A ELEGANCIA.



este, naturalmente, o centro de atração de todos os olhos; contudo, a perfeita harmonia entre a beleza do rosto e do corpo, uma completa concordância entre ambos, é que forma o que se pôde chamar *um tipo de beleza*, na acepção da palavra e não apenas um *rosto bonito*. Ha tempos, tivemos oportunidade de publicar um trabalho semelhante a este, sobre a beleza do pescoço; detalhes que formam o equilíbrio estético do todo. Uma creatura capaz de conservar a saúde e bom aspecto de todas as partes do seu corpo pôde considerar-se uma mulher bonita. Assim, pois, inclua-se nos cuidados dispensados ao corpo uma atenção toda especial às pernas, para torna-las, se não belas e perfeitas pela forma, ao menos bonitas pelo aspecto agradável que sempre causam os *objetos* bem tratados.

O cinema, depois dos escusos cafés noturnos, onde as famílias não deviam ir, foi que valorizou a beleza das pernas femininas, tornando-as objetos de arte e selecionando-as com sentido estético, em seus côros de *girls*. Tanagras vivas dessa nova escola de napeias e driades modernas.

O MAIOR Poeta da ESPANHA?

E' interessante — às vezes surpreendente — a simulação de cultura em nosso meio literário. Há numerosos indivíduos que fingem ter opinião firmada sobre obras que absolutamente ignoram, sobre autores de que só conhecem os nomes, sobre fatos a que nunca consagraram sua atenção.

Faz muitos anos que venho denunciando estas hipocrisias quando de arte e ciência das Américas se trata. Sei de centenas que, não havendo jamais lido uma linha de Sarmiento, Montalvo, Hostos, Martí, Rodó, Dario, Nervo, Chocano, emitem alguma sentença fulminante: "Essas republiquetas do Novo-Mundo não possuem vultos como Euclides, Machado, Bilac".

Ainda bem que não acham os talentos do continente colombiano inferiores ao do formidável e inclassificável Carlos Drummond de Andrade!

Desde os meus dias do curso de humanidades, no Colégio Militar do Rio de Janeiro, que comecei a especializar-me em assuntos ibéricos. Não abandonei nenhum recanto da estenografia, do folclore, da história, da geografia, da literatura, da linguística, da sociologia das diversas regiões de Portugal e Espanha. Entendi sempre que esta é a base de qualquer estudo do caráter, da vida e do destino das nações do Novo-Mundo.

Foi assim que me habituei a admirar Espronceda sem diminuir Zorrilla, a aplaudir Salvador Rueda sem atacar Francisco Villaespesa, a prezar Valera sem denegrir Pereda, a cultuar Armando Palacio Valdés sem agredir Vicente Blasco Ibáñez.

E' tão original, sincera, opulenta, inconfundível, personalizada, inquieta, possante a literatura que se honra de contar com Gánivet, Unamuno, Azorin, Baroja, Madariaga, tão impressionante em seus mil aspectos antropogeográficos, morais, estéticos, que não se torna suportável a compressão, a síntese de uma das suas fases num único autor. Do romantismo para cá, quem lhe analisar honesta e eruditamente os triunfos não admite que o critiqueiro vasio e afoito pretenda exaltar Campoamor contra Bécquer, a Condessa de Pardo Bazán contra Jacinto Octavio Picón, Benavente contra os irmãos Quintero. Selva povoada de exércitos dos mais sonoros pássaros, turbilhão de aspirações e vozes, universo das maiores diversidades, a cultura espanhola não oferece um quadro didático, uma taboada, um sistema consencional de valores.

Seria razoável discutir a respeito da superioridade de Menéndez Pidal, sábio glotólogo e gramático, insuperável filólogo e historiógrafo, à vista de um teatrólogo consagrado e ótimo, de um mestre da arte dramática, como o insigne Jacinto Grau? Daria em disparate o confronto. Eis o que deve evitar a pessoa de bom-senso e fazer, além de tudo, que os paralelos desapareçam.

Todas estas considerações vêm-me ao bico da pena diante dos retumbantes e improvisados exagêros dos que, pagos para tal missão, andam agora a propalár que o admirável e jovem García Lorca, assassinado covarde e barbaramente pelos estrangeiros a soldo do caudilheite Franco, é o maior poeta da Espanha. Que o moço genial que cinzelou o *Romancero gitano* — obra tradicionalista e popularista, que brilha numa cadeia de maravilhas, onde os nomes de Góngora e Lope são sóis — merece cálidos elo-



GARCIA LORCA

gios por sua arte representativa, ninguém se atreverá a negá-lo. No teatro e na lírica, ele paira á mesma altura de Ramón del Valle-Inclán, Alejandro Casona, Antonio Machado, Juan-Ramón Jiménez, etc. Verdade é verdade e justiça é justiça. O resto...desculpa-se talvez com a ignorância ou com a necessidade de caçar níqueis.

García Lorca, enquanto viveu, não gosou das homenagens dos seus confrades brasileiros, que o desconheciam. De repente, a ilustre e aplaudida atriz Dulcina de Moraes, num rasgo de louvável e corajoso amor à beleza, resolveu representar-lhe a tragédia *Bodas de Sangre*. A propaganda era aconselhável e indispensável, porquanto aqui não havia vinte escritores que soubessem da existência do vate sublime e poderoso dramaturgo. Até este ponto, nada se registou contra a dignidade profissional, a decência literária, o critério humano. Após, assanhados pela possibilidade do ganho fácil, bandos de adivinhos inescrupulosos passaram as fronteiras da probidade e não se contiveram em seus despautérios.

Iniciou-se então, entre nós, uma comédia completa de simuladores. Cada palhaço aparentava intimidades velhas com a literatura da Espanha. Inconscientemente, errando, os símios guincharam: "García Lorca é o maior poeta e teatrólogo da língua castelhana".

Por que? Como? Quando? Ao lado de Ramón del Valle-Inclán e de Alejandro Casona, de Jacinto Grau e de Benavente não é pouco, salvo si quizermos repetir as sandices e despeitos do nazista Crapand, bibliotecário ausente da Faculdade Nacional de Filosofia, caluniador da memória do imortal Romain Rolland e "otras cositas más". Ao lado de Antonio Machado, Juan-Ramón Jiménez, Manuel Machado, Ramón Pérez de Ayala é bastante e suficiente. García Lorca fujar-se-ia glorificado, posto ao nível desses colossos. Nunca aspirou a mais.

A última toleima espalhada no Rio de Janeiro concernentemente á firme, á magnífica personalidade da inocente vítima do franquismo perverso, ei-la: "A obra-prima do teatro de García Lorca é *Bodas de Sangre*."

Em que sentido? De que ponto de vista? Do social? Do político? Do literário? O assunto é discutível.

García Lorca mostrou-se duplamente popularista e tradicionalista na lírica e no teatro da Espanha. Não inventou gêneros nem estilos. O que fez foi aproveitar as inclinações demonstradas do seu povo e da cultura de sua pátria, para com elas fecundar o talento que Deus lhe deu e as transfigurar por meio dele.

Os escritores de quaisquer escolas devem apreciar as genialidades poéticas da obra de García Lorca. Aos livres e adiantados cumpre também apontar-lhe a morte como a prova mais viva do que é o perverso franquismo com seus militares violentos. Uma coisa, entretanto, convém evitar: que os aproveitadores e diletantes o ponham mal, exorbitando de sua missão informativa e tentando, sem razão ou conhecimento, elevá-lo à custa de Antonio Machado, Juan-Ramón Jiménez, Manuel Machado, Ramón Pérez de Ayala...

Dispensa a fama de García Lorca semelhantes incensos, que são falsos e nada honestos.

SILVIO JULIO

QUE responderia o leitor se lhe fizessem a queima-roupa esta pergunta? Já pensou a sério se está satisfeito ou não com a cara que Deus lhe deu? A consulta, feita em tom de brincadeira, pode parecer fútil, mas realmente a coisa é séria. O estar ou não contente com a cara que carregamos e teremos de carregar irremediavelmente até o fim da vida, traduz uma concepção do mundo, um estado de espírito e, em última análise, um modo de ser.

Quanta gente não fica decepcionada todas as manhãs quando, numa rápida inspeção ao espelho, espichando a língua para fora, arregalando os olhos, fazendo balanço consciencioso da sua própria cara, verifica positivamente que não era aquela a dos seus sonhos!

Muitos de nós gostaríamos de, poder escolher todas as manhãs, ao sair para o trabalho, uma cara diferente como fazemos com a gravata de nossa predileção.

De qualquer modo, a cara é, para nós, uma espécie de sala de visitas. Procuramos



HERBERT MOSES — SE PUDESSE ESCOLHER, GOSTARIA DE QUALQUER OUTRA CARA QUE NÃO FOSSE A MINHA.

sempre trazê-la bem arrumada e limpa.* Quantas vezes vemos salas de visitas muito bem arrumadinhas, enfeitadas e limpas, e entretanto, se vissemos o resto da casa...

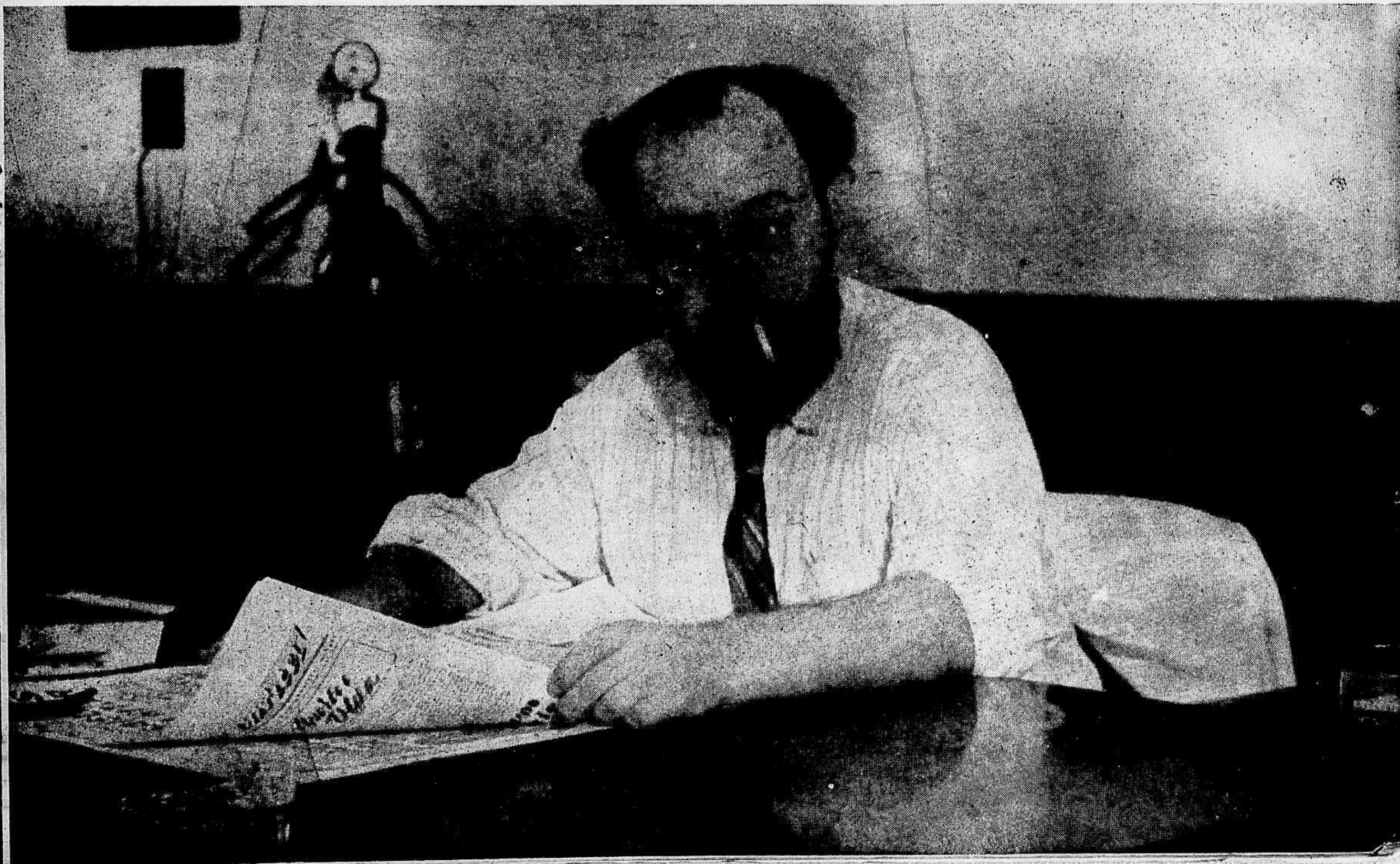
As criaturas do sexo feminino, sempre inconstantes, arranjam meios e modos de mudar de cara com as estações: um toque nos cabelos, um pouco de água oxigenada, e aquela linda pequena de cabeleira negra como azeviche, que vimos ontem passar na Avenida, aparece hoje loura como as espigas. Mas... *souvent femme varie*. E os marmanjos? Bem, não resta a menor dúvida de que são mais constantes. Mesmo porque nem sempre sobra tempo para examinarem as suas fisionomias e poucos, dentre nós, neste século utilitarista e sem poesia, temos os lazeres daquele envidado Narciso de que nos fala a lenda grega. Se assim fosse, teríamos por certos muitas flores do asfalto, na Cinelandia, resultados da metamorfose dos grã-finos cariocas.

Mas um homem pode ser alegremente feio. Afinal de contas, todos nós, feios ou bonitos, vamos nos arranjando como podemos

ESTÁ SATISFEITO COM A SUA CARA?

COMO NOS RESPONDERAM ALGUMAS FIGURAS POPULARES DA CIDADE — ESCRITORES, JORNALISTAS, POETAS, GENTE DE RÁDIO, ETC. — OS QUE ESTÃO SATISFEITOS... OS QUE DESEJARIAM MUDAR DE "MÁSCARA"... — CONCLUSÕES FILOSÓFICAS A RESPEITO.

APORELLY — NÃO TENHO MOTIVO PARA ESTAR DESGOSTOSO, NEM TEMPO PARA ME OLHAR NO ESPELHO. NEM SEI QUE CARA TENHO. ANDO TÃO APERTADO NA VIDA QUE NÃO POSSO OBSERVAR TRANQUILAMENTE MINHA FISIONOMIA. SI EU DESCOBRISSE AGORA QUE A MINHA CARA NÃO É A QUE EU QUERO, TERIA MEIOS E MODOS DE MUDÁ-LA, COMO JÁ O FIZ VÁRIAS VEZES PARA NÃO SER RECONHECIDO PELA POLÍCIA. ESTOU PINTANDO ATUALMENTE AS BARBAS. NÃO COM NEGRITA, COMO FAZEM CERTOS CAVALHEIROS. PINTO-AS COM TINTA BRANCA PARA ADQUIRIR UM CERTO AR DE RESPEITABILIDADE.





PAULO MAGALHÃES

— EM FALTA DE OUTRA MELHOR... ESTOU SATISFEITO. SÓ COM A QUE TENHO. ALIÁS, A MINHA "CARA-METADE", HELOISA HELENA, QUE É PESSOA DE RECONHECIDO BOM GOSTO, ACHAME O TIPO PERFEITO DE GALAN



JORACY CAMARGO

— ESTOU MUITO SATISFEITO. APENAS GOSTARIA DE SER UM POUCO MENOS BOCHECHUDO. A VERDADE É QUE, DE QUALQUER MODO, SEMPRE OBTIVE SUCESSO COM ELA. ULTIMAMENTE TORNEI-ME INTERPRETE DAS MINHAS PEÇAS E NEM POR ISSO AFUGUEI O PÚBLICO. MAS ENTRETANTO, SE ME FOSSE DADO MODIFICAR A MINHA CARA, EU O FARIA, NEM QUE FOSSE PARA PIOR. TALVEZ ASSIM CONSEGUISSSE EVITAR OS CACETES QUE ME IMPORTUNAM NA RUA. VOCÊ NÃO IMAGINA O SUPLÍCIO QUE É A GENTE SER MUITO CONHECIDA.



CELSE GUIMARÃES

— NÃO TENHO NENHUMA RAZÃO DE QUEIXA. NATURALMENTE PODIA SER MELHOR. VOCÊ SABE QUE NUNCA SE ESTA INTEIRAMENTE SATISFEITO.



CESAR LADEIRA

— ESTOU. PODIA SER PIOR. NADA MAIS TENHO A DIZER SOBRE A PERGUNTA. ALIÁS, CREIO QUE ISSO É O BÁSICO.

e vivendo as nossas vidas. E até homens feios são frequentemente vistos carregando pelo braço criaturas belíssimas. Talvez esse fenômeno se dê àquela lei da atração dos opostos.

Bendita lei, por sinal, dizemos nós, e todos os outros feios concordarão.

Para as nossas amadas sempre haverá um detalhe que nos torne interessantes, e depois... *le chef d'oeuvre pour le crapaud c'est la crapaude...*, como dizia Voltaire, esse divino vigário da heresia. E, por falar em Voltaire, que pensaria ele a respeito da própria cara?

Sem dúvida, não teria razões para andar muito satisfeito. E que diriam todos os grandes homens, feios e bonitos, que conseguiram perpetuar sua memória nas obras deixadas em suas fisionomias no bronze?

Si fizermos um balanço, podemos verificar que a maioria dos grandes homens eram donos de feias máscaras.

A questão é saber usa-las com arte.

Sócrates, que por sinal tinha uma horrível cara, gostava de estudar os caracteres dos seus discípulos lendo-lhes a fisionomia. Posteriormente isso veio a constituir uma ciência que se chama fisiognomonia, segundo a qual os caracteres se refletem nos traços fisionômicos.

Será verdade que os caracteres se refletem no fâcies?

É melhor não pesquisarmos demais a respeito, evitando prudentemente falar em Lombroso, pois não queremos ferir suscetibilidades.

Reconhecendo embora que cada vez mais os mortos governam os vivos, achamos mais prudente deixar de lado os homens célebres do passado, que não mais poderão falar para responder à nossa *enquête*. É verdade que poderíamos recorrer aos *mediuns*, arranjando alguns Francisco Candido Xavier, que incarnassem os espíritos dos grandes homens do passado, como o *medium* baiano garante ter feito com Humberto de Campos. Mas isto é coisa muito perigosa que evitaremos cuidadosamente, pois não queremos casos com a polícia... Contentemo-nos com os vivos.

Não gostaria o leitor de saber o que pensam alguns homens de projeção a respeito das próprias caras?

De certo que sim.

Pensando nisso, resolvemos entrevistar várias figuras conhecidas, aquelas que pertencem mais à cidade que a elas mesmo, fazendo a pergunta indiscreta:

Está satisfeito com a sua cara?

A' nossa *enquête* responderam escritores, jornalistas, artistas de rádio, teatro e cinema, médicos, professores, enfim os homens do momento em diversos setores de atividade, e cuja opinião a respeito da própria cara, como a respeito de qualquer outra coisa, interessa a todos.

Inicialmente, resolveramos deixar de lado o "belo sexo" que, justamente por ser belo, tornaria a pergunta descabida. Entretanto, acidentalmente, decidimos fazer a experiência com uma linda *garçonnette*.

Ela representaria, por certo, a maioria das mulheres desta Sebastianópolis tão florida. Poderíamos fazer a pergunta a milhares de outras, que passam todos os dias pela Ave-

nida, constituindo uma festa para os nossos sentidos.

Das que nos obrigam a agradecer o simples fato de existirem, fazendo-nos às vezes pensar, com o Dr. Pangloss, que este é o melhor dos mundos, apesar de nos garantirem que elas são do outro...

Essas, não resta dúvida, estariam satisfeitas.

E a pequena do café-expresso silenciou...

Entre os representantes do sexo feio, perdão, do sexo forte, a coisa seria por certo menos monótona. Aqui surgiu o problema:

quais as caras mais conhecidas na cidade? E o X foi logo encontrado: Herbert Moses. Onde, porém, descobrir esse homem que, único entre nós, descobriu o segredo da ubiquidade? Novo e angustiante problema. A ubiquidade! Coisa misteriosa e tremenda. Experimentemos encontra-lo na A. B. I. Sem nenhuma dificuldade fomos atendidos. Na afobação do momento, esqueçamos que ele seria encontrado em qualquer outro lugar para onde telefonássemos, pela simples razão de estar em toda parte. Moses não está satisfeito com a própria cara.

Não tem, entretanto, nenhum complexo de inferioridade.

Complexo de inferioridade... Que nos diria, a respeito da sua cara. Gastão Pereira da Silva, o Freud Brasileiro?

Evidentemente ele não poderia ter muita razão para se queixar. Aliás, o eminente professor parece preocupar-se mais com a cabeleira.

Quem não conhece a cara gosadíssima do Barão de Itararé?

Todos os dias ela aparece num matutino e num vespertino da cidade, ilustrando as suas não menos gosadas palestras.

Pela manhã, inteiramente glabro, com um narigão-empinado, assim como quem desafia qualquer desmentido às afirmações impressas; à tarde, ornamentada com uma possante barba, como poderão ver pela fotografia que apresentamos, a caricatura mais atualizada é a do Aporelly barbado.

Ambas são crea-



HUMBERTO MAURO

— JA' SOU UM HOMEM DE BASTA IDADE E ATE' HOJE TENHO ANDADO TÃO ATAREFADO QUE NÃO TIVE TEMPO DE OLHAR PARA MINHA CARA. ENTRETANTO, POSSO GARANTIR QUE ELA NÃO ME TEM ATRAPALHADO EM NADA.

opinião com a dos proprietários

Houve, entretanto, alguns que só consentiram em dar mediante a condição expressa não a ilustrar com suas respostas. Eles quizeram ser sinceros, sem com isso querer sinceridade de todos os apaixonados que tão prontamente nos permitem a ilustração do certo é que nem todos pensam assim. E, assim, conhecido advogado pelamos, na sua banca de trabalho se quasi com volúpia sobre o lhe deu:

— Não tenho feições de sei. Mas tenho vencido mesmo... Dizem que meu adolescente, quasi inofensivo

ALMIRANTE

— ESTOU SATISFEITO. PARA DIZER A VERDADE ELA NUNCA ME DESGOSTOU MUITO. JA' SEI COMO É, DE FORTE QUE, AO OLHAR-ME NO ESPELHO TODAS AS MANHÃS, NÃO TENHO SURPRESAS. É UMA QUESTÃO DE HÁBITO. A GENTE SE HABITUA A TUDO NESTA VIDA. ATE' MESMO AO HORRÍVEL. PROVAVELMENTE O QUE ME FAZ SUPOSTAR MINHA CARA É O FATO DE VÊ-LA TODOS OS DIAS.





HUMBERTO MAURO

— JA' SOU UM HOMEM DE TAL IDADE E ATE' HOJE TENHO ANDADO TÃO ATAREFADO QUE AINDA NÃO TIVE TEMPO DE OLHAR PARA MINHA CARA. ENTRETANTO POSSO GARANTIR QUE ELA NÃO ME TEM ATRAPALHADO EM NADA.

conhecidas na cidade? E

ado: Herbert Moses. Onde,

esse homem que, único

o segredo da ubiquidade?

e problema. A ubiquidade!

tremenda. Experimentêmos

B. I. Sem nenhuma difi-

endidos. Na afobação do

mos que ele seria encon-

tr outro lugar para onde

a simples razão de estar

ses não está satisfeito com

retanto, nenhum complexo

inferioridade... Que nos

sua cara. Gastão Pereira

Brasileiro?

ele não poderia ter muita

car. Aliás, o eminente pro-

par-se mais com a cabeleira.

ALMIRANTE

— ESTOU SATISFEITO. PARA DIZER A VERDADE ELA NUNCA ME DESGOSTOU MUITO. JA' SEI COMO E', DE PORTE QUE, AO OLHAR-ME NO ESPELHO TODAS AS MANHÃS, NÃO TENHO SURPRESAS. E' UMA QUESTÃO DE HABITO. A GENTE SE HABITUA A TUDO NESTA VIDA. ATE' MESMO AO HORRIVEL. PROVAVELMENTE O QUE ME FAZ SUPOSTAR MINHA CARA E' O FATO DE VÊ-LA TODOS OS DIAS.



ção do caricaturista argentino Guevara, criador do clássico Barão de Itararé de *A Manhã*.

Pois Aporelly está muito satisfeito com a cara que Deus lhe deu.

Passámos assim em revista muitas outras figuras.

Uns estão satisfeitos, outros confessam francamente que gostariam de trocar de cara. Pelas respostas dadas, o leitor verá que a maioria está contente ou, pelo menos, conformada. E o próprio leitor, pelas fotos, poderá confrontar a sua

opinião com a dos proprietários das caras...

Houve, entretanto, alguns entrevistados que só consentiram em dar-nos sua resposta mediante a condição expressa e taxativa de não a ilustrar com suas respectivas "mascaras". Eles quizeram ser absolutamente sinceros, sem com isso querermos duvidar da sinceridade de todos os amáveis entrevistados que tão prontamente nos deram a sua opinião permitindo a ilustração dos retratos. Mas o certo é que nem todos pensam de igual modo. E, assim, conhecido advogado a quem interpellámos, na sua banca de trabalho, expandiu-se quase com volúpia sobre a cara que Deus lhe deu:

— Não tenho feições de bacharel, bem sei. Mas tenho vencido na vida, por isso mesmo... Dizem que meu rosto é o de um adolescente, quase inofensivo, incapaz, por-

tanto, de fazer a defesa de uma causa ingrata. Pois enganam-se. E' esse o meu "gênero preferido" e sempre me saí às mil maravilhas... Advogado com cara sizuda, metido a sério, não impõe respeito nos dias de hoje, mas medo. Os constituintes receiam a conta "salgada", no final do serviço... E defendendo as causas mais ingratas, "defendo-me" às maravilhas, com este semblante de joven colegial, sem levarem em conta que já dobrei o cabo da boa esperança dos quarenta, ha quasi dois lustros...

Conhecido poeta,

eternamente môço, romantico e preferido das môças, disse-nos assim:

— Você leu o livro postumo de Medeiros e Albuquerque? Aquêles capitulos ultra-cinicos onde o escritor devassava as mil e uma conquistas que fêz até o crepusculo da existência, não é uma delicia para todo homem que se préza? Pois bem: Si você lhe fizesse a sua pergunta, que resposta daria o Medeiros? Não me parece que estivesse satisfeito com a cara. E nem por isso deixava de fazer as suas conquistas, às vèzes duas e tres por dia... Donde se infere que às vezes, por causa de uma cara feia, se perde uma excelente conquista. Não tenho a "folha-corrida" do Medeiros, mas com esta cara de rapôsa, como vocês me chamam, jamais dei um golpe em falso, na conquista de um palminho de rosto...

A resposta de um abalisado jornalista foi esta:

— Meu "velho", não tenha duvidas... Cara não é documento, vale é o talento. Sou feio, corajosamente feio. Mas não ha politico que deixe de render-se quando o procuro para uma entrevista de sensação. E, nesse momentos, chego a julgar-me um tipo de belêsa inconfundivel.

Por fim, a resposta de um comerciante popularissimo:

— Sei fazer as caras que é preciso mostrar aos freguêses. Quando afirmo que estou sendo prejudicado pela guerra, inspiro piedade, franzo a testa, ponho os olhos em branco... E a freguêsa paga o que muito bem entendo. Quando é o fornecedor da mercadoria que me procura, sei contrair os musculos da face e mostrar-lhe que não sou homem para me deixar ir no "embrulho"... Afinal de contas, o senhor entende, a gente, no balcão, usa e abusa do direito das inflexões dramaticas. Procopio ou Jaime Costa teriam muitissimo que aprender comigo... E eu nada lhes cobraria pelas lições!

Outras respostas ainda mais sinceras fôram captadas pelo reporter. Essas, porem, melhor será deixa-las em silencio. Até porque nem tudo que se escuta se deve passar adiante. E a habilidade de um comentarista, nas circunstancias em que nos vimos no transcurso desta reportagem, consiste em vêr... as caras, ouvir o que nos dizem os donos — e contar o que se pode contar, é claro. Nessa altura o reporter tem de mostrar tambem um rosto evangélico. E si o leitor lhe repetisse a pergunta do dia, responderia mais ou menos assim:

— Melhor esta que a do Hitler...

A RESPOSTA DE GENOLINO AMADO

O CRONISTA DA CIDADE FOI O UNICO DE QUEM NÃO SE OBTVEU, NO MOMENTO, UMA DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA. NÃO É QUE SE ABSTENHA DE ENFRENTAR AS OBJETIVAS, ATE' PORQUE GENOLINO NÃO SERÁ DOS MENOS FOTOGENICOS... MAS SO' PELO TELEFONE O CONSEGUIMOS OUVIR, E AINDA NÃO SE DESCOBRIU O PROCESSO DE FOTOGRAFIA PELO FIO. EIS O QUE NOS RESPONDEU:

— NÃO. POSITIVAMENTE NÃO ME CONSIDERO SATISFEITO COM A CARA QUE DEUS ME DEU. NÃO SEI QUE OUTRA EU GOSTARIA DE TER, OU COMO A PODERIA TER DIFERENTE, MAS SEI QUE DE MODO ALGUM EU GOSIO DESTA QUE USO. ENTRETANTO, COMO NADA POSSO FAZER, VOU ME DEIXANDO FICAR ASSIM MESMO... E AFINAL, QUEM VE CARAS NÃO VE CORAÇÕES.

ALVARO MOREIRA

— QUE É QUE EU HEI DE FAZER? ACOSTUMEI-ME COM ESTA...NUNCA PENSEI EM MUDA-LA. ELA, A CARA, É QUE VAI MUDANDO...



GASTÃO PEREIRA DA SILVA

— ESTOU MUITO SATISFEITO. ELA ME TEM MESMO AJUDADO NA VIDA. NÃO DIGO QUE SEJA PROPRIAMENTE A CARA, MAS TENHO TIRADO MUITO PARTIDO DA MINHA CABELEIRA QUE EMBRANQUECEU PRECOCEMENTE. AGORA, NATURALMENTE A IDADE JUSTIFICA OS CABELOS BRANCOS. 'TODO O MEU RECEIO É QUE ELES RESOLVAM AZULAR. SERIA UM DESASTRE. POIS PARA MIM ESSA CABELEIRA QUE TRAGO SEMPRE E DE PROPOSITO DESPENTEADA, TEM SIDO UM TALISMAN.



OSWALDO DINIZ MARGALHÃES

— ESTOU. NUM AMBIENTE POPULAR COMO É O RÁDIO, UMA CARA COMO ESTA QUE EU TENHO FAZ COM QUE PASSE MAIS OU MENOS DESPERCEBIDO. SENDO UM TIPO COMUM, NÃO CHAMO MUITO A ATENÇÃO. ALIÁS, PENSO QUE FICARIA IGUALMENTE SATISFEITO SE FOSSE UM POUQUINHO MAIS MORENO OU MESMO UM POUCO MAIS LOURO.



OSCARITO

— NATURALMENTE QUE SIM! POIS SE ATE' AGORA ELA SO' ME TEM AUXILIADO NOS EXITOS QUE OBTIVE NA VIDA. NÃO QUERO DIZER COM ISSO QUE ELA SEJA BONITA. EM TODO CASO, É A QUE ME AGRAÇA E A QUE EU GOSTARIA DE TER.





O batismo de um "calouro" com todo o cerimonial da praxe. Mas a "água benta" era colhida em qualquer casa comercial. Tinta de parede também serviu.



"Calouros" e curiosos assistem à preparação do desfile, enquanto as vítimas "eram" obrigadas a deixar o calçado que, na volta, seria ou não encontrado.



ACONTECEU NO RIO

QUEM transitou pelo centro da cidade naquela tarde ensolarada de sábado, dia 18, teve fatalmente a atenção concentrada para um grupo de quasi duzentos rapazes vestidos — melhor seria dito: despidos de maneira excêntrica, desfilando pela Avenida e pelas ruas transversais, precedido de uma banda de música, num alarido tipicamente carnavalesco... De que se tratava? — indagavam todos, curiosos, desde que a Quaresma já vai adiantada e ninguém pensa em tais expansões de júbilo... Mas lá estavam os cartazes empunhados pelos rapazes do bando orientando o transeunte: Era a repetição de um velho, um tradicionalíssimo costume da classe estudantil, o "tróte" dos "calouros". Neste caso, os "calouros" pertenciam à Escola Nacional de Belas Artes. Mãos cuja carreira artística ou técnico-profissional agora se inicia, com a reabertura das aulas, estudantes de Arquitetura, de Pintura, de Escultura, de Gravura e do Curso de Formação dos Professores de Desenho, todos expansivos, alegres, felizes, como que alheios — por instantes, embora — às apreensões da hora presente, davam largas aos arroubos da mocidade. E divertiam-se, divertindo o povo carioca, outrora tão familiarizado com esses quadros pitorescos e hoje deles tão divorciado... Ligando pouco, ou mesmo nada, à evolução dos usos e costumes que mais parecem querer matar expansões jubilosas desse gênero, os rapazes da E. N. B. A mostraram que ainda há mocidade pronta a divertir-se, mantendo tradições, com a mesma espontaneidade com que na hora precisa, dará conta de suas responsabilidades no momento de guerra. Às primeiras horas da tarde, a turma desfilava pela Avenida, saindo da Escola, em frente ao Teatro Municipal. E por espaço de algum tempo, o centro da cidade assistiu a esse espetáculo diferente. Rapazes conduzindo taboetas com dizeres humorísticos, outros descalços, ou em traje de banho, ou ainda com as mais incríveis e disparatadas roupas, rostos, peito e costas pintados, todos entoando, em cântico um alarido incrível... Alunos veteranos orientando o desfile e submetendo os "calouros" a toda sorte de situações críticas... Pilhas de sapatos, amontoados nas esquinas... Batismo de alguns "calouros", com o recurso de água da torneira mais próxima, quando não lhes jogavam por cima baldes de tinta em todas as cores... Tudo alegre, tudo movimentado e divertido, enfim. O cortejo, por toda parte, recebia os aplausos do público que, sorrindo, compartilhava da alegria dos estudantes e esquecia, por momentos, as "últimas" da guerra... Depois, tudo silenciou... O desfile voltou ao "barracão", neste caso as dependências da Escola, onde se dissolveu em boa paz. Os veteranos, satisfeitos com o dever cumprido, mantendo tradições da casa. Os "calouros" desobrigados dessa espinhosa prebenda e pensando na "vendetta", para o ano vindouro. E pelas esquinas os últimos "mirones" distraídos com a diversão gratuita que a mocidade da Escola lhes havia proporcionado, nestes tempos em que tudo é pago e bem pago, refletiam com uma pequena dose de filosofia para uso interno:

— Abençoada mocidade que ainda encontra tempo e predisposição para arredar do espírito as preocupações de todos nós e se divertirem assim...

♦♦

Coisas, enfim, que ainda acontecem no Rio contemporâneo das "filas" e de outras pequenas calamidades próprias da época.



Em meio à passeata, dos altos de um edifício caiu, em jôrras, o "precioso líquido". E o banho inesperado foi recebido entre exclamações inúteis de protesto...



Ao alto, um aspecto dos "calouros" em desfile. Em baixo, multidão aglomerada na Avenida, lembrando os aureos tempos do Carnaval, diverte-se a custa dos estudantes.



LUCIA MARIA, FILHA DO DR. GILBERTO CARVALHO SOARES E SUA EXMA. ESPOSA MARIA JULIO ESTRELA SOARES. S. SALVADOR. BAHIA.

Figuras e Fatos

Aniversários da Semana

2— Senhoras: D. Anna Hungria; Senhoritas: Lydia Tonassi e Joia Machado Drumond. Senhores: D. Aquino Corrêa, Francisco de Paula Job.

3— Senhores: Dr. Carlos Ferreira de Almeida, Consul Aldo de Castro Menezes, Dr. Francisco de Sá Filho, Antonio Napoleão Azevedo, Moacyr Freitas.

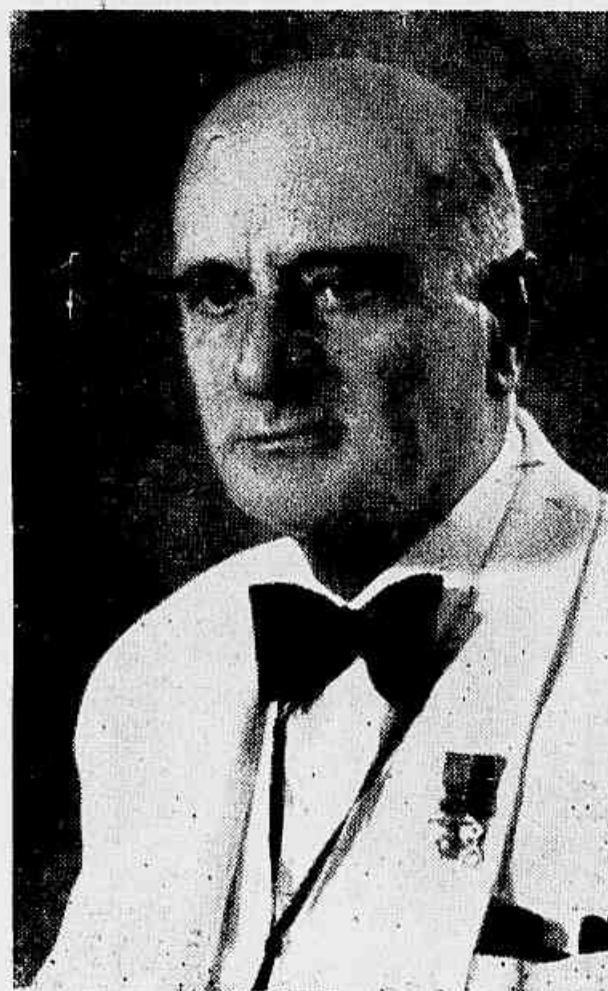
4— Senhoritas: Carmen Casali. Senhores: Vicente Gomes da Costa, Dr. Helvecio Xavier Lopes, General Galadino Luiz Esteves.

5— Senhoras: D. Gilka Suchson da Fonseca, D. Leonidia Pereira da Fonseca. Senhoritas: Iva Moreno, Laurinda da Fonseca, Iolanda Guidi, Diná Marcondes Machado, Lourdinha Ftageli, Zoé de Paula Lima; Senhores: Dr. João de Assis Lopes Martins, Capitão Cesar Ribeiro Jayme Sloan, Vicente Cericola, Tenente Albano Ferreira de Melo, Dr. Francisco Antonio Cardoso, Otavio A. Barbosa, Guilherme Alfieri, Irineu Moura.

6— Senhoras: D. Maria Aparecida de Góes, D. Maria Neto de Magalhães. Senhoritas: Ercilia Cesar, Maria Ester Bourroul. Senhores: Dr. Henrique Paulo de Frontin, Coronel Manoel da Rocha Silveira, Osly Weyl, General Estevão Leitão de Carvalho, José Amorim Ribeiro, José Pistose, Vito Ignoti.

7— Senhores: Dr. Fernando Dicks, Dr. Hugo Baptista, Dr. Pereira Vianna, Raymundo Maia.

8— Senhoras: D. Ofelia do Nascimento, D. Clorinda Campos, D. America Fragoso, D. Mimi Mora Monaco.



PROF. JOSE' ALARCON FERNANDEZ ESCRITOR ESPECIALIZADO EM ASSUNTOS INTER-AMERICANOS CUJO ANIVERSARIO TRANSCORREU A 12 DE MARÇO FINDO.

D. Linda Viana Munhoz. Senhores: Dr. Artur Ferreira da Costa, Capitão de Mar e Guerra Washington Pery de Almeida, Coronel Felicissimo Cardoso, Alberto Hardy Alves, Astrô Cintra.

O Anjo da Guarda

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 16)

dade lhe pertence legalmente, não lh'a entregarei, e enquanto duvidar quem dirige esta casa sou eu. A senhora está morando aqui porque eu assim o permiti. Legalmente, como vê, os papeis estão invertidos. E' a senhora quem tem de pedir a minha permissão e não eu a sua.

A busca começou na biblioteca. Madame Landell não arredava pé de junto dos dois homens. Não queriam que eles achessem o testamento na sua ausência.

A biblioteca era uma sala espaçosa e clara. Tinha largas portas envidraçadas

ao fundo e, bem no centro, havia uma grande mesa. Nas paredes, estantes cheias de livros.

A maioria era literatura latina e grega.

Selby lia, à meia voz, os títulos: "Annales Thucydidei et Xenophontei, Miscellanea Critica, Palaeografia Graeca"... Seguiam-se filas e mais filas de peças gregas. Selby disse, finalmente:

— Nada por este lado.

— Creio que está por aqui — respondeu Trent. Há vários volumes de poesia aqui. Todos em inglês.

Descobriram, afinal, o livro "Alice no País das Maravilhas", por Lewis Carroll.

(CONTINUA NO PROXIMO NÚMERO)

ASPECTO DO RECENTE ATAQUE REALIZADO PELOS BOMBARDEIROS MEDIOS "MARAUDERS", DA OITAVA FORÇA AEREA AMERICANA, CONTRA UM AERODROMO DE CAÇAS NAZISTAS, NA EUROPA OCIDENTAL. NUM PERIODO DE 100 DIAS, OS AVIÕES DA OITAVA FORÇA AEREA AMERICANA REALIZARAM 24.000 "RAIDS" CONTRA O INIMIGO, LANÇANDO 18.000 TONELADAS DE BOMBAS CONTRA AS SUAS INSTALAÇÕES MILITARES E INDUSTRIAIS NA ALEMANHA E NOS PAISES OCUPADOS. (Foto Inter-Americana)



Na história das guerras, os acontecimentos decisivos surgem quando menos se esperam. Para o grande publico — pois as guerras também tem seus espectadores — passam despercebidos os movimentos preparatórios desses fatos que decidem o destino dos povos. Apenas os observadores mais próximos e mais atentos, aqueles cuja sensibilidade se acentua, são capazes de analisar os movimentos aparentemente secundários, prevendo com relativa segurança suas consequências imediatas. Às vésperas de um abalo sísmico ou da erupção de um vulcão, os habitantes da aldeia ou da cidade ameaçada permanecem tranquilamente seguindo sua vida rotineira. Mas nos observatórios os aparelhos de precisão registam os longínquos ruídos, prenunciadores do perigo iminente; o mesmo se dá em política.

A guerra de 1914-18 é um exemplo dessa afirmação. Os grandes e decisivos movimentos da guerra atual, aqueles que realmente alteraram o curso dos acontecimentos, vieram sem que ninguém os esperasse ou pudesse prever.

Hitler, com todo o seu poder, não conseguiu evitar que os russos comprimissem a mola da "caixa de surpresas dos Balcãs".

Esses povos da Europa Central, tão pouco conhecidos dos ocidentais, com uma forte predominância de sangue eslavo, sempre constituíram um grande perigo para os que pretendem dominá-los.

No momento em que Hitler mais necessita das suas tropas, cujas reservas se vão tornando escassas pelas sucessivas sangrias a que vêm sendo submetidas pelo alto comando alemão, foi obrigado a invadir a Rumania, a Hungria e a Bulgária, ocupando à força seus territórios.

A atitude dos países balcânicos, ditada evidentemente pelo avanço vitorioso dos exércitos russos na Bessarábia vem provar a precariedade da famosa "Nova Ordem" do ditador nazista.

Os povos desses países, ludibriados pelos seus dirigentes, vieram-se envolvidos numa guerra de conquista, para a qual não estão absolutamente preparados, e que não consulta de nenhum modo seus interesses reais.

Agindo em nome de "chavões" destituídos de sentido concreto, eles vêm seus exércitos gradativamente reduzidos por uma tremenda sangria nos campos de batalha da Rússia.

A defesa contra a ameaça bolchevista que os levou — contra a vontade — a tomarem parte ativa na aventura nazista é apenas uma capa de disfarce. O motivo real pelo qual estão lutando cegamente é a defesa do território alemão. O interesse de Hitler é manter a guerra o mais afastada possível das fronteiras alemãs, transformando os estados mais fracos que a cercam numa muralha de proteção. Quanto mais gente puder ser sacrificada para evitar a invasão da Alemanha, derramando seu sangue por uma causa que não lhes diz respeito, tanto melhor para a insaciável malta nazista.

Utilizando-se dos Quislings, que infelizmente puluam em toda parte, usando de habéis manobras diplomáticas, Hitler tem conseguido seus intentos.

Uma hábil distribuição de territórios aos três países em questão constituiu uma justificativa para esses Quislings aparecerem diante dos povos que trazem, como defensores dos interesses nacionais. Aliás, não havia nenhum motivo para que eles temessem mais o bolchevismo do que o nazismo, sob cujo jugo se encontram atualmente. Até pelo contrário, por motivos etnológicos e linguísticos, eles são muito mais afins com a Rússia do que com a Alemanha.

Toda a mentirosa doutrina pela qual se batiam pode ser mantida enquanto a guerra era afastada dos seus territórios. A travessia do Dniester pelas forças russas e

a ameaça direta ao Pruth abriram os olhos aos povos balcânicos, levando o pânico às tropas e aos habitantes.

Hitler foi obrigado a invadir e ocupar seus territórios para defender a última linha estratégica onde pode contar com o auxílio do terreno. Entretanto, os Carpatos já estão à vista dos exércitos vitoriosos de Konev.

Por outro lado, a perda do território ucraniano, quase totalmente recuperado pelos soviets, constituiu mais um grave e irremediável golpe ao nazismo. Região fertilíssima, rica em trigo, carvão, ferro, petróleo e outras matérias primas de importância, a Ucrânia sempre foi ambicionada e a sua conquista custou o sacrifício de muitos; muitos milhares de nazistas. Além disso, o petróleo da Rumania, apesar de ser de qualidade inferior, supria dois terços do consumo alemão, sendo pois de vital importância para as necessidades do Reich. E o avanço russo ameaça também muito proximamente os campos de Ploesti.

E' de se imaginar o esforço que hão de fazer os nazistas para se agarrarem a esse território, via de acesso a Berlim.

A questão finlandesa e a rebelião dos Balcãs vem provar que só existe união na "Grande Alemanha" com o emprego da força por parte dos nazistas e que, livres da coação, eles sacudirão o jugo odioso.

Hitler movimenta, desesperado, as suas escassas reservas para o norte e para o sul, tentando sufocar a revolta dos satélites e impedir o esboroamento do III Reich que se anuncia próximo. — G.

A GUERRA EM MARCHA



UM SOLDADO JAPONÊS, AO SER PRESO, ESTÁ GRAVEMENTE FERIDO NA CABEÇA PELOS FRAGMENTOS DE OBÚS. IMEDIATAMENTE UM ENFERMEIRO DAS TROPAS AUSTRALIANAS PRESTA-LHE ASSISTÊNCIA E O CONDUZ PARA A ENFERMARIA MAIS PROXIMA. HÁ SEMPRE UM HOSPITAL NOS CAMPOS DE BATALHA.

UM DIA NUM HOSPITAL NAVAL NA FRENTE DO PACIFICO

COPYRIGHT DA INTER-AMERICANA

WASHINGTON, MARÇO — Antes de encontrar-me com o Dr. Nesburn, já tinha tido oportunidade de contemplar o que, no terreno da medicina, a Marinha dos Estados Unidos havia feito, instalando-se com tudo o que há de mais perfeito nas grandes unidades navais e nos grandes hospitais, em quasi todas as bases norte-americanas do Pacífico Sul. Tive, então, oportunidade de conhecer os médicos da Marinha, de todas as especialidades.

Se tivesse de escolher um deles, como símbolo de todos os outros, penso que a minha escolha recairia no Dr. Henry Nesburn. Este é um médico perseverante, incansável nas pesquisas e a quem se deve a construção e manutenção de um dos menores porém melhores hospitais daquele setor do Pacífico.

O meu "jeep" sofreu uma avaria a quinhentas jardas daquele hospital e, atravessando uma lama horrível, dirigi-me a uma pequena elevação, onde se deparavam a minha frente as primeiras construções.

Ficavam na encosta de um morro, onde os coqueiros acabam e começa a selva imensa e inextricável.

Encontrei o Dr. Nesburn, que no momento estava colocando um ventilador, com o auxílio de quatro pessoas. A princípio não sabia quem ele era, mas parei e gritei: "Alô, comandante!" Um dos cinco homens me acenou.

O tenente comandante era um homem de baixa estatura, mas de gestos muito enérgicos. Fez-me ao mesmo tempo perguntas sobre uma dúzia de coisas mas antes que eu pudesse responder, olhou para o relógio e disse: "Estou atrasado para o chamado que um doente me fez". Arrastou-me, então, para uma tenda de lona onde quinze rapazes estavam em fila, esperando-o. Lavou as mãos, esfregando-as com álcool e começou a examinar os homens, conversando com todos, inclusive eu, sem se distrair do trabalho.

O que tinha a maioria dos homens era coisa sem gravidade; um curativo para ser mudado ou uma dor

nas virilhas e o médico ficou muito sério. Comprimiu com os dedos o estômago do rapaz, do lado direito, perto dos quadris. Aproximou-se de um auxiliar e disse-lhe alguma coisa, em voz baixa; depois, disse ao rapaz que faria melhor se passasse o resto do dia e a noite sem sair da cama.

Disse-me o Dr. Nesburn que podia ser excesso de alimento, mas também podia tratar-se de uma apendicite. Vou pô-lo sob observação, para poder verificar do que se trata.

Dirigimo-nos depois para outra barraca. Aqui era grande o numero de pacientes, alguns sentados, descansando, outros lendo ou jogando baralho. Havia um rádio, que estava desligado e todos os homens se aproximaram de nós, quando chegamos, enquanto o médico ia leito por leito dos que não podiam levantar-se, examinando as anotações sobre as ocorrências diárias de cada um.

Mandou, depois, que todos ficassem á vontade, cada um para o que estava fazendo, enquanto examinávamos os casos, um por um. Havia várias molestias, feridos e algumas vítimas de queimadura. A todos o Dr. Nesburn dedicava apenas o tempo necessário, pois a demora excessiva ali trazia grande prejuizo, em virtude do grande numero de pessoas que esse médico é obrigado a atender.

Conhecia pelo nome a maioria das pessoas e, sempre que tinham qualquer queixa, era maior o intervalo que lhe dedicava, a lista de ocorrência era lida uma segunda vez e novo exame se seguia.

No dia seguinte, fomos ver o rapaz que estava com dores na virilha e que o médico tinha mandado para o leito, para verificação.

As dores agora estavam mais bem localizadas, a umas cinco polegadas acima da virilha. O Dr. Nesburn apalpou bem a região, ficando meio indeciso para tomar uma resolução. Depois, voltou para o seu auxiliar e disse: "Será a's três. Prepare-o".

A sala de operações estava, no fim de uma grande casa de construção rural, que servia também para laboratório e gabinete de dentista. Todos os seus auxiliares já estavam prontos quando chegamos e começamos a lavar as mãos. Embora tudo ali fosse, em parte, improvisado, e sem o conforto ou recurso necessários para uma operação, puzemos mãos á obra, com a mesma gravidade e a mesma atenção, como se estivéssemos num dos melhores hospitais de Nova York. O paciente já estava sobre a mesa. Um dos auxiliares começou a aplicar a anestesia local, até que o rapaz já estava completamente insensível, naquela região.

O médico apanhou o bisturi, mediu a distancia com os dedos, escolheu um ponto para incisão e cortou. A sala ficou num silêncio profundo, ouvindo-se apenas o barulho da borracha no metal, enquanto os auxiliares passavam ao médico cada um dos instrumentos precisos.

Afinal, o Dr. Nesburn terminou a operação, colocou os pontos, limpando o local e o paciente foi retirado da sala de operações. Depois, acompanhámo-lo médico para a tenda de lona, onde ia atender os outros pacientes.

Um deles veio carregado e inconsciente. O Dr. Nesburn examinou-o dos pés á cabeça, não encontrando nenhum sinal em todo o corpo. Mas á proporção que o médico o examinava, o rapaz ia voltando a si, mexendo-se e sentou-se, afinal, com a cabeça entre as mãos.

O círculo de seus companheiros que, ansiosos, o rodeara, desfez-se, então.

— Novo membro do Club? — perguntou o médico.

Os homens responderam:

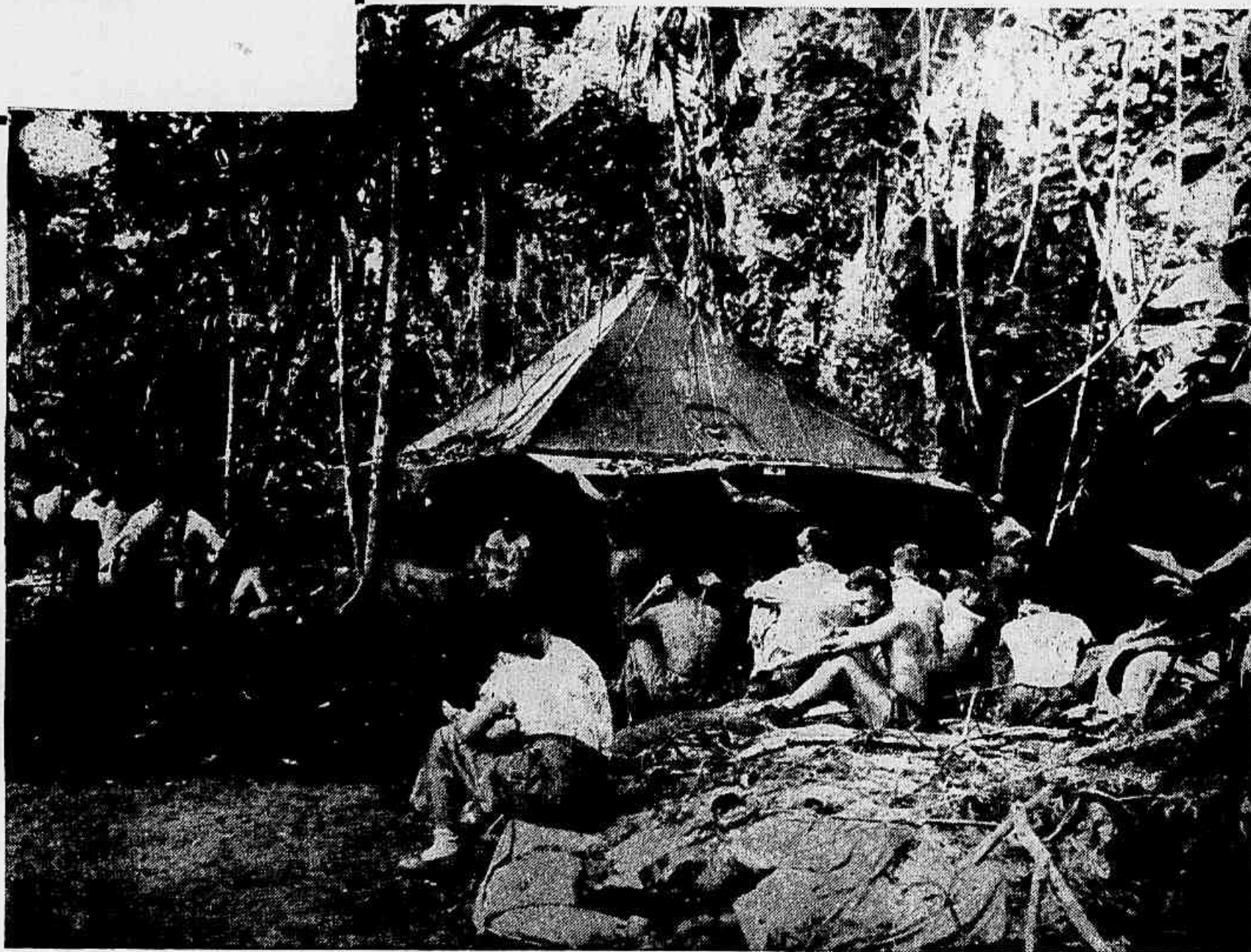
— Sim, é a terceira vítima do côco.

O Dr. Nesburn examinou-o, novamente, até que achou um ferimento na cabeça, pensando-o.

Depois virou-se para mim, explicando: Ferido por um côco. Eles ficam em baixo de um coqueiro, conversando, e, de repente, lá vem um côco! E a vítima torna-se, então, o novo membro do "Club do Côco na Cabeça".

Chegam a ficar desacordados, mas sem nenhuma consequência grave, a não ser uma dor de cabeça, que o atormentará por muitos dias.

Caminhamos na chuva, mas o telefone tocou, na barraca do coronel, e a sua voz através da lona fez com que parássemos por uns momentos: "Doutor, eles querem que o sr. vá ver um soldado, que acaba de sofrer uma fratura".



IMPROVISADO EM CAMPANHA, ESSE HOSPITAL PRESTA RELEVANTES SERVIÇOS ÀS TROPAS DO PACIFICO. E Á MEDIDA QUE AS FORÇAS AVANÇAM, O ACAMPAMENTO-HOSPITAL É TRANSPORTADO, PERMANECENDO, NATURALMENTE, A' RETAGUARDA.

OPERA



EVA TODOR

EM nossa crônica anterior, a propósito do afastamento de Bibi Ferreira do palco, após sua auspiciosa estréia ao lado de Procopio, lamentamos a escassez de valores novos do nosso teatro. E' justo assinalar que a mais recente e vitoriosa afirmação registrada foi, inequivelmente, a de Eva Todor. O nome da antiga "estrelinha" de revista, hoje imposto ao grande publico na condição de uma real artista do teatro declamado, pode enfileirar-se entre as que melhor conceito desfrutam da critica e dos "fans". Resultado de árduo e perseverante trabalho, muito estudo e dedicação, Eva é ainda a consequência da obra a que se devotou Luiz Iglesias no dia em que resolveu trocar suas atividades de revistógrafo pelas de comediógrafo e empresário. Da associação desses dois espíritos mócios, resultou a homogeneidade do elenco ora ocupando o Teatro Serrador, onde as tradições de um nome saudoso para nós todos — o de Francisco Serrador — se vem mantendo de maneira a mais brilhante. Sem duvida, é cedo ainda para se considerar Eva Todor uma completa estrutura de interprete dramatica, mas poucas artistas da sua geração conseguiram tanto em tão curto espaço de tempo. O fato de Eva Todor ter seu publico selecionado entre a melhor classe social carioca e a circunstancia de saber dar a essa platéia espetaculos de requintado sabôr artistico fazem que ela mereça este nosso registro, isento de qualquer simpatia pessoal ou estimulo de camaradagem. Trata-se de reconhecer os predicados de uma atriz que traçou um plano de trabalho e a êle se amoldou. Nesta coluna, destinada a manter as tradições de critica e de noticiario informativo da REVISTA DA SEMANA, Eva Todor pode equiparar-se a Dulcina, a Bibi Ferreira e a outras marcantes personalidades da nossa ribalta, tão escassa de valores autênticos mas contando, ao menos, com alguns que por aqui irão desfilando.

Depois de publicada a noticia sobre Bibi Ferreira, em edição anterior, soube-se que sua companhia estreará, provavelmente em maio, no Opera. E a proposito. Por que não devolvem a esse teatro seu primitivo nome, cheio de tradições — Teatro Phenix?

Houve ontem duas estréas: Dulcina e Odilon, no Municipal, com "Cesar e Cleopatra", de Bernard Shaw, tradução de Miroel da Silveira; Jaime Costa, no Gloria, com "Os homens já foram anjos", de Henrique Pongetti.

Afirma-se que teremos, este ano, uma companhia norte-americana de espetaculos variados. As negociações estariam adiantadas nesse sentido, embora se ignore qual o teatro a que ela se destina.

Enquanto os teatros continuam escasseando, um dêles inexplicavelmente permanece fechado, quando muito aproveitado para ensaios: o Ginástico. E, no entanto, fica a dois minutos da Cinelandia...

Raimundo Magalhães Jr. escreveu "As Novas Aventuras da Família Lero-Lero", continuação da peça que tanto sucesso alcançou representada por Jaime Costa. Deve ser estreada proximaemente no Gloria.

VOCE SABIA QUE ...

...Manuel Durães é cunhado de Dulcina? A esposa do conhecido ator, hoje arreado do palco e dedicando-se exclusivamente a rádio-teatro, em São Paulo, é irmã da atual interprete de "Cleopatra".

...Jaime Costa já cantou operetas? Sua estréia definitiva em teatro, no ano de 1919, fêz-se substituindo o tenor português Sales Ribeiro no protagonista da opereta "O Fado", no antigo São Pedro, hoje João Caetano.

...Sadí Cabral já esteve em Hollywood? Mas não foi tentar a carreira de galã cinematográfico, como se podia pensar. Foi acompanhando uma excursão de turismo, quando, àquele tempo, o referido ator trabalhava na sede dessa empresa, aqui no Rio...

...Bibi Ferreira estreou em teatro com poucos meses de idade? Procopio trabalhava no antigo Trianon e sua filha foi aproveitada para fazer uma recém-nascida que aparecia em cena. Depois, Bibi participou dos espetaculos da companhia de revistas espanholas Velasco, aos cinco anos de idade.

...Alvaro Moreyra e Joraci Camargo já representaram juntos? Isso aconteceu no desaparecido Teatro Casino, situado no Passeio Publico, quando Alvaro apresentava o saudoso "Teatro de Brinquedo".

OPERA

EXPLICAÇÃO DA TOLERANCIA

DJALMA MACIEL

SE é fato que a estultice gosta de andar de mãos dadas com a bondade, não há mais duvidas porque os maus estão sempre de cima, gosando as melhores delicias da vida. A ignorancia é um tremendo castigo imposto à espécie pela Natureza e a humanidade reage, instintivamente, admirando de preferencia um patife inteligente a todos os santarrões orelhudos deste mundo. Por isso são populares os tipos literários do bandido audacioso e sagaz e o D. Juan sem escrúpulos mas habil nas suas conquistas amorosas, enquanto só para exemplo de ridículo se guarda a lembrança dos perfis bonachões e asininos à Conselheiro Acácio. Na vida pratica, a história de Meneghetti ocupou mais espaço nos jornais do que os elogios merecidos durante dez anos pela totalidade de nossos filantropos, o que me faz pensar talvez seja mesmo asnice fazer bem ao próximo... Por outro lado, quem invejará com sinceridade os louros morais do pobretão que entrega no distrito policial a carteira recheada, perdida pelo capitalista usurário? Embora consciente de que procede mal, a humanidade inteira repele, assim, a incompetência mental como uma espécie de lepra do espírito, que não pega mas incomoda à vista. Repele por determinação da própria lei de sobrevivência da espécie. Sómente os capazes vencem e se perpetuam. A pobreza de espírito é incapacidade. Logo, deve ser combatida; e o instinto coletivo realmente a combate, como prejudicial à sua perpetuação.

♦♦♦

Mas, como toda regra-tem variante, tambem a irreprimivel aversão da massa pela inciencia abre uma exceção fazendo vista grossa, perdoando e até achando graça no rádio caricca! Entretanto, se tolce doesse, os carros da Assistência não saíam da porta das emissoras... Por que, então, essa tolerancia? Muito simples: — a sandice radiofonica diverte e tambem diverge da habitual aliença com a simplicidade e com a bondade. É pernóstica e fescenina. Nésica mas petulante, sabe disfarçar a pieguice sestrosa; e enfeita a sua quasi inutilidade cultural com a colaboração de alguns poucos idealistas verdadeiramente capazes, que se deram à extravagancia de construir bases de beleza musical e literária em terreno tão sáfaro. Não é preciso mais, com efeito, para confundir o discernimento da multidão.

♦♦♦

Dirá o leitor que a tése é falsa porque os aplausos da massa popular representam uma das tres coisas: — ou a radiofonia não é poço de parvoice; ou a multidão de fato não repele, instintivamente, as manifestações asinárias; ou, ainda, ambas — multidão e radiofonia — encontram-se ao mesmo nivel de capacidade intelectual. Iria muito longe para discutir pormenorizadamente as tres questões, repetindo o que já exemplifiquei. Um povo inteligente a ponto de ser irônico, que faz de qualquer acontecimento vulgar um bom motivo para deliciosas blagues e ferinas piadas, não está, não pode estar ao mesmo nivel das eructações mentais que encham, com musica ou sem musica, as ondas hertzianas. Os verdadeiros motivos da aceitação dessas excrescencias encontram-se em primeiro lugar na confusão a que aludí há pouco; depois no fator distração, na circunstancia da gargalhada, que tambem faz perdoar e aplaudir a burrice dos clowns de picadeiro. E o rádio será mesmo um reduto da ineptia? que respondam os sintonizadores dessas novelas caramelosas, onde há sempre um preto velho tati-bitati, a donzela amoruda e persaguada, o fazendeiro burricamente teimoso, o pai intransigente, a briga entre latifundiarios malvados... Que respondam por mim os que desconfiam os maxilares cocejando todos os anos com as mesmas historias chulas e os mesmos afitos idiotas dos sambistas saudosos da Praça Onze... Que não façam cerimonia e me desmintam, quantos se dão ao trabalho de ouvir os humoristas sacadores de piadas e anedotas que envergonhariam o semgracismo de qualquer boticário de arraial... Que atestem o contrário os que se arripiam de pena da gramática dos locutores falastroes. E afinal que se manifestem logo os ferroviários da Central e da Leopoldina, dos quais já me disseram por aí que vão se dirigir ao Sr. Larmatine Babo, aconselhando-o a perpetrar os trocadilhos que entender, mas sem fantasia de guarda-freios...

Celso Guimarães é o g lã que não passa de moda. Conservando-se no seu lugar, sem preocupação de sensacionalismo, fazendo uma vez por outra uma incursão no reduto do cinema, Celso é sempre o mesmo, simpático e querido de seus fans. Bom locutor, correto rádio-ator, animador de programas com a sobriedade da voz característica na sua pessoa, é-lo na Nacional desde a inauguração da emissora da Praça Mauá. Outros vão, outros voltam. Os tempos passam. E êle, firme, mansamente quieto, no seu canto, mas inalteravel no bem-querer dos ouvintes, que é o essencial... Eis porque Celso Guimarães está hoje no cartaz desta coluna.



CELSON GUIMARÃES

O Jockey Club- Mundano



Os graciosos sorrisos onde se reflete o prazer de uma vida alegre e despreocupada enfeitam as tardes agradáveis de domingo no Hipódromo da Gavea.

E a objetiva, sempre alerta, fixa no celuloide o encanto desses momentos inesquecíveis.

Ao apontar de 1835 a Regencia Permanente, de criação e voto parlamentar, concluía mandato, reduzida a regente unico, Lima e Silva, Braulio Muniz falecido e Costa Carvalho em S. Paulo, onde de obstinado retiro substituiria a Permanente outra Regencia una e creada pelo voto popular do Imperio todo. Eleito regente, Feijó esperou pelo que em linguagem politica se diz "testamento" a expressão sem nota funebre. Contentando vivos, "testamento" significava em politica os ultimos atos de um governo a beneficio justo ou injusto de uns e de outros.

No "testamento" da Regencia Permanente Trina, passada a Una por força de texto legal e acontecimentos imprevistos, figuraram o reconhecimento de D. Maria II como rainha de Portugal e a escolha de dous bispos para as dioceses de Marianna e do Rio de Janeiro. As mitras, os baculos, as cruces peitoraes deviam pertencer ao regente Feijó e ao padre Antonio Joaquim de Moura contemplados em "testamento" profano.

Por que escolha regencial de Feijó e Moura sabidamente defensores da idéa da abolição do celibato sacerdotal? Por que aos dous brasileiros aquele presente de gregos?

A apresentação dos dous novos bispos tinha de ser e foi explosiva tocando na Santa Sé, que logo vetou escolhidos negando preconisação.

Neste desagradavel ambiente de classes Feijó tomou posse. Eleito no fatidico mez de Abril, o da Abdicação, Feijó iniciou governança a 12 de Outubro, dia e mez muito americanos.

Ao malfadado presente da mitra, proposital ou não, ajuntou-se em desfavor de Feijó a hostilidade de aguerrida opposição parlamentar acesa em partidaria vigilancia e promessas de aumento. Tudo contra o regente semi-bispo, nem o sendo *in partibus infidelium* o proprio nomeado infiel á Igreja.

Mez antes da posse de Feijó chegára ao Rio de Janeiro um ministro de França, Eduardo Pontois. Conheceram-se em 1831 e, com o ministro inglês, Aston, presenciára as cenas anteriores e posteriores á Abdicação.

Pontois ia testemunhar um pouco a regencia Feijó, dando conta de missão ao seu governo, o de Luis Felipe, e ao seu ministro dos Estrangeiros Thiers, sempre qualificado de *Monsieur*.

Entrou logo Pontois em conversas com Feijó, sem duvida em meia-lingua, á vista do redado conhecimento dos interlocutores, um no francês de tantos acentos, o outro no vernaculo de tantos ãor.

A observação fisionomica e a psicologica suprem filologia e independem de filólogos e de suas longas discussões frequentes em torno de regras e vocabulos.

Pontois, entendendo Feijó, retratou-o assim: "Homem de primeiro movimento e instinto, apegado ás suas proprias idéias, cheio de confiança no poder de sua vontade, tanto para a escolha de seus Ministros como para a maior parte de seus atos, só consultando a sua conveniencia particular, sem cura de exigencias parlamentares, na sua conduta, numa palavra, parecendo todos os caprichos do Poder absoluto, de preferencia á attitude circumspecta, regular e legal da temporariedade de um Governo Representativo".

Disse Pontois tel-o verificado ao nomear Feijó ministro da Justiça a Aguilar Pantoja. O clamor contra a escolha foi grande, o regente dando-lhe ouvidos de mercador. Reconhecido fluente orador de talento, precioso auxiliar na Camara dos Deputados onde apenas Limpo de Abreu defendia Feijó, Pantoja era incriminado por altas vózes da opposição. Para a mesma existia em Pantoja o antigo juiz em Pernambuco, membro da *Coluna*, sociedade pugnando ás claras pela reentronisação de D. Pedro I passado em 1831 a duque de Bragança. Grita publica, conselhos de amigos, não abalaram Feijó, "homem do primeiro movimento" nada propenso a segundo para desistir.

A opposição entrou a reclamar o reconhecimento da irmã mais velha do D. Pedro II, a princesa D. Januaria, como herdeira presuntiva da corôa, juramento por ela prestado em Agosto de 1836. "A cerimonia não excitou, disse Pontois, entre os seus espectadores e a população do Rio de Janeiro, o entusiasmo previamente anunciado pelos inimigos do Regente".

Em Outubro de 1836 desejou Feijó respirar ares de S. Paulo, deixando atraz de si no Rio, a ferver, a questão dos bispados. O golpe do juramento não produziu o efeito esperado, cumpria recorrer a novas armas.

De volta do seu São Paulo, em Novembro, aliviado pelo encerrar de Camaras, vio-se Feijó a braços com recomposição de Ministerio na qual Pantoja ainda ministro da Justiça, interino na pasta de Estrangeiros.

A 8 de Dezembro de 1836 o Regente deu jantar e baile no palacio de S. Cristovão, primeira festa depois da exaltação ao trono de D. Pedro II. Convidado para o regêijo, José Bonifacio declinou do convite, no ex-tutor o *pulvis* da remoção da tutoria em 1833. Certo sentimento mesmo velho não cansa. Jantar e baile realizaram-se. Onde muitos ha, um convidado ausente não faz falta.

Pontois, diplomata, tinha obrigação de comparecer, compareceu, na liberdade de observar, observou. Ferio-lhe attenção a rigorosa etiqueta reinante á mesa e nas dansas em contraste com a singela ornamentação do palacio.

Numa festa é de rigor a presença dos donos da casa. Em razão de batina, Feijó em S. Cristovão só podia ser dono unico de casa.

Achou-se no baile o principe de Orange, de passagem pelo Rio. Durante toda a noite, em honra do hospede, a banda da musica do palacio executou a velha aria *Partant pour la Syrie*, letra e composição de Hortencia, ex-rainha da Holanda e mãe de Luis Napoleão, de futuro trono em França. A banda tomou o *Partant pour la Syrie* pelo hino nacional holandês, o que provocou risos recolhidos no corpo diplomatico, de gente propensa a criticar a mais miuda *gaffe* ou beliscão no protocolo.

Cousa singular, a 11 de Janeiro de 1837, a bordo da fragata *Andromeda*, aportava ao Rio de Janeiro o principe Luis Napoleão. Ia para os Estados Unidos, em viagem de recreio, forçado. Acabára de tentar em Strasburgo pôr abaixo Luis Felipe, um dos melhores reis de França, querendo Luis Napoleão o ser só dos Franceses.

De 11 de Janeiro a 1.º de Fevereiro de 1837, teve o principe desterrado folga para ver o Rio de Janeiro, nem por isto ele;



DIOGO ANTONIO FEIJÓ
(S. Paulo 1784-1843)

AO TEMPO DO IMPERIO (A REGENCIA FEIJÓ)

quando imperador dos Franceses; nos mostrando simpatia e sim a Solano Lopez.

No mesmo dia da partida de Luis Napoleão para a América do Norte para lá seguiam Pontois, ministro de França, e o principe em condução e condição diferentes.

Ficou á testa da legação francesa um encarregado de negocios, Thuriot de la Rosière. Tinha pratica de nossos homens e de nossos negocios publicos, um daqueles homens proeminentes Evaristo da Veiga, falecido a 13 de Maio de 1837.

Dando noticia do lutooso successo ao conde Molé, ministro dos Estrangeiros, La Rosière encareceu méritos de Evaristo. Disse-o "digno do cognome de Franklin Brasileiro conferido ao redator da *Aurora Fluminense* por seus compatriotas, deixando Evaristo duas filhas na pobreza, amigos do pai se propondo a acudir-lhes por meio de subscrição".

Pouco antes do obito de Evaristo, Feijó reunira em casa varios senadores e deputados desejado ouvil-os sobre a situação do paiz. Evaristo deu parecer com emção, esta nele pouco vulgar.

O frio humido da noite da conferencia assaltou-o ao sahir das agitações da reunião em sala de temperatura aquecida. Evaristo resfriou-se, acamou-se, não se levantou mais.

A morte de Evaristo era sensível para a Regencia. Moderado, conciliador, adversário cortez, os seus conselhos pesavam na politica, e o que é melhor, muito melhor, pesavam na opinião publica.

Alarmava-se esta vendo Feijó provocar um poder que não podia dissolver, o poder legislativo. Segundo La Rosière, os deputados militares diziam que "já tinham as mãos nos copos das espadas para defesa de seus direitos".

Pessoa amiga de Feijó deu-lhe aviso da possibilidade de algum acontecimento de estrondo.

"Tire esta ideia de cabeça, não ha nada" disse Feijó. Neste caso, replicou o avisador, parece-me difficil estar peor. Feijó retrucou, "ora, claudicamos cada um de lado, não haverá embate".

A espera do que desse e viesse aborrecia-se Feijó com um seu ministro, Acayaba de Montezuma, titular dos Estrangeiros, por motivo de nomeações reputadas "desastrosas" para o corpo diplomatico.

Projeto matrimonial de Montezuma, malgrado na sua realisação, alimentou comentarios maliciosos sobretudo nas colunas do *Sete de Abril*, aumentando máo humor de Feijó já por outras causas aborrecidissimo com Montezuma que, ministros dos Negocios Estrangeiros, não achava outra ocasião para tratar de negocios domesticos.

Contra Feijó a imprensa adversária nada deixava de explorar, nem siquer a pretensão conjugal do ministro, e de um padre, por tal qualidade tanto de função aos pés de altar.

Cada vez mais a politica do momento ia se tornando um *imbroglio*. A palavra em taliano significa sobretudo confusão no desenvolvimento da ação de peças teatrais, inclusive no genero os dramas e as comedias da politica.

De fins de Outubro de 1836 a fins de Outubro de 1837, Feijó regenciára Brasil com auxilio de quatro ministerios, o ultimo de Maio de 1837, nele Araújo Lima ministro do Imperio.

Apezar de lutas civis no país norte e sul, malgrado as lutas que ele Feijó sustentára no terreno politico, a sua Regencia tinha feito algo a bem do Brasil. Por meio de companhias fôra planeada via ferrea ligando o Rio de Janeiro á Bahia, Minas e Rio Grande do Sul entre outras medidas tomadas pela Regencia, medidas constantes hoje dos repertorios de legislação.

Senador pelo Rio de Janeiro desde 1833, Feijó, em nome do imperador menor nomeou senadores na constancia de sua atribulada Regencia, enquanto José Bonifacio, o Andrada mór, se lavava em mar de rosas proprio para poeta arcadicamente Americo Elisio.

Cada escolha senatorial valia a Feijó um indifferente ou um ingrato, o escolhido, e pelo menos dous inimigos declarados ou encapotados, os preteridos. E' o resumo da maioria dos concursos, e o da senatoria sempre foi de ambições ferozes ou disfarçadas. Bem que conhecidos, calem-se os nomes dos senadores escolhidos por Feijó.

Cada vez mais nele se avolumou, tornando-se fixa, a ideia de trocar de vez o Rio de Janeiro por S. Paulo. Então alcançava a capital do Imperio novo ministro de França, o barão Rouen. Isto a 8 de Setembro de 1837, Feijó não temporizando mais, decidido a renunciar regencia, ainda com o ensejo de avistar-se com ele o recém-chegado representante da França. Segundo este, "alem de motivos de enfermidade e desanimo era possível attribuir ao Snr. Feijó a persistencia nos seus projectos de renuncia á necessidade de fazer certas concessões á homens e cousas que lhe repugnavam".

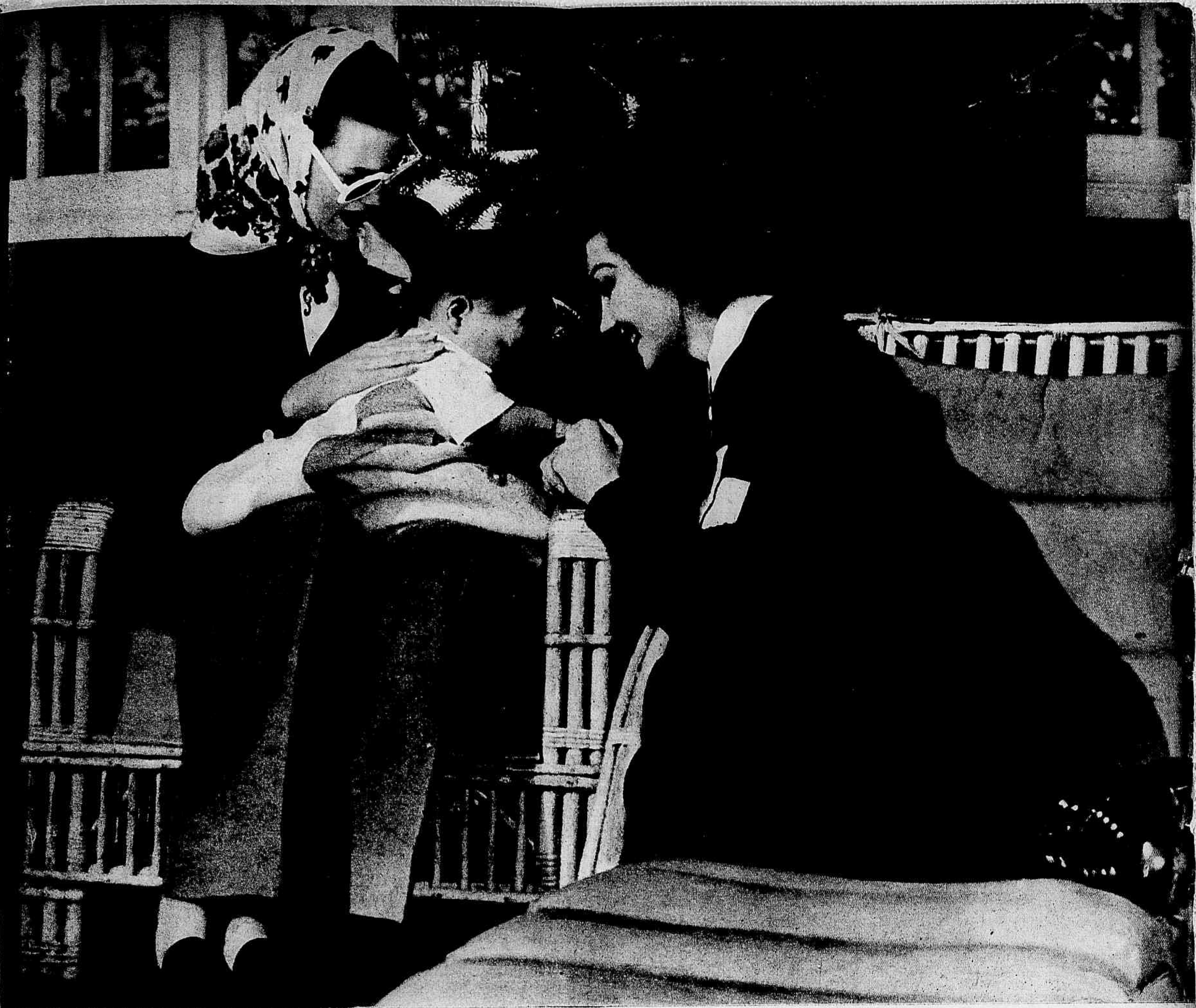
Coube ao barão Rouen dar noticia ao seu governo de demissão muito voluntaria de Feijó. Tinha este fisico debilitado e minado por multiplas contrariedades, embora ele se esforçasse por diminuir-as a bom humor.

Renunciando, Feijó tinha de relêr a Constituição e nela marcar artigo previsor. Providenciava a carta magna sobre substituição interina de regencia, no caso atribuida ao ministro do Imperio, o senador Pedro de Araújo Lima, com a pasta desde 18 de Setembro de 1837, talvez escolhido a dedo pelo renunciante.

Enquanto Feijó se preparava para ir a S. Paulo, Araújo Lima se preparava para constituir seu primeiro ministerio de correligionarios conservadores, atonitos e furiosos os liberais com a ascensão ao poder do partido oposto.

Diogo Antonio Feijó renunciando em desfavor de liberais deu vida a expressão muito do gosto do povo afeito a credices. O feitico voltara-se contra os feiticeiros. Muitos prometeram vingar-se. Tinham de esperar Julho de 1840 e quando se está contrariado o tempo custa a passar.

Esmergnolle Doniaf



A MULHER BRASILEIRA NA GUERRA

W A L L Y

HA por aí muita gente que ainda não entrou na fila real da guerra. O tremendo entrevêro que sacóde a terra ainda rebôa num cenário longínquo, fóra da nossa órbita material. Os primeiros grupos femininos arregimentados para o serviço de guerra eram empurrados por um sentimentalismo meio literário, um pouco do romantismo racial. Desses grupos muitos membros se dissolveram desertaram ao primeiro toque de clarim com laivos de som marcial. Sentiram essas arrefecer o fervor do primeiro impulso e resolveram acomodar-se no pacato funcionalismo, fato este que não lhes poderá ser censurado, uma vez que muitos homens, aptos para a luta, tiveram o mesmo gesto. Quer dizer que aquelas que ficaram, que continuaram em seus postos de sacrifício, que renunciaram á rotina dos dias de paz, são o resultado de uma seleção espontânea; mulheres de fibra, conscientes da sua missão, da parte que lhes toca no sangrento espetáculo. Continuam firmes, salvaguardas de um patrimônio heroico legado nobremente por Ana Neri, Clara Camarão ou Maria Quitéria.

Ha, porem, um batalhão inumeravel, um corpo feminino de abnegadas patriotas, cujo valor e coragem nunca são por demais lembrados nem superados. E' o exercito das mãis, que dão à patria seus filhos, primicias de seu amor, e portanto dão mais,

muito mais que a propria vida. E' a historia das Vilhenas de Portugal da Restauração, ou de Maria Cesar das lutas bravias e heroicas do norte libertario. Elas repetem o gesto de Abrahão no holocausto supremo, como se puzessem numa pira ardente o coração sangrando, a alma esfarrapada. E' tão repetido o gesto que já ninguém lhe mede a profundidade, ou pensa em fazer um confronto entre o ventre feminino que gerou Hitler e o ventre que gerou o *soldado desconhecido*; o carrasco e a vitima.

No esforço de guerra, a mulher dá o seu trabalho de operaria, o seu civismo de cidadã e a vitima para o incrível holocausto. Que lhe resta dar? A tenue Esperança, a dolorosa esperança de que a Guerra lhe devolva o filho, mesmo mutilado. Ela voltará a dar-lhe todo o desvelo daqueles primeiros mezes, em que seus membros rosados e sadios de nada lhe serviam e era como se não tivessem nem braços nem pernas, nem palavras, nem amor. Era um ser indiferente de vida flutuante como se ele fosse um desmemoriado, mas era o seu filho.

A mãe que subiu ao Golgota para oferecer à humanidade a redenção e a vida, pela paixão e morte de seu Filho divino, ha de olhar com olhos de espanto a mãe do herói guerreiro, que volta com as mãos tintas no sangue de irmãos, e ha de perguntar:

Para que vos serviu, louca humanidade, o sangue do Verbo de Deus, do Cristo, do pregador da Galiléa?

E alguém responderá:

Para ungir de sacrosanta fé e consolação o coração de todas as mães que estão vendo seus filhos subirem um novo Calvario tragico e sagrado.

Nos bastidores femininos



O que diz a MODA

JANET MACKENZIE

Em tempos que já se foram, a ditadura da Moda creava espetáculos interessantes e muitas vezes não isentos de certo ridículo; já por causa da diferença de estação, já pela má aplicação de modelos. Uma escritora francesa afirma que a maior parte dos modelos exportados de Paris para o estrangeiro não procediam, como se supõe, das grandes casas de alta costura onde só iam as bemaventuradas da fortuna. Era a midinete, celebre em todo o mundo, quem aprovava, em definitivo, o que a mulher de todas as latitudes deveria vestir; era ela quem podava as extravagâncias e comprovava os adornos; só depois é que tais modelos passavam ao comércio mundial pelas mãos dos comissionistas e industriais, que os compravam e os fabricavam em grande escala.

De outro jeito a *Moda* não poderia agradar ao povo, pois é lógico que os seus grandes estetas só poderiam produzir para a *elite*, porque só ela arrostaria certas extravagâncias.

Havia sempre na Paris cosmopolita e super-elegante uma exposição em Agosto e outra já em fins de Novembro; esta última exibia a "Coleção parisiense", como era chamada e que muito diferia da outra. E' que uma era para uso interno e obedecia ao gosto simples e discreto da parisiense, da francesa em geral; a outra era para as *snoobs* de toda parte, que acorriam à cidade-luz, em busca de originalidades brilhantes; *modelos exclusivos*, pelos quaes pagavam fortunas, e que vinte dias depois estavam sendo vendidos na Quinta Avenida a dez dolares cada um.

Hoje, a mulher americana, tendo em casa as maiores figaristas do mundo, está aprendendo a costurar e criando os seus vestidos de acordo com as necessidades do momento. E' verdadeiramente uma *moda de guerra*, desigua, e pitoresca, pratica e mesmo assim elegante, juvenil e graciosa.





Ha dias, uma revista elegante fazia um confronto interessante, entre as modas de 1900 e as de hoje. Aquelas eram longas com uma absurda cauda, que devia ser segura e erguida para não varrer as ruas.

Era isso pretexto para o gesto elegante de mãos fidalgas e bem tratadas. Os chapéus enormes, como barracas, eram verdadeiras montras de plumas que roçavam a cintura: passaros e flores, fitas e tules, tudo em apurada combinação de cores. Houve o ano atrasado sobretudo, uma tendencia para o uso estilizado dos chapéus desse romantico 1900 e agradou bastante às elegantes de 41; naturalmente que eles foram muito bem adaptados ao comodismo moderno, que não usaria uma "barraca" tão sortida, sendo obrigada a apertar-se nos bondes e ônibus, mas os menores são verdadeiramente encantadores e dão aos rostos bonitos um *charme* exquisito, evocativo e romantico.

O que se nota, agora sobretudo, com as boas lições da America, é uma definitiva tendencia a universalisar a moda, torna-la apta e apropriada a qualquer tipo como a qualquer clima, porque ha uma força de adaptação inicial em todos os paises que estão sob a influencia do cinema e da imprensa americana, a mais divulgada do mundo.

O que está concorrendo para isso é tambem o desenvolvimento da mulher, que vai adquirindo uma personalidade mais forte e portanto já sabe bem o que quer e porque quer.

NA PAGINA A' ESQUERDA, AO ALTO: JANE WYMAN, DA WARNER, EXIBE UM LINDO MODELO PARA CERIMONIA EM RAYON VERDE COM UM CORDÃO DE CONTAS FOSCAS, VERMELHO-ESCURO, ENFEITANDO O DECOTE — E OS BOLSOS FORMADOS PELO DRAPEADO. UMA TEQUE DE PENAS E UM VE'O DISCRETO PASSANDO SOB O QUEIXO COMPLETAM A "TOILETTE". EM BAIXO, TRES POSES SEGUIDAS DE JOYCE REYNOLDS, TAMBEM DA WARNER, APRESENTANDO OUTROS TANTOS MODELOS BEM JUVENIS, PARA OS DIAS QUENTES. DOIS SÃO OS CLASSICOS VESTIDOS ESTILIZADOS DE CAMPÔNIAS, COM ENFEITES DE CADARÇOS E GREGAS COM BOTÕES DE FANTASIA, SENDO QUE UM DELES TEM DECOTE QUADRADO, ENFEITADO DE PSQUE', BEM COMO AS MANGAS. O OUTRO É TIPO ESPORTIVO, ESTILO CHEMISIER, COM BOLSOS EMBUTIDOS. — NA PAGINA A' DIREITA, AO ALTO: JEFF DONELL E ANN SAVAGE, AMBAS DA COLUMBIA, ELEGANTEMENTE VESTIDAS PARA O TRABALHO. JEFF USA UMA TOILETTE TIPO CHEMISIER COM A SAIA PREGUEADA EM PREGAS FUNDAS E PREGAS ATE' A METADE, BOLSO COM ABA NA BLUSA, BOTÕES DE FANTASIA. ANN USA UM VESTIDO EM FAZENDA ESCOSSEZA, GOLA REDONDA COM GRANDE LAÇO. A' DIREITA, ANN SHERIDAN, DA WARNER, NUM ELEGANTE COSTUME AMARELO COM UM GRUPO DE NERVURAS DESCENDO DOS BOLSOS PARA AS COSTURAS DOS LADOS; BOLSOS COM ABAS RECOR-TADAS, BOTÕES DA MESMA CÔR. COMO COMPLEMENTO, BLUSA CINZENTO-CLARO COM UM LAÇO DE VELUDO PRETO. A TOQUE SÃO DUAS ROSAS-CHA' NUMA CASQUETTE DE VELUDO PRETO.



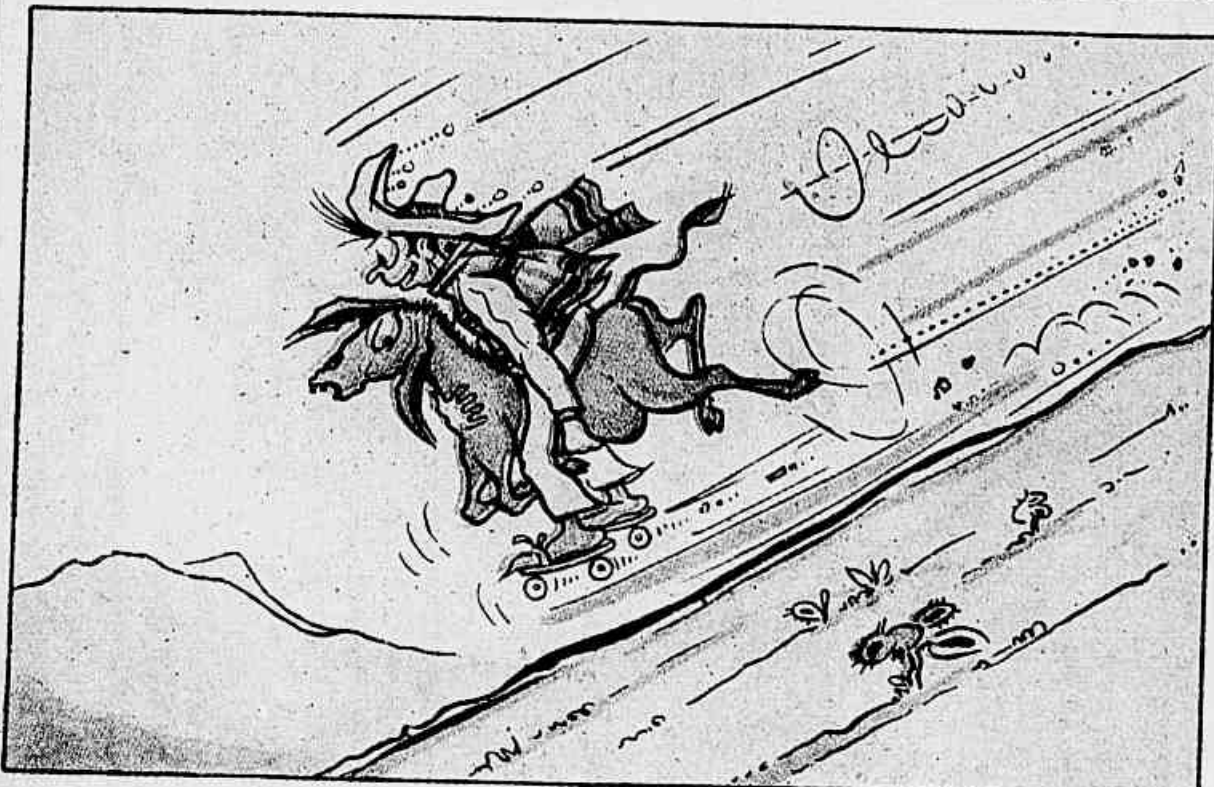
DE BOM HUMOR



— EU PODERIA TÊ-LO CONQUISTADO NO INVERNO PASSADO, MAS JULGUEI QUE TUDO AQUILO FOSSE ENCHIMENTO.



— NÃO É PRECISO DIZER NADA, QUERIDA; EU SEI COMO TE DEVES SENTIR FELIZ PELO REGRESSO AO LAR.



— COMO? ESTA'S OCUPADA? MAS SOU EU, TEU MARIDO, QUE TE TRAGO UM PRESENTINHO, QUERIDA!



Quilombo

(Conto de MARCELLE SÉCAL, traduzido especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

CASO-ME, muito breve, com o homem que, durante dez anos, amei, sem esperanças de ser correspondida. Vai se realizar aquilo que nem mesmo ousei sonhar. Entretanto, não me sinto entusiasmada. Calma, serena, até um pouco triste, recebo as congratulações dos amigos com afetada alegria. "Moça de sorte!" dizem. Sorrio. As vezes, censuro-me. Serei uma dessas eternas sofecedoras? Não. Não é bem isso. Eu também já fui alegre. Mas gastei a minha alegria. O meu entusiasmo de moça desapareceu na luta diária para ganhar a vida. Consagrei toda a minha existência, até hoje, ao meu trabalho. Ria muito, quando era mais jovem. Um passeio, um episódio qualquer, sem importância, bastavam para fazer-me feliz. Uma felicidade passageira mas na qual concentrei todas aquelas reservas de sentimento que me oprimiam e que perturbavam a serenidade necessária para o cumprimento dos meus deveres. Quero ser feliz, porém não assustadoramente feliz, nem loucamente feliz. Quero um lar, calma vida socegada. Por que será isso? Procuo a resposta dessa pergunta no meu passado...

* * *

Lembro-me bem daquela noite de junho de 1928. Era interna no Hospital Cochin. Havia uma mulher ferida e eu esperava...

Cada segundo que passava significava a diminuição das probabilidades de salvação que ainda restavam. Apesar das duas transfusões de sangue o pulso enfraquecia, rapidamente.

Parou à porta um automovel. Ouví bater a porta do carro. Passos rápidos se aproximaram. Ele entrou.

— O coração foi atingido, doutor. E' um caso desesperador. Por isso, o chamamos.

— Está tudo pronto?

Respondi afirmativamente. Ele fez algumas perguntas, enquanto lavava as mãos e calçava as luvas.

— Suicídio?

— Sim. Havia uma carta ao lado dela.

— Amor, naturalmente, murmurou o grande operador. A enfermeira entregou-lhe a máscara.

Era a primeira vez que eu o assistia numa operação. Prestava muita atenção às ordens dadas em voz baixa e obedecia, com presteza. Os dedos dele moviam-se com agilidade extraordinária. Foi preciso dar dois pontos no coração. Nova transfusão fez-se necessária. Por fim, terminamos.

Nunca esquecerei a primeira vez que ele me dirigiu a palavra. Antes dera ordens a um assistente. Agora, falava a uma moça que via pela primeira vez.

— E' sua primeira operação comigo, não é verdade? Bom começo! Um caso complicado desses! Vamos tomar um café na enfermaria ao lado. Você deve estar exausta. No dia seguinte tornei a vê-lo.

— Como vai a nossa cliente?

Depois de examinar a mulher, ele trocava algumas palavras comigo. Sempre muito gentil.

Não sei onde está hoje a mulher que salvamos. Não morreu. Quando ficou boa desistiu das ideias de suicídio. Talvez tenha casado e nem se lembre mais de nós.

Depois daquele caso, ganhei a confiança dele. Isso me tornou muito invejada no Hospital. Jean Durbal tinha quarenta anos de idade, mas já era famoso. Belo, rico, elegante, todas as enfermeiras suspiravam por um olhar dele. Na hora em que costumava chegar, pela manhã, sempre achávamos um motivo para estarmos pelas proximidades da portaria. Ele tinha um Packard bege, muito nosso conhecido. Esperávamos, impacientes, que aparecesse, na esquina, e agitávamos o uniforme antes dele entrar.

Uma das qualidades que mais contribuíram para torná-lo famoso era a sua calma. Ouví-lo falar bastava para tranquilizar os doentes.

Minha colega, Lucile Mégis, murmurava, ao vê-lo conversando com um cliente:

— Que grande médico!

E um interno, que não gostava muito dela, observava:

— E' verdade. Mas não é bem isso que você está pensando.

Não havia uma de nós que não estivesse apaixonada por ele. Paul era, no Hospital, uma especie de lenda. Belo e inteligente, era a personificação do nosso ideal de moças habituadas a rapazes feios e cultos ou simpáticos e ignorantes.

Ele conversava às vezes comigo, e eu ouvia as suas palavras em silêncio respeitoso. O assunto eram os doentes e o diálogo não resvalava nunca para terreno mais pessoal, porém assim mesmo eu esperava ansiosa por aqueles momentos.

Não sou bonita. Duvido muito que ele reparasse na minha aparência naquele tempo. Para ele tratava-se de mais uma interna, talvez um pouco mais inteligente do que as outras em quem ele podia confiar, pois as suas ordens eram cumpridas religiosamente.

Muitas vezes refleti sobre a situação e concluí que estava fazendo pap' l de tola. Por mais que o bom senso mostrasse como era pouco razoável a minha atitude, o coração triunfava sempre e eu continuava a amá-lo.

No ano em que o conheci, não tirou férias. No verão, quando todos os médicos da moda se divertiam nas estações de águas, ele estava em Paris, cuidando de seus doentes.

As vezes visitávamos os pacientes juntos. Um dia, fiz uma observação. Ele parou, voltou-se para mim, e disse:

— Nadine (era a primeira vez que me chamava pelo meu primeiro nome), você ainda há de ser um grande clínico.

Coei de orgulho. Ele falou-me sobre os seus trabalhos e, em seguida, perguntou qual o assunto que tinha escolhido para a minha tese. Disse-lhe. Ele se ofereceu para esclarecer alguma dúvida que eu tivesse. Pôs sua biblioteca à minha disposição.

Na semana seguinte, fui ao consultório dele pedir alguns livros emprestados. Mandou que o procurasse em casa.

Morava sozinho com um criado num apartamento elegantíssimo. Foi ele mesmo quem abriu a porta.

Na sua sala de trabalho havia uma grande mesa cheia de papeis. Nas paredes, estantes repletas de livros. Conversamos um pouco.

A's cinco horas interrompemos os estudos para lanchar. Eu mesmo fiz uns sanduíches para ele, pois o criado saira. Eram sete horas, quando me despedi.

Passsei a semana seguinte sonhando com um novo encontro.

Na quinta-feira ele me convidou para voltar. Aceitei.

Conversamos um pouco mais. Ele perguntou-me se eu não era noiva. Disse que não; o trabalho me bastava; não tinha tempo para o amor. Ele olhou-me, evidentemente surpreso.

Terminava o verão. Começavam a chegar os outros médicos das estações de águas. Arranjei para entrar às oito da noite. Quasi todas as tardes saía com Paul.

Fazíamos longos passeios. Uma tarde decidimos lanchar em Evreux. Fomos no carro dele. O dia passou depressa. Eram sete horas quando voltamos. Na estrada encontramos um carro. Capetara e a dona fora cuspidas do volante. Jazia, ao lado do veículo, numa poça de sangue. Paul diagnosticou imediatamente:

— Fratura do crânio.

Transportamo-la para o Hospital da cidade mais próxima.

Quando acabamos de instalar a moça, resolvi telefonar para Paris, pois já passavam das oito. Um interno atendeu.

— Até parece de propósito! Há um caso de emergência e ninguém aqui. O Dr. Durbal não está em casa, você se atrasou...! Venha! Venha depressa que o caso é grave.

(Continua na pág. 43)

Modelos

Para as visitas
e os chás

Graciosos e elegantes vestidos em seda. Todos são de fácil interpretação. Os bordados de vidrilhos e lantejoulas, próprios para a noite ou cerimônias, são substituídos pelos bordados em seda ou tachinhas. Estes são mais discretos e podem ser usados em mais oportunidades.



da Semana

AS LINHAS RETAS

Para este ano já estão aparecendo mais as linhas retas; apanhados, drapeados e franzidos vão sendo aos poucos abolidos.

1 — Interessante vestido de linho com talhos vivos e botões.

4 — Muito em voga, o casaco três quartos em lã ou em seda faille vai ser a novidade do inverno e meia estação.

2 — Do mesmo estilo do anterior a saia é aberta na frente com pespontos.

5 — Simples vestido de linho ou shantung com pespontos e iniciais aplicadas de fazenda em cor contrastante.

3 — Casaco de lã leve quadriculada, bolsos embutidos.

6 — Um vestido simples de shantung, com uma pala e cinto de cor diferente; botões cobertos.



PARA AS MANHÃS DE VERÃO

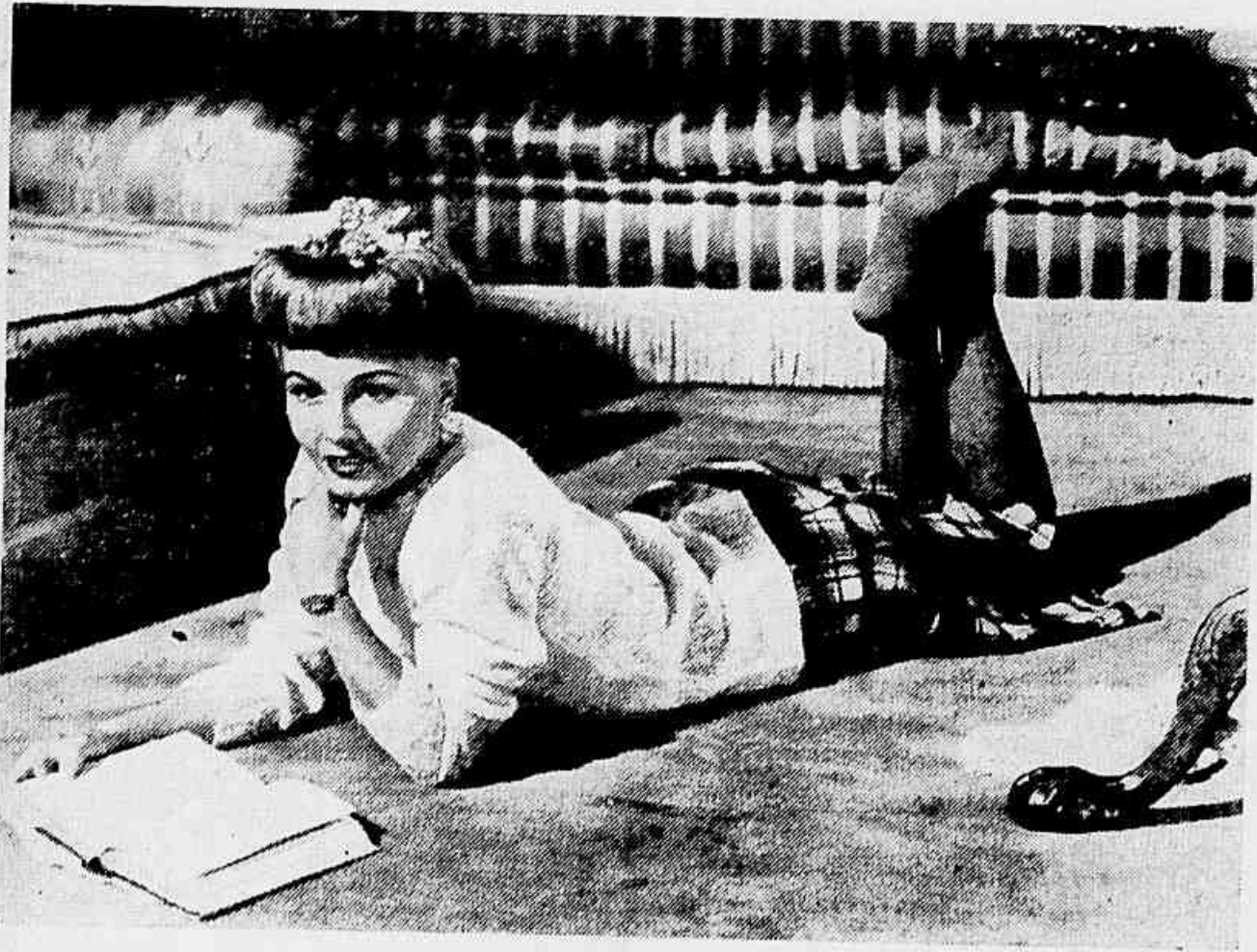
Em cima :

Duas criações maravilhosas para as quentes manhãs de verão; são eles executados em seda de estamparia alegre e leves.

Nervuras, babados e laços são os enfeites, bem como grupos de pregas e franzidos.

O que se deve evitar

DRA. SILVIA ROGER



Assim vivem muitas... (JANET BLAIR — "Columbia").

Minha leitora amiga,

Começo transcrevendo sua carta, que é um documento palpitante do egoísmo humano mais absurdo.

"Estou tão desorientada que não me atrevo a agir com medo de piorar a nossa situação. Depois da morte dessa mulher a menina ficou em casa de uma tia dela; meu marido mandava-lhe, além da mensalidade, todo o dinheiro pedido para outras despesas de educação e tratamento da saúde. Sempre estranhei que, ganhando ele tão bem, estivesse continuamente atrapalhado, cheguei a pensar até em jogo. Já tínhamos três filhos quando vim a saber da existência dessa filha bastarda. Como não era possível manter por mais tempo oculto o fato porque a única parenta da menina estava muito mal, a minha sogra foi incumbida de me falar e pedi permissão eu fosse ela chamada para nossa casa.

Não quero contar-lhe o que foi para meu coração essa descoberta de uma falta de que eu, na verdade, jamais desconfiara, e que não podia perdôar.

Acce li para não abrir luta com meu marido, e sobretudo para não sacrificar mais os meus filhos, com a despesa de duas casas. Porém, ela entrou em casa por uma porta e a paz fugiu pela janela. Nossa casa é grande e só temos uma arrumadeira; dei por isso a cada uma das minhas filhas uma tarefa doméstica, ela rebelou-se contra a nossa organização de obrigações mútuas dizendo não estar acostumada a servir ninguém e sim a ser servida. Queixou-se ao pai e este pediu-me que não a obrigasse a serviços domésticos pois ela poderia pensar que a estavam menosprezando por sua condição... Excessivamente vaidosa não quer os vestidos confeccionados em casa pelas irmãs ou por mim; o pai autorizou-a a ter sua costureira e da mesma forma tem a sua manicura pois não acha decente fazer unhas em casa. É bonita e graciosa, mas tem um ligeiro estrabismo; esse defeito, creio eu, desenvolveu nela certo complexo, e ela não tolera que ninguém a olhe. Si há um riso entre as pessoas de casa, ou mesmo as empregadas, ela supõe incontinentemente que é dela que estão rindo e se põe furiosa a ponto de atirar com o que tem nas mãos sobre a pessoa que a irritou. Meu marido já se habituou aos seus relatórios diários sobre as *judiações* e *maus tratos* que lhe infligimos, e também ele fica fora de si insultando até as filhas, coisa que jamais acontecera, porque ele as adora.

Por último, sentindo o apêgo que temos todas pela nossa casa, herança de meus avós, ela meteu na cabeça do pai que não temos necessidade de uma casa tão grande, tão trabalhosa, pois devíamos alugar um apartamento mais perto da cidade... E é isso — ainda que pareça incrível — o que meu marido está exigindo de nós. E confesso-me impotente ante a dolorosa situação. Meu marido é um homem normal, simples; era muito caseiro e amigo dos filhos até o sacrifício; hoje está irritável, vive a dizer que eu e minhas filhas (é assim que ele se refere agora às nossas filhas) nos mancomunamos para tornar a vida de X intolerável e a dele também; e outros disparates pelo estilo. Há dois dias que não faz outra coisa senão procurar apartamento".

Minha amiga, esses tiranetes de saias são comuns nas famílias, onde a energia materna falha; e onde não há ninguém que tenha a coragem moral suficiente, para impor-se ao tirano e obrigá-lo a respeitar o direito dos outros. Se a senhora tem consciência de que tudo fez para evitar essa situação, que de fato não há má vontade contra essa creaturinha egoísta e sinuosa, deve manter-se firme no seu posto e não abandonar a sua casa. De nada lhes serviria tal sacrifício; pelo contrário, ele abriria precedentes para que ela começasse uma série de novas e maiores exigências.

A meu vêr, o que existe é uma falta de compreensão de seu marido, aliada à dicaz esperteza dessa menina que está tirando proveito da situação criada por ela mesma. Não acredito que a senhora e suas filhas consigam nada cedendo; os tiranos precisam ser tratados com pulso de ferro.

Por que a sua sogra não se encarrega dessa neta? Acho que a única solução ao complexo problema seria esse, mesmo que isso custasse algum sacrifício material; ou então imponha seus direitos e os de suas filhas, fazendo com que seu marido compreenda que ela está se valendo justamente da posição de bastarda para explorar-lhe os falsos escrúpulos e que é preciso de uma vez para sempre que ela tenha *deveres*, si quer ter *direitos*, e que respeite a felicidade de seres que afinal nada fizeram para ter que pagar culpas alheias.

Copa e cosininha



Mme. RISOLETA

AS donas de casa, hoje, precisam, mais do que jamais o precisaram, atêr-se aos problemas do lar. Na America onde a vida segue um ritmo inteligente e pratico sempre ajustado às necessidades do momento, a mulher, não obstante as suas tarefas externas e quasi masculinas, tem reagido com energia contra a deserção do lar e dos trabalhos domesticos. Ali ha prêmios especiais para as donas de casa que fazem maior quantidade de conserva e plantam mais hortaliça; há distinções para aquelas que estão aprendendo corte e costura, e confeccionam a sua propria roupa e a dos filhos que ainda não têm idade para vestir a farda porque para essas elas não são necessarias mais, uma vez que o Estado zêla por eles.

A quimica domestica é uma chusa que as mulheres americanas estão procurando aprender e aplicar na economia domestica. Elas fabricam em casa crêmes, loções, oleos para o cabelo, e mil cousas mais, que estão escasseando no comercio, pela industrialização de guerra.

Alguns conhecimentos praticos muito uteis, apanhados dessas lições, é o que transcrevo para as minhas leitoras:

PARA EVITAR A UMIDADE QUE PRODUZ O MOFO

O mfo costuma danificar objetos de couro, livros, cola, sedas, etc. Os oleos essenciaes atuam com extraordinaria eficacia sobre esse agente de destruição. Ponha um pouco de essencia de terebintina no recipiente da cola, esta se conservará fresca; do mesmo modo, passe terebintina nas estantes dos livros, sobre os sapatos, etc... A essencia de cravo ou de alfazema tambem serve, contudo a terebintina é a melhor.

CONSERVAÇÃO E UTILIDADES DO VINAGRE

É muito comum o vinagre estragar-se. Para evitar que isso aconteça, ferva-o durante alguns minutos, quando o compra, e tenha-o sempre fechado e em lugar fresco. Para evitar o desagradavel cheiro que as verduras expelem quando estão fervendo, basta pôr na agua 1 colher de vinagre.

Quando se fazem conservas em casa, é muito melhor cozinha-las em vinagre do que em agua: ficam mais gostosas e se conservam muito mais. Depois de cozidas, são postas a escorrer e novamente mergulhadas em vinagre fresco, temperado com sal e pimenta.



CARDAPIO

Um prato para os dias quentes:

PUDIM DE PEIXE

Lave um peixe de bom tamanho e tempere com limão, sal e um dente de alho esmagado. Ferva a cabeça, a espinha e o rabo em pouca agua, sal, salsa e louro ou folhas de ortelã. Ponha para refogar em azeite, cebola, cebolinha, salsa, alho e nós moscada, tudo picado bem fino, mais uns 4 tomates; junte o peixe. Depois que estiver bem refogado tire completamente as espinhas, picando a carne, torne a pôr tudo no refogado acrescentando 1 colher de manteiga, uma pitada de mostarda e o caldo do peixe (1 chicara). Desmanche num côpo de leite de côco, 1 chicara cheia de maisena.

Quando o peixe estiver quasi sêco, retire do fogo, ponha umas azeitonas, ovos, mêxa e vá acrescentando a maisena; despeje tudo numa fôrma untada de manteiga e leve ao forno por 20 minutos. Corte rodela de tomates e ponha sobre cada qual uma rodela de ôvo cozido e um pedaço de azeitona, e enfeite com elas o prato do pudim de peixe. Pôde-se substituir a maisena pelo sagú ou farinha de milho.

Amor de Outono

(Continuação da pág. 39)

O Packard bege de Paul correu pelas estradas, mas, assim mesmo, só chegamos por volta de nove horas. Passamos a noite à mesa de operações.

Depois vieram as férias de Paul. Ao despedir-se, ele beijou-me na testa. Escreveu-me. Nadava, jogava golf, descansava, dizia nas cartas, e sobretudo "matava o tempo que o "separava de mim".



No mês de Setembro seguinte eu recebi, como todos os outros internos, um convite. Uma caprichosa caligrafia de mulher. Uma dama da alta sociedade nos convidava para almoçar na sua casa. Estava assinado: Hélène Durbal.

Não reconheci o apartamento onde, havia alguns meses, passara horas deliciosas. Não foi o dono da casa quem abriu a porta, como das outras vezes. Um sízudo criado conduziu-nos à presença de Madame Durbal.

Era uma linda mulher. Morena e alta, muito bem vestida. Acolheu-nos amavelmente:

— Já sei que você é a melhor aluna do meu marido.

Ele entrou, finalmente. Chamou-me "senhorita Nadine" defronte da esposa.

O jantar foi magnífico, mas eu não estava com fome.

Dutty, meu colega no Hospital, murmurava, de vez em quando, ao meu ouvido:

— Será possível que haja gente que coma todo o dia numa sala dessas?

Mais tarde, tornou a fazer uma observação:

— Escute, Nadine, você sabe manejar estes talheres complicados?

Ri e mostrei-lhe como devia fazer. Ele agradeceu, com ar muito sério.

Depois do jantar a filha de Paul veio dar boa noite aos convidados do pai.

Ao sair de lá, vinha refletindo:

— Que és tu na vida desse homem? Nada. Uma aluna. Só. Ele é casado, tem uma filha...

O convite de Madame Durbal, de certo modo, fôra benéfico. Dissipara as minhas últimas esperanças. A notícia do casamento fora um cheque, mas, apesar de tudo, eu ainda esperava. O que, não sabia, porém esperava. Vendo-o integrado na vida da mulher, com lar, filhos, as minhas últimas ilusões desapareceram.

Passaram os anos. Nunca mais ouvi falar de Durbal. O trabalho me absorveu completamente. Depois de formada, cliniquei. Voltava para casa tão cansada que nem tinha tempo para lembrar-me da minha dor. Trabalhava tanto que nem sei como aguentei.

Aos trinta anos, quasi casei com Jacques. Ele me amava. Eu tinha por ele unicamente simpatia. Afinal, decidimos romper o noivado. Mais tarde, ele casou-se. Casaram-se todos os meus colegas. Uns morreram. Outros tiveram filhos. Alguns prosperaram. A maioria fracassou. Mas eu consegui manter-me.

Um dia tornei a encontrá-lo. A mulher falecera; a filha casara. Vivia só e precisava de uma companhia. Pediu-me que casasse com ele. Aceitei. Hoje, lembrando o alvoroço que causaria a mesma proposta dez anos antes, sorrio. Parece que eu já vivi; que agora vegeto.

Seremos felizes, bem sei. Serenamente; calmamente. Nada de paixão nem de desatinos. Amizade, solidariedade, companhia; eis tudo o que podemos sentir um pelo outro agora. Talvez não seja tão triste a minha história, talvez isso, afinal de contas, seja o mais belo que pode haver, o mais durável e o mais elevado. Mas parece estranha; agora, a minha tristeza? Parecem ilógicas, agora, as minhas lágrimas? Um sonho de amor da mocidade transformou-se numa tranquila amizade da velhice. Triste? Talvez. Enfim, a vida é essa. E ainda não terminou. Procurarei tirar o máximo dos anos que nos restam de felicidade tranquila.

Os Faroleiros

(Continuação da pág. 17)

— "Procure o Dunga, patrão da Gaivota Branca, terceiro armazem. Diga-lhe que já falou comigo. De quinta-feira em diante. E bico, veja lá!"

Prometi-lh'o caladíssimo, e tornei ao caes á cata do Dunga. Que sim — foi a resposta do cetraeiro, ilheo palavroso, logo que expôs o negocio — já

fizera isso certa vez a "outro maluco" e sabia prender a lingua para não atazanar a vida aos amigos. E como me informasse do faroleiro:

— E' o Gerebita, d'apelido ganho no Purú, onde serviu como grumete. Ao depois se meteu na lanterna, p' amor d'amores, o alarve, como se fal-

tassem elas por ai, e bem catitas. [Mulheres! A mim é que não me empecem não, as songuinhas. O demo que as to-lha, que eu...]

E foi pelas mulheres além, a' dar de riço, com razões nem melhores nem piores que as de Schopenhauer.

No dia apazado, antemanhã, a Gaivota largou de rumo ao farel. Saltei num rude atracadouro de difícil abordagem, e encontrei o faroleiro ocupado em po-

lir os metais da lanterna. Recebeu-me de boa sombra, largando o esfregão para fazer as honras da casa. Examinei tudo, dos alicerces ao lanternim, e á hora do almoço já entendia de farol mais que uma enciclopedia. Gerebita deu trela á lingua e falou do officio com melancolica psicologia. Tambem contou sua vida desde menino, a grumetagem no Purús, sua paixão pelo mar e, por fim, a entrada para o farol aos vinte e tres anos de idade.

FAMOSAS RECEITAS DE AMOR

Pêlo de gato preto para arranjar casamento!



PARA as jovens que custavam a casar, a feiticeira recomendava: "Pegue-se uma tesoura bem afiada, corte-se um pouco de pêlo de gato preto, torre-se o pêlo na chama de uma vela e depois de torrado, misture-se o pó que sobrar com algumas folhas de arruda e ponha-se tudo dentro de um breve..."

Nós não acreditamos! E você, é lógico, também não acredita que dêesse modo possa uma mulher conquistar homem algum! Mas uma receita de amor conhecemos que é usada pelas mulheres mais belas de 72 países e nunca falha. É a seguinte:

"A mulher que quizer atrair a atenção do homem amado, pega num

Baton Colgate, passa-o suavemente nos lábios e realça a sensualidade e o encanto de sua boca. Os toques mágicos do Baton Colgate despertam nos homens ânsias de beijos... porque o colorido vivo e provocante do Baton Colgate empresta aos lábios sugestões amorosas e torna as mulheres mais sedutoras".

Use esta receita de amor, hoje mesmo! Ela tem feito a felicidade de muitas mulheres e pôde fazer também a sua! O Baton Colgate, importado da América do Norte, é feito com "Karanava", o supremo embelezador dos lábios! Escolha a sua tonalidade dentro de 4 maravilhosas cores — do "Médio" ao resplandecente Vermelho Amazonas!

BATON



COLGATE

BATON COLGATE — É A MAIS FAMOSA RECEITA DE AMOR

Narciso Azul

de GALLY

Eternisa os momentos
sublimes com as mais doces recordações.

Uma situação agradável jamais será esquecida
com **NARCISO AZUL**: um perfume imortal!

EXTRACTO
PEQUENO Nº 1504
GRANDE Nº 1507

LOÇÃO
Nº 1575
Nº 1576

COLÔNIA
1 Lit. Nº 1531 1/2 Lit. Nº 1532
3/4 Lit. Nº 1533 1/2 Lit. Nº 1534

Nº 1533-P
Nº 1534-P

ESSENTIAL
Nº 1512

A VENDA EM TODO O BRASIL

Timborosa

O SABONETE DO SEculo XX

COM AS PROPRIEDADES GERMICIDAS
DO TIMBÓ E O PERFUME DAS ROSAS

ESPECIALMENTE INDICADO PARA LIMPAR
A CÚTIS E COMBATER A CASPA

— Por que, assim tão moço?"

— "Caprichos do coração, má sorte, coisas..." respondeu com ar triste; e acrescentou após uma pausa, mudando de tom:

— "Pois a vida é cá isto que vê. Boazinha, hein? Entretanto, boa ou má, temos, os faroleiros, um orgulho: sem nós, essa bicharada de ferro que passeia nas águas, fumando seus dois, seus tres charutos..."

— "Lá vem um!" — interrompeu-se, fisingando com a luneta uma fumaça remota.

— "Bandeira alemã... duas chaminés... rumo sul... Há de ser um "Cap" — o Trafalgar, talvez. Seja lá que diabo fôr, vá com Deus. Mas, como ia dizendo, sem os faroleiros a manobragem a "optica", esses comedores de carvão haviam de rachar atoinha aí pelos bancos de areia. Basta cair a cerração e já se põem tontos, a urrar de medo pela boca das sereias, que é mesmo um cortar

(Continúa na página 45)

Figurinos Avulsos



Interessante vestido juvenil e de verão em *shantung* branco, com uma gola e laço em listras tricolores aberto na frente com botões de madreperola, bolsos recortados e embutidos.

Rotenol
NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FOR O PREÇO

Elegantíssimo modelo exclusivo de Harrods, em linho total verde-avião; cinto de couro, chapéu de palha verde em tom mais seco, véu de tule coral.

Sugestivo modelo da bela coleção de Harrods, em *shantung*, combinação em branco e azul; chapéu de palha branco, acessórios em azul.

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

Os Faroleiros

(Continuação da pág. 43)

a alma á gente. Porque então, nem farol, nem caracol. E' a cegueira. Navegavam com a Morte no leme. Fora disso, salva-os o fogo do céu. Pouco antes de minha entrada para aqui houve desgraça. Um cargueiro da Bremen rachou o bico ali no Capelão... Quem é o Capelão? ah! ah! ah! O Capelão... Pois o Capelão é o raio da terceira pedra a boreste. São tres deste lado, a Menina, que é a primeira, a Gurutuba, que é a do meio. A crimínea é o Capelão, que reponta mais ao largo e só mostra a corôa nas grandes vasantes. Cá a bombordo ainda ha duas, a Virgem e a Mel-dita, onde bateu o cargueiro Rotterdam.

— "E aquela lisinha, acolá?"
— "Uma ceitada que nem nome tem. E' mansa, está muito perto da terra, não faz mal a navio. Ali mora um anequim. (1) bichanço de tamanho do diabo, que gosta de virar canoas. Mas, aqui para nós, moço, isso é embromação. Peixe mora em todo o mar, não tem toca como bicho de terra. E' abusão de pescador. Quando ha mar, não se enxerga nada por ali; mas se a agua serena, e vem vindo a vasante, vai aparecendo um lombo de pedra lisa, com jeito de peixe. Passa um pescador atolambado, vê aquilo de longe: "E' anequim! E' anequim!" e toca a safar, com o medão n'alma. Se acontece embrabecer a agua, e dá temporal, e a canôa vira: "Quê de Fulano?" Tá, tá, tá, foi o anequim! Toda a gente péga, feito mulher velha: "Foi o anequim do farol!" Ora aí está como são as coisas. Ele ha muito anequim e tintureira (1) por aqui. Onde é mar sem cação? Mas dizer que um tal mora aqui ou ali, isso é embroma."

Na sua pinturesca linguagem de marítimo, que ás vezes se tornava prodigiosamente tecnica, narrou-me toda a historia daquelas paragens malditas. Falou-me de como, segundo a tradição, se foram batizando os arrecifes; falou dos crimes de cada um; das hecatombes periodicas de aves noturnas que, cegadas pela luz, batem de peito contra os vidros da lanterna, juncando o chão de corpinhos latejantes; das medonhas tormentas nas quais o farol estremece como a tiritar de pavor. De que não falou Gerebita naquele inesquecível dia?

— "E o ajudante? Tem-no cá?" perguntei.

O rosto do meu faroleiro mudou de expressão. Vi de relance que eram inimigos.

— "E' aquele estupor que lá pesca, disse, apontando da janela um vulto imóvel, acocorado num penedo. Está a apanhar garoupinhas. E' o Cabrea. Mau companheiro, mau homem..."

Entreparou. Percebi que mascava uma confidencia difficil. Mas a confidencia denunciou-se apenas. Gerebita sacudiu a cabeça e murmurou como de si para si:

— "Está cá de pouco, e é o unico homem no mundo que não podia cá estar. Já reclamei do capitão do porto, já mostrei o perigo. Mas, quall..."

Estranha criatura, o homem! Insulados do mundo naquela fragua, ambos naufragos da vida, o odio os separava... Não faltavam no farol, entretanto, acomodações para as famílias dos seus guardiães. Por que não as tinham ali? Seria um bocado de mundo a lenir as agruras do emparedamento. Interpelei-o; Gerebita retrucou-me de modo enviezado.

— "Família não tenho, isto é, tenho e não tenho. Tenho, porque sou casado, e não tenho porque..."

Historias! Estas coisas de famílias é bom que fiquem com a gente."

Notei de novo que, a pique d'uma revelação, mascava o segredo, por desconfiança ou pudor. Suas feições endureceram. Sombras más anuvearam-lhe a fisionomia. E mais torvo ainda me pareceu quando Cabrea entrou, sobraçando um balaio de pescado. Tipo de má cara, passou em direitura á cozinha sem nos volver um olhar. Mal se sumiu, Gerebita exclamou — "Raio do diabol!" assentando num caixote expiatorio um murro de fender pinho. Depois:

— "O mundo é tão grande, ha tanta gente no mundo, e cai-me aqui justamente o unico ajudante que eu não podia ter..."

— "Por que?"

— "Por que?... Porque... é um louco."

Entre o primeiro e o segundo "por-que" notei transição radical. Dubio o primeiro, o segundo afigurou-se-me resolutivo, como iluminado pelo clarão de ideia brotada no momento.

Desde esse dia nunca mais o faroleiro abandonou o tema da loucura do outro. Demonstrava-me de mil maneiras. — "E aqui, onde até os são perdem a tramontana, argumentava ele, um já assim rachado de telha aos tres por dois rebenta como bomba no fogo. Eu jogo que ele não vara o mês. Não vê seus modos?"

Metade por sugestão, metade por observação leviana, razoavel me pareceu a profecia; e como sem cessar Gerebita malhasse na mesma tecla, acabei por convencer-me de que o casmurro ajudante era um fadado ao hospicio, com pouco tempo de equilibrio nos miolos.

Um dia Gerebita abordou a questão nestes termos:

— "Quero que o senhor me resolva um caso. Estão dois homens numa casa; de repente um enlouquece, rompe, como cação esfomeado, para cima do outro. Deve o outro deixar-se matar

como carneiro ou tem o direito de atolar a faca na garganta do bicho?"

Por demais clara que era a consulta, respondi como um rabula positivo:

— "Se Cabrea enlouquecesse e o agredisse, matá-lo seria um direito natural de defesa — não havendo socorro a' mão. Matar para não morrer não é crime — mas isto só em ultimo caso, você compreende."

— "Compreendo, compreendo", respondeu-me distraidamente, como quem lá segue os volteios duma ideia secreta; e, depois de longa pausa: "Seja o que Deus quiser" — murmurou entre si, suspirando e recaindo em cismas.

Deixei-me ficar á janela a ver cair a noite. Nada mais triste do que as aves-marias no ermo. A treva espessava as aguas e absorvia no céu os derradeiros palores da luz. No poente, um leque alarado enrubecia nas varetas, com dedadas sangrentas de nuvens a barrá-lo de listrões horizontais.

Triste...

A ardorosa do mar; as primeiras estrelinhas entreluzindo a medo; o marulho na pedra, tchá, tchá, compassado, eterno... A alma confrangeu-se-me de angustia. Vi-me naufrago, retido para sempre num navio de pedra, grudado

como desconforme craca na pedrancelra da ilhota. E pela primeira vez na vida senti profundas saudades dessa coisa sordida, a mais réles de quantas inventou a civilização — o "café", com o seu tumulto, a sua poeira, o seu bafio a tabaco e a sua freguesia habitual de vagabundíssimos "agentes de negocios..."

Correram dias. Minto. No vazio daquele dissaborido viver no ermo o tempo não corria — arrastava-se com a lentidão da lesma por sobre chão liso e sem fim. Gerebita tornara-se-me enfadonho. Não mais narrava pinturescos incidentes da sua vida de marujo. Aferrado á ideia fixa da loucura do Cabrea, só cuidava de demonstrar-me os progressos dela. Fora desse tema sinistro, sua ocupação era seguir de olhos os navios que repontavam ao largo, té vê-los sumirem-se na curva do horizonte.

Velas, poucas alvejavam, tirante barquinhas de pescadores. Mas uma que

SABONETE HIGIENIC HIGIENIZA O CORPO E AS MÃOS CR\$ 1,90



"Agora, para minha felicidade ser completa... só falta **MALZBIER**"

A alta concentração de malte faz da Malzbier da Brahma uma bebida de agradável sabor adocicado, e elevado poder nutritivo, com o que se torna especialmente adequada para completar qualquer refeição. No almoço ou no lanche, no jantar ou na ceia, uma saborosa e rica Malzbier da Brahma alimenta e satisfaz.



Malzbier
da
Brahma

COMPLETA QUALQUER REFEIÇÃO



E m São Paulo...

e sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

SAPATO DE CROCHET DE LÃ

Estes sapatos são usados na cama, com sola de crochet sola de feltro ou de couro para o quarto. A lã; pôde ser branca, rosa, azul, amarela, etc.

Começar pelo ponto marcado com um X na fig.

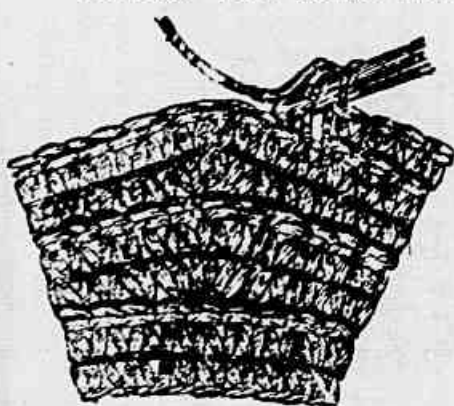


Fig. 2-

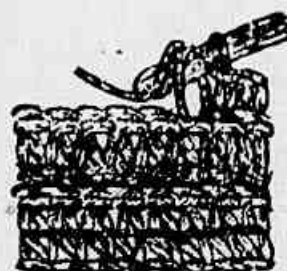


Fig. 3-

1 —, fazendo uma trancinha de 9 malhas; na primeira carreira fazer 9 pontos baixos nas 9 malhas da trancinha, que são sempre feitos metendo a agulha de crochê por trás da trancinha, para obter a listra, fig. 2 —. Voltar o trabalho e fazer uma segunda carreira igual à primeira (no começo de cada carreira fazer 1 malha de trancinha para voltar), na terceira carreira, no 5.º ponto, fazer 3 pontos baixos; que aumentará; na quarta carreira tricotar os 11 pontos baixos, sem aumento; na quinta carreira como na terceira, continuar assim durante 32 carreiras. Obtendo-se assim 39 malhas pouco mais ou menos. Na carreira seguinte, fazer os 13 pri-

BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

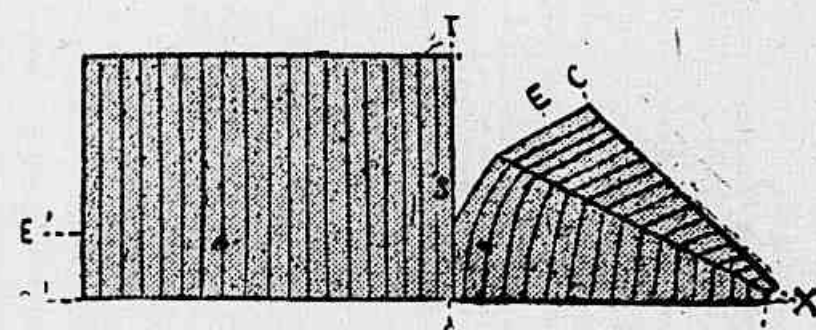
meiros pontos baixos, deixar as 26 outras, e fazer em seguida aos 13 pontos que se acabou de fazer 19 malhas de trancinha, o que dará a parte marcada com R S T fig. 1 —, fazer então a direito esses 32 pontos baixos durante 40 carreiras, como mostra a fig. 3.

Sola, fig. 4 — Começar no ponto marcado por um Z, fazendo uma trancinha de 9 malhas e fazer mais uma malha e em seguida 9 pontos baixos na 2.ª carreira; na 3.ª carreira, fazer 2 pontos baixos no primeiro espaço e dois no ultimo, aumentando assim em todas as carreiras até obter-se 18 pontos baixos; a partir da carreira seguinte ir diminuindo como se aumentou dois pontos baixos por carreira, até ficar-se só com 9 pontos baixos; em seguida aumentar de novo mesma maneira até obter-se 13 pontos baixos, fazer a direito 8 carrei-



Fig. 4-

Fig. 1



ras e depois diminuir de novo até ficar-se só com 7 pontos baixos na terminação.

Reunir por um ponto cerrado a parte E C com a E' C' fig. 1 — Despregar a sola de crochê. Em seguida coser a sobre-sola de feltro ou mandar nosapateiro pôr uma sola de couro.

Pregar a fita e dobrar a parte de cima dos sapatos, como mostra o desenho.

PRECISO COMPRAR
JÁ UM TUBO
DE
MENTHOLATUM



MENTHOLATUM
É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA
RESFRIADOS
UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULAVEL

surgisse lá nos levava os olhos e a imaginação. Como se casa bem com o mar o barco de vela E que sordido baratao eraquento é ao pé dele o navio a vapor!

Escunas, corvetas, pequeninos "cutters", fragatas, brigues, biates... O que lá vai passado de leveza e graça!... Substituem-nas, ás garças leves, os feios escaravêlhos de ferro e pixe; a elas, que viviam de brisas, os negros comedores de carvão, bicharocos que mugem roncões de touro enrouquecido.

Progresso amigo, tu és comodo, és delicioso, mas feio... Que fizeste da coisa linda que é a vela enfunada? Do barco á antiga, onde ressoavam canções de maruja, e todo se enleava de cordame, e trazia gageiro na gavia, e lendas de serpentes marinhas na boca dos marinheiros, e a Nossa Senhora dos Navegantes em todas as almas, e o medo das seiras em todas as imaginações?

Desfez-se a poesia do reino encantado de Anfitriote ao ronco dos Lusitanias — hotéis ambulantes com "garçons" em vez de "lobos do mar", incarectísticos, cosmopolitas, sem donaire, sem capitães de suíças, pitorescos no falar como seiscientos milhõs de caravelas. O fumo da bulha sujou a aquarela maravilhosa que desde Hanon e Ulisses vinha o veleiro pintando sobre a tela oceanica...

— Se páras o caso dos loucos e te metes por intermezos liricos para uso de meninas olheirudas, vou dormir. Volta ao farol, romântico de má morte.

— Eu devia castigar o teu prosaismo sonogando-te o epilogo do meu drama, ó filho do "café" e do carvão!

— Conta, conta...

— Certa tarde Gerebita chamou minha atenção para o agravamento da loucura de Cabrea, e aduziu varias provas concludentes.

— "Queira Deus não seja hoje!"

— "Tens medo?"

— "Medo? Eu? De Cabrea?"

Quería que visses a estranha expressão de ferocidade que lhe endureceu o rosto!

A conversa parou aí. Gerebita chupava cachimbadas nervosas, fechado de sobrelenho como quem rumina uma ideia fixa. Deixou-me, e logo em seguida subi. Como anoitecesse, recelhi-me pouco depois e deitei-me. Dormi e sonhei. Sonhei um sonho guinholesco, agitado, com lutas, facadas, o diabo. Lembrou-me que, agredido por um facinora, desfechei contra ele cinco tiros de revolver; as balas, porém, grudaram-se á parede e deram de ressoar d'um modo que me despertou. Mas acordado continuei a ouvir o mesmo barulho, vindo de cima, da lanterna.

Pressinto a catastrophe esperada. Salto da cama e agoço o ouvido: barulho de luta. Corro á escada, galgo-a aos tres degraus e no topo esbarro com a porta fechada. Tento abri-la: não cede. Escuto: era de fato luta. Rolavam corpos no chão, fazendo retinir os vidros da lanterna, e ouvia-se um resfolego surdo, entremeados de embates contra os moveis. Trevas absolutas. Nenhuma restea de luz coava para a escada.

Minha situação era esquerda. Ficar ali, inutil, sabendo que portas a den-

tro dois homens se entrematavam? Pei manecia eu nessa dubiedade, quando choque violento escancarou-me a porta. Um clarão de sol chofrou-me os olhos. Senti nas pernas um tranco — e rodei escada abaixo, de cambulhada com dois corpos engalfinhados. Ergui-me, tonto, e vi em rebelo no chão os dois faroleiros.

Atirei-me á luta em auxilio de Gerebita.

— "Dois contra um!" gemeu Cabrea, sufocado. "E' covardia!"

Pela primeira vez lhe ouvi a voz — e hoje noto que nada nela denunciava loucura. No momento pensei diversamente, se é que pensei alguma coisa.

Gerebita, com grande assombro meu tambem me repeliu.

— "Não! Não! Eu só!"

Nisto, um pégão de nortada, varrendo a torre, trancou a porta do lanternim com estrondo. Envolveu-nos de novo a escuridão.

E começa aqui o horror... Os rugidos que ouvi, os arrancos e sacões formidaveis da luta nas trévas, a minha ansiedade... Pavorosos minutos de vida que não desejo renovados.

Perdi a noção do tempo. Durou muito aquilo? Não sei dizer. Só sei que a tantas ouvi escapar-se ao peito de Gerebita um urro de dôr, e logo em seguida uma imprecação. "Desgraçadol" cujas derradeiras silabas morreram num trincar de dentes atassalhando carnes. Cabrea grugulejou uns roncões que se casaram com o arquejar do peito de Gerebita, e a luta esmoreceu.

Sem palavras na boca, cegado pela escuridão, eu só ouvia, fora, os uivos da nortada, e ali, aquele arquejo do vencedor exausto, caído á beira do vencido. Com os olhos da imaginação eu via esse quadro, que com os da cara enxergava, tanto como se os tivera envoltos em veludo negro.

Não te conto os pormenores do epilogo. Obtive luz e o que vi não te conto. Impossivel pintar o hediondo aspecto de Cabrea, com a carotida esfaçalhada a dente, caído num lago de sangue. Ao seu lado Gerebita, com a cara e o peito vermelhos, a mão sangrenta, estatelava-se no chão, sem sentidos. Os meus transeis diante daqueles corpos martirizados, áquela hora da noite — daquela terrivel noite, negra como esta e sacudida por um vento do inferno!

Na manhã seguinte Gerebita pousou-me a mão no ombro e disse:

— "O mar não leva daqui os corpos á praia e o mundo não precisa saber de que morreu Cabrea. Caiu n'agua — morte de marinheiro, e o moço é testemunha de que matei para não morrer. Foi defesa. Agora vai jurar-me que isto ficará para sempre entre nós".

Jurei-o lealmente, tocando de leve a mão mutilada. E ele' num acesso de

(CONTINUA NA PAG. 47)

POR QUE SE CANDIDATOU?

(Continuação da pág. 5).

Alem do mais, sinto-me bem com o titulo: poeta das moças... Com elas estou sempre em boa companhia. Felizes os homens que as mulheres elegem. Já disse que Disraeli só chegou a Primeiro Ministro porque encontrou, até no ultimo degrau, uma rainha no lugar de um rei. Alem do mais, ha uma observação: se vou a concertos, onde se toca Beethoven, se frequento exposições de arte, se assisto a conferencias, se vou à Academia, é curioso! encontro em grande maioria o publico feminino. E ao que me conste Beethoven não é um compositor para moças...

No ano de 1943, recebi o premio "Raul de Leoni". Não sei se haverá alguma mulher na Academia Carioca de Letras...

Mãguas, meu amigo. Trabalho, e se tenho publico, e se sabem meus versos de-cór que culpa tenho eu? E se vou a praça publica, faço o que fez Castro Alves, no seu e nosso tempo, o maior e mais popular de nossos poetas. De onde se conclue que a qualidade e a quantidade, em poesia, podem se identificar...

POESIA SOCIAL

Tenho poesia social. Mas tenho-a naturalmente, porque na realidade, mal posso conter minha vocação política. Quando o Brasil vivia acompanhando paradas integristas, quando muitos intelectuais aplaudiam Mussolini, iam visita-lo, e batiam palmas a Hitler, publiquei o meu *Cantico dos Canticos*, que é uma mensagem anti-fascista, violenta e sincera, escrita enquanto os sinos de Roma repicavam pela vitoria das hostes de Mussolini sobre a Abissinia. No *Cantico do homem prisioneiro* ha poesia social. Em *Amor* na 1.ª parte, como em *Eterno Motivo*; na 2.ª, ha poesia social contemporânea, humana, no sentido de refletir os anseios e os problemas do mundo.

Mas quando ha oportunidade, e quando ela voltar, estarei na praça, na tribuna. Não para fazer demagogia, mas para orientar, elucidar, encaminhar. Essa a missão social do poeta em face do seu povo. Essa a sua missão política. Política no sentido de vocação da coletividade. Política, arte ou ciencia de resolver os problemas dos homens em comum. Nada desejarei da politica, nem gloria nem dinheiro. Dela desejarei um dia, o direito de me sacrificar no esforço de encontrar algumas soluções para os menos felizes e os menos afortunados, que isso é uma vocação.

Esse lado da minha obra, procuram desconhecer. O outro, tentam diminuir. Tudo vão. Os que trabalham como eu, por vocação, e pensam mais na vida que no nome, às vezes ficam, porque fica sempre o que é honesto, sincero, justo e bom.

Vou lhe contar fatos: em 1935, uma roda de intelectuais comemorava no café Belas-Artes a saída de *Bazar de Ritos*, rasgando-o. Ainda encontrei pedaços de paginas pelo chão. Poderia citar os nomes de alguns dos que se encontravam lá, e citarei se preciso; mas não vale a pena. Como se vê, nem só Hitler queima e rasga livros...

Secretariando D. Casimiro, certo intelectual, não publicava meus trabalhos, "porque não ia com a minha cara". Quando trabalhei em *A Manhã*, publiquei *Cantico do Homem prisioneiro*. Diariamente noticiei a saída de livros alheios. Pois bem, não consegui que publicassem uma linha sobre o meu, apesar de ter desperdiçado varios exemplares distribuindo-os. As notas desapareciam sempre.

Alvaro Lins, que conheci em Pernambuco através de um amigo comum, tem escrito sobre o "trigo e o joio". Nunca fez a menor referencia a qualquer livro meu, nem para dizer: recebi, não presta. Acredito que o Alvaro não diria isso, mas talvez por isso não escreva...

Manuel Bandeira ha pouco fez uma "antologia" de "obras primas", onde aliás se incluiu. Não posso reclamar, porque o portico de "obras primas" é realmente serio. Mas, francamente, encontrei lá cada obra...

Eu sei, por exemplo, os suplementos e as revistas onde não poderei publicar uma linha. Em compensação, recebo jornais do Brasil e do estrangeiro com versões de trabalhos meus, criticas, estudos...

Em compensação, nunca levei trabalho ao Diretor do Jornal. Em compensação, o tempo vem aí...

Edmundo tem razão. O "oficialismo" feito *trust* está matando a literatura dos guerrilheiros... a literatura dos Lobatos, dos que se dão ao luxo de ainda usar uma coluna vertebral...

PORQUE ME CANDIDATEI?

Porque acho que a Academia deve se renovar com a entrada para o seu meio de jovens. Se ela nasceu com os jovens, fundada por um grupo de moços, é justo que abra as portas aos moços que trazem as credenciais desejadas. Nunca combati a Academia. Podemos combater esse ou aquele academico, nunca a Academia. Podemos combater os maus poetas, os maus democratas, nunca o Soneto ou a Democracia. A necessidade é renová-la sempre, dando-lhe um sentido dinâmico. A Academia deve se transformar num "Parlamento da Cultura", defendendo o escritor e o seu pensamento, transformando-se num centro de luta contra as forças reacionárias, sejam elas quais forem, constituindo-se, por outro lado, num nucleo de proteção aos intelectuais em geral. Por exemplo: por que a Academia não defende a liberdade de pensamento e não luta por ela, no Brasil? Por que a Academia não procura coordenar (a palavra é da época) os movimentos de sindicalização dos intelectuais no Brasil? A isso chamo dar um caráter dinâmico à Academia. Combatê-la porque ela se chame Academia, Acropole, ou lá ou quer seja é que é absurdo, tolice. Para sua renovação, torna-se preciso ter coragem, de, em plena mocidade, não renegá-la. E' preciso não esperar os quarenta, como satiricamente afirma Afranio Peixoto, para lhe bater à portas, depois das pedras dos primeiros tempos...

A Academia deve fechar as suas portas não aos jovens, porem aos estranhos. E estranho é todo aquele que, não sendo um homem de letras (romancista, contista, poeta, orador, cronista) ou pelo menos um parente proximo (historiador, divulgador da ciencia, teatrólogo, cronista), pretenda invadir os seus limites. Do contrario, os poetas poderão amanhã desejar pertencer às Academias de Ciencias Políticas, Economicas, etc. Afinal de contas, Machado de Assis era aquele espírito que odiava as confusões...

MODERNISMO OU O QUE?

Sou evidentemente um poeta moderno, sem ser "modernista" na acepção que esta palavra tomou literariamente nos dias que correm. Sou moderno, se entendermos por moderno o escritor que procura escrever com o idioma de seu tempo, utilizando toda a riqueza plástica da lingua sem sacrificar nunca seu estilo aos dogmas gramaticais. Quem faz a lingua é o povo. Os escritores são como os pastores, vão tocando o rebanho, para que ele não se disperse, não se extravie. A palavra é muita vez como uma rez, pode extraviar-se perder-se.

Moderno é por exemplo Monteiro Lobato, e nunca a um escritor a palavra terá caído tão bem. Quem no entanto escreverá atualmente melhor no Brasil que Lobato? Claro, sim, mas também forte, vigoroso, seu estilo é ele proprio. E que eu saiba, Lobato não precisou andar por aí a fazer pieruetas de *clown* para que fosse aceito como um escritor moderno.

Ser "modernista" é hoje passadismo, meu amigo. Todo escritor que escreve para o seu tempo é moderno. Ao contrario, aquele que constrói sua obra com material utilizado, já velho ou fóra de uso, é um escritor anacrônico.

Não é o fato do verso ser livre ou branco que caracteriza o poeta moderno. O verso branco e o verso livre são tão velhos quanto a propria poesia. Em poesia, como em arte, em geral, moderno será sempre o poeta ou o artista que usando a linguagem de seu povo realizar uma obra sincera, que não traja outras intenções senão a de ser sincera consigo mesma. E a condição de sinceridade na arte é fundamental. Uma arte que transige com as "modas" e não seja a pura expressão da alma do artista é uma arte postiça, artificial.

Em ultima análise, o errado, em poesia, em arte como na vida em geral, é que as pitangueiras querem dar cajús, os cajueiros mangas, e as mangueiras pitangas.

Ahl o dia em que as pitangueiras derem pitangas, e só pitangas, esse será o dia da fraternidade, da beleza, da compreensão, da paz e da felicidade.

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues



-SERVE UM BEM BARATINHO!

Não! Não inicie a liquidação das suas gengivas. Você pagaria milhões para tê-las rosadas e saudias. Isto lhe sai mais barato, usando Lever S.R.

-SERVE UM BEM GOSTOSO!



Não! Pão de mel, só na confeitaria! Nele, gosto é tudo. Mas um bom dentifrício deve unir ao sabor o poder de proteger os dentes. Lever S.R. tem ambos.



-SERVE QUALQUER UM!

Não! Pegar "qualquer" bonde é correr risco de tomar o errado! Assim, também, na escolha do seu dentifrício. Para garantir um sorriso lindo, peça Lever S.R.



LINTAS SR 106-0100

-Eu uso
Lever
S.R.

É ASSIM QUE SE ESCOLHE!

Que dentifrício completo! E' refrescante, gostoso e econômico! E não é só: tem Sódio-Ricinoleato, o poderoso elemento que assegura a saúde das gengivas, mantendo os dentes fortes e bonitos. Eis porque Lever S.R. mantém dentes brancos... mantém os dentes!

MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!

OS FAROLEIROS

(Continuação da página 45).

infinito desalento, quedou-se imóvel, a olhar para o chão, murmurando insistentemente:

— "Eu bem avisei. Não me acreditaram. Agora, está aí, está aí, está aí..."

Nesse mesmo dia veio buscar-me o Dunga. Mal a Gaivota largou, narrei-lhe a morte do faroleiro, romaneando-a: Cabrea, louco, a despenhar-se torre abaixo e a sumir-se para sempre no seio das ondas.

Dunga, assombrado, susteve no ar os remos.

— "Pois morreu? E louco?"

— "Está claro!"

— "Claro que lhe parece, que a mim..."

— "Conhecia-o?"

— "Não conhecia outra coisa. Des-que furtou a Maria Rita..."

— "Que Maria Rita?"

— "Pois a Maria Rita, mulher do Gerebita, então não sabe? Que ele seduziu, hom'essa".

Abri a minha maior boca e arregalei o que pude os olhos.

— "Como sabe disso?"

— "E' boal! Sei porque sei, como sei que aquela gaivota que ali vai é uma e que este mar é mar. A Maria Rita era uma morena de truz, perigosa como o demo. O tolo do Gerebita derreou-se d'amores pela bisca e lá casou. E vai ela,

a songuinha, mal o homem saía no Purús, metia em casa ao Cabrea. E nesse jogo viveiam até que um dia fugiram juntos para outras terras. O pobre Gerebita se não acabou de paixão é que é teso. Mas entrou para o farol, o que é também um modo de morrer p'ro mundo. Pois bem. A bola vira, o tempo corre, e vai, senão quando quem mete o Governo no farol, em lugar do defunto Gaivriel? Ao Cabrea! Ao Cabrea que também andava descrente da vida porque a Rita lhe fugira com terceiro. Coisas do mundo. Diz-me agora vossoria que o homem enlouqueceu, e rolou do penedo, e lá o roi o peixe. Está bem. Antes assim, que do contrario, em ponta de faca é que aquilo acabaria..."

Calei-me. Ha situações na vida em que as ideias embaralham de tal arte que é de bom conselho deixarmo-las se asentarem por si. Eis como...

— ...o meu grande amigo Eduardo foi empilhado por um assassino vulgar! — Perdão. O fato de se não manejarem floretes não tira áquele pugilato o caráter de duelo.

— "Cavalaria rusticana", então?

— E por que não?

(Do livro "CONTOS PESADOS")

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

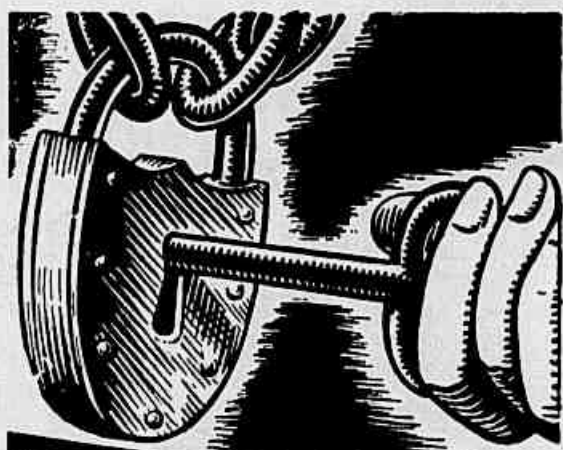
E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$3,00

PRISÃO DE VENTRE?

Pímulas
ALOICAS
REGULAM OS INTES-
TINOS SEM TORTURA-LOS.



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

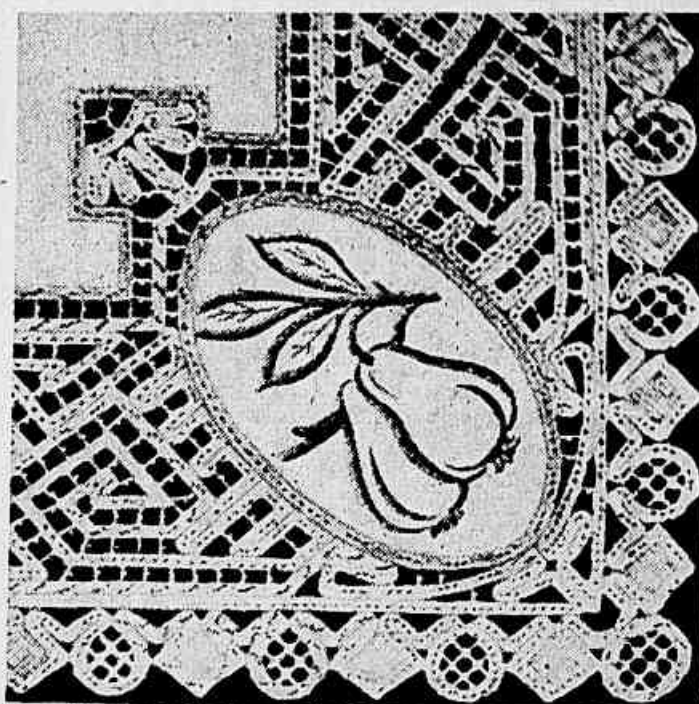
AMAZONAS

Recebemos e agradecemos o numero de Amazonas, Boletim do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de Manaus, folheto de distribuição gratuita com informações de interesse local e geral.

BRINDE DA N. A. B.

Recebemos da Empresa de Navegação Aérea Brasileira interessante e útil folhinha ilustrada para 1944.

Agradecemos.

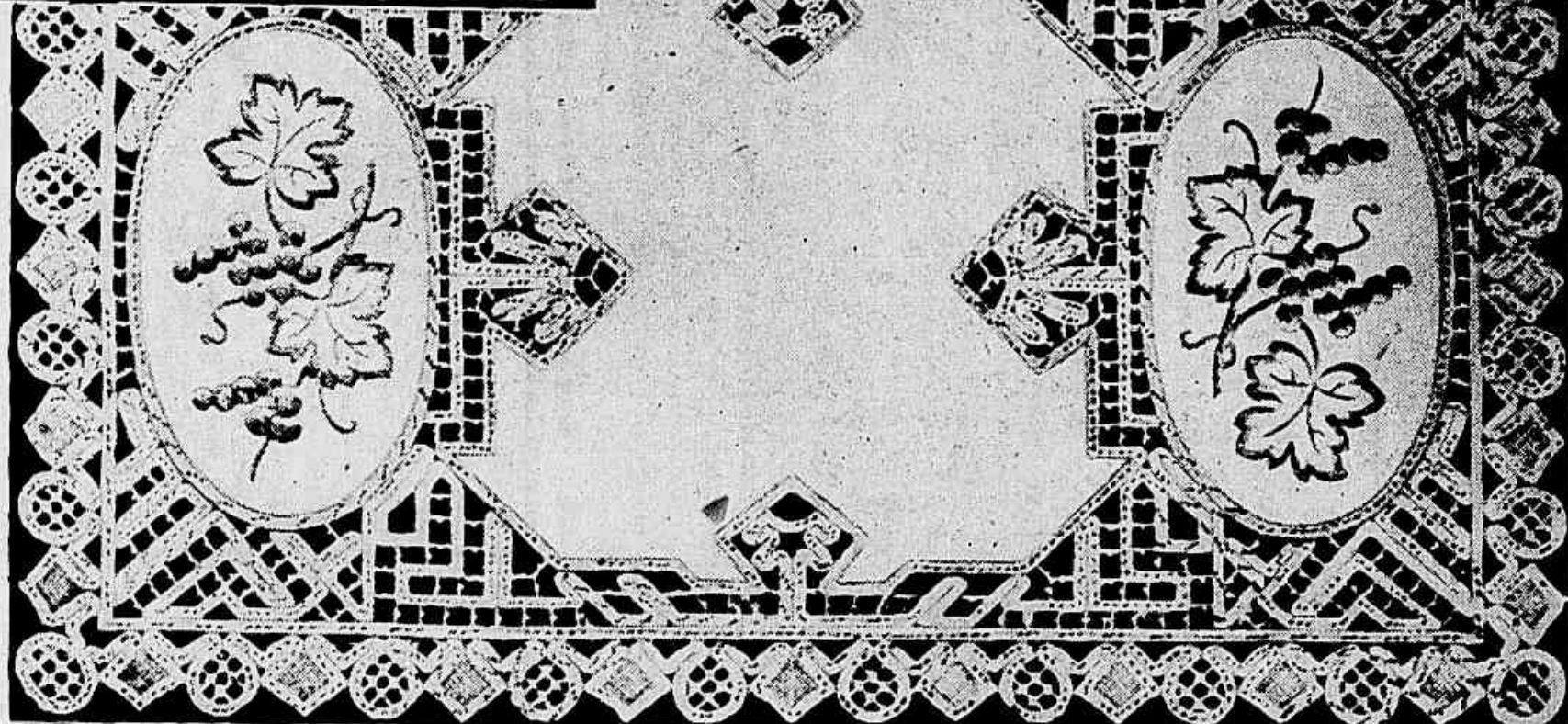
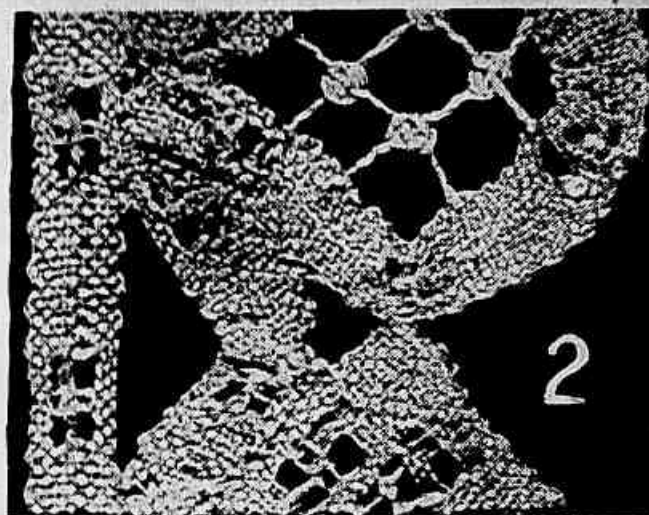


1 — DETALHE DA RENDA DE VENEZA.

2 — A PONTA DO CENTRO DE MESA, E O EFEITO DELE PRONTO.

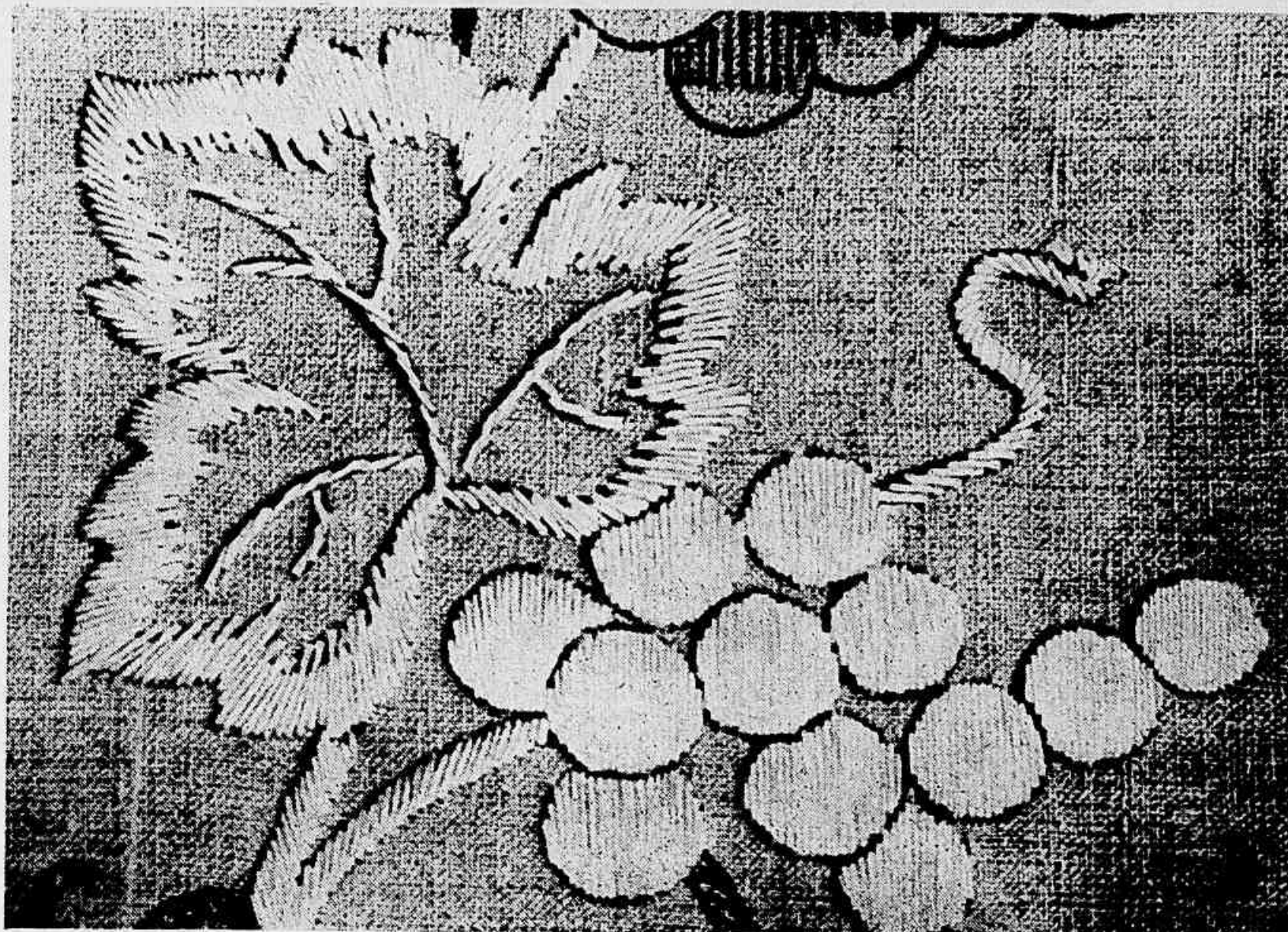
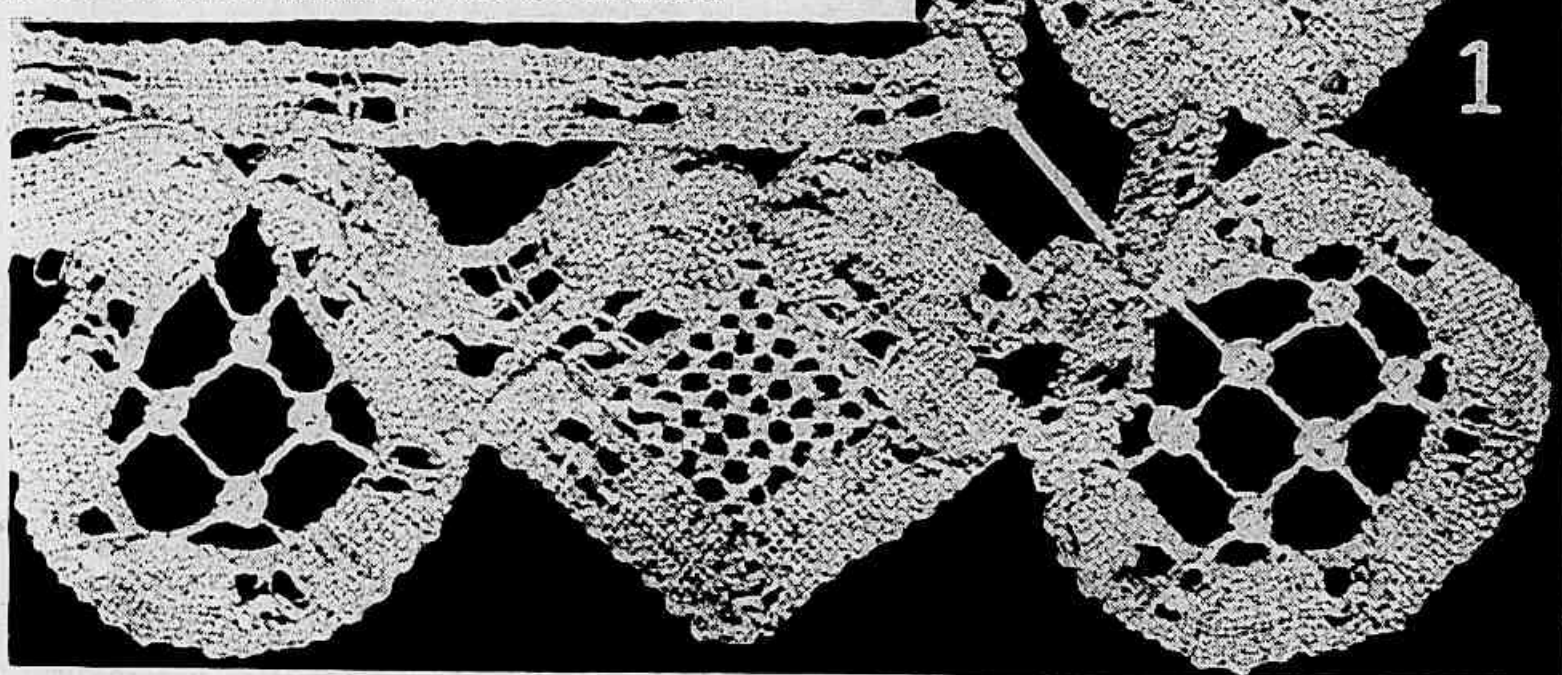
3 — UMA PONTA DA TOALHA MOSTRANDO AS APLICAÇÕES BORDADAS, COMO DEVEM SER COLOCADAS.

A APLICAÇÃO DE LABIRINTO TAMBÉM PODE SER UTILIZADA NUMA RICA TOALHA PARA CHÁ.



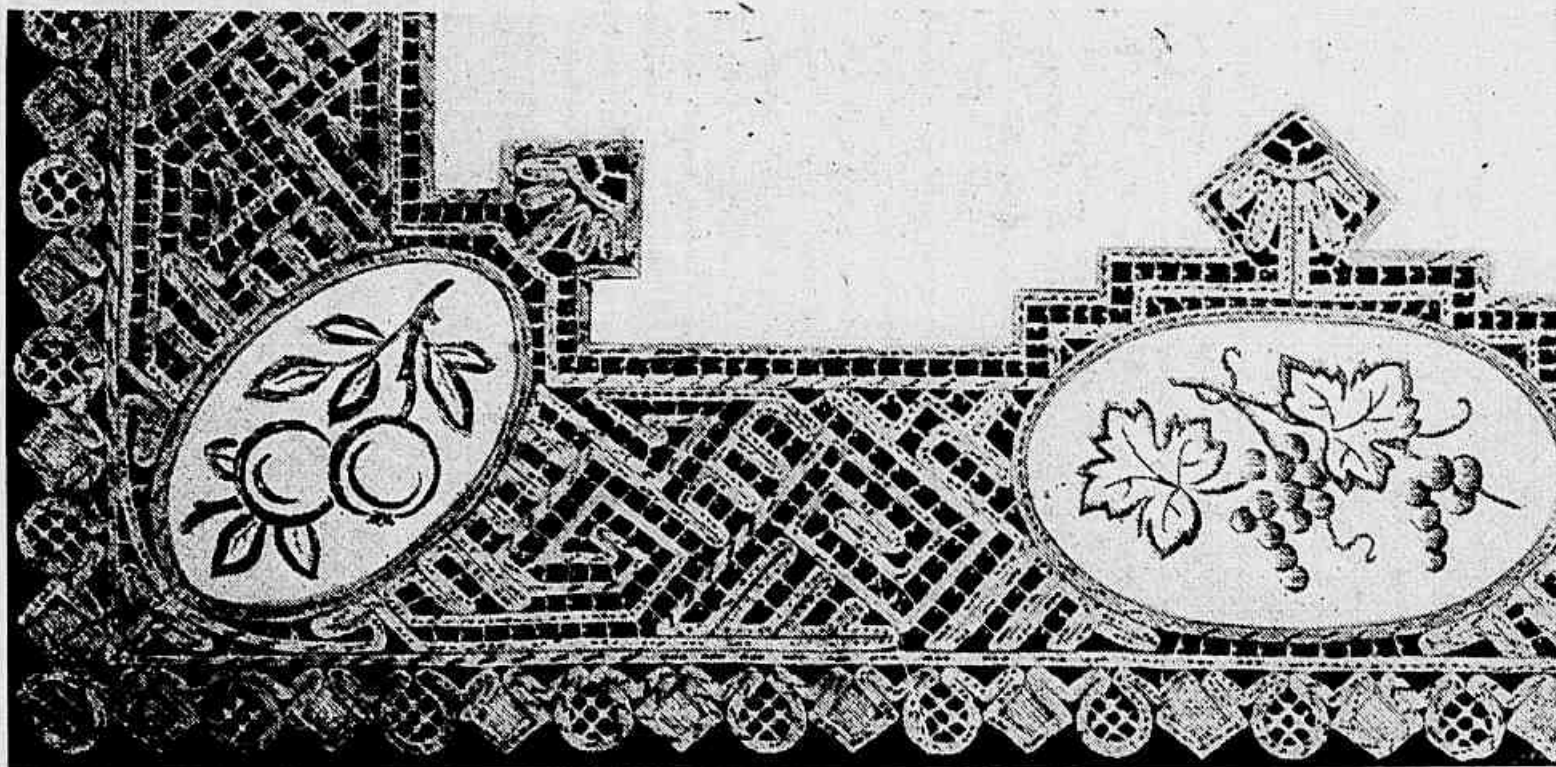
A RENDA DE VENEZA

A outra parte é uma bonita renda de Veneza cujo detalhe vemos na figura 2. Este trabalho pode ser simplificado se for feito com cordonet de linho. Damos também um detalhe do bordado, que é muito simples mas de muito efeito. Ele pode ser confeccionado em granité, ou linho cru e linha de bordar D. M. C. de meada



LABIRINTO

A figura n. 1 apresenta uma finíssima aplicação de labirinto, um dos mais delicados e difíceis trabalhos de mãos femininas. As nossas rendeiras do Ceará, como de toda a zona nordestina, fazem verdadeiras maravilhas em labirinto e em filé, que é outra espécie de renda delicada. O labirinto faz-se desfiando a fazenda como para *ponto contado*; depois vai-se acompanhando o contorno do modelo, e por fim tecem-se os quadrados com linha singer. O filé é feito como as rédes dos pescadores e depois de pronta a malha é que se vai tecendo o desenho.



Trabalho Manual

3

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
 De Mme. Campos
 FINO, ADERENTE E INVISIVEL
 A VENDA EM TODA A PARTE

LOTES DE LINHO, MIXTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambréias, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a **JULIO HIRSCH**.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
 FONE 7-7669 — S. PAULO

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

RUGOL
 O CREME
 EMBELEZADOR DA PÉLE

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e reafirmar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante".

Experimente-o.

Números atrasados desta revista

Podem ser solicitados à redação: Rua Maranguape, 15, Rio, mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do Correio; são também encontrados em São Paulo, à Rua D. José de Barros, 323. Preço: Cr. 2.00.

DOR DE ESTOMAGO?
 AZIA - MÁ DIGESTÃO
 DISPEPSIA - ULCERAS
 Popais
BANKETS

Números atrasados desta revista no Pará

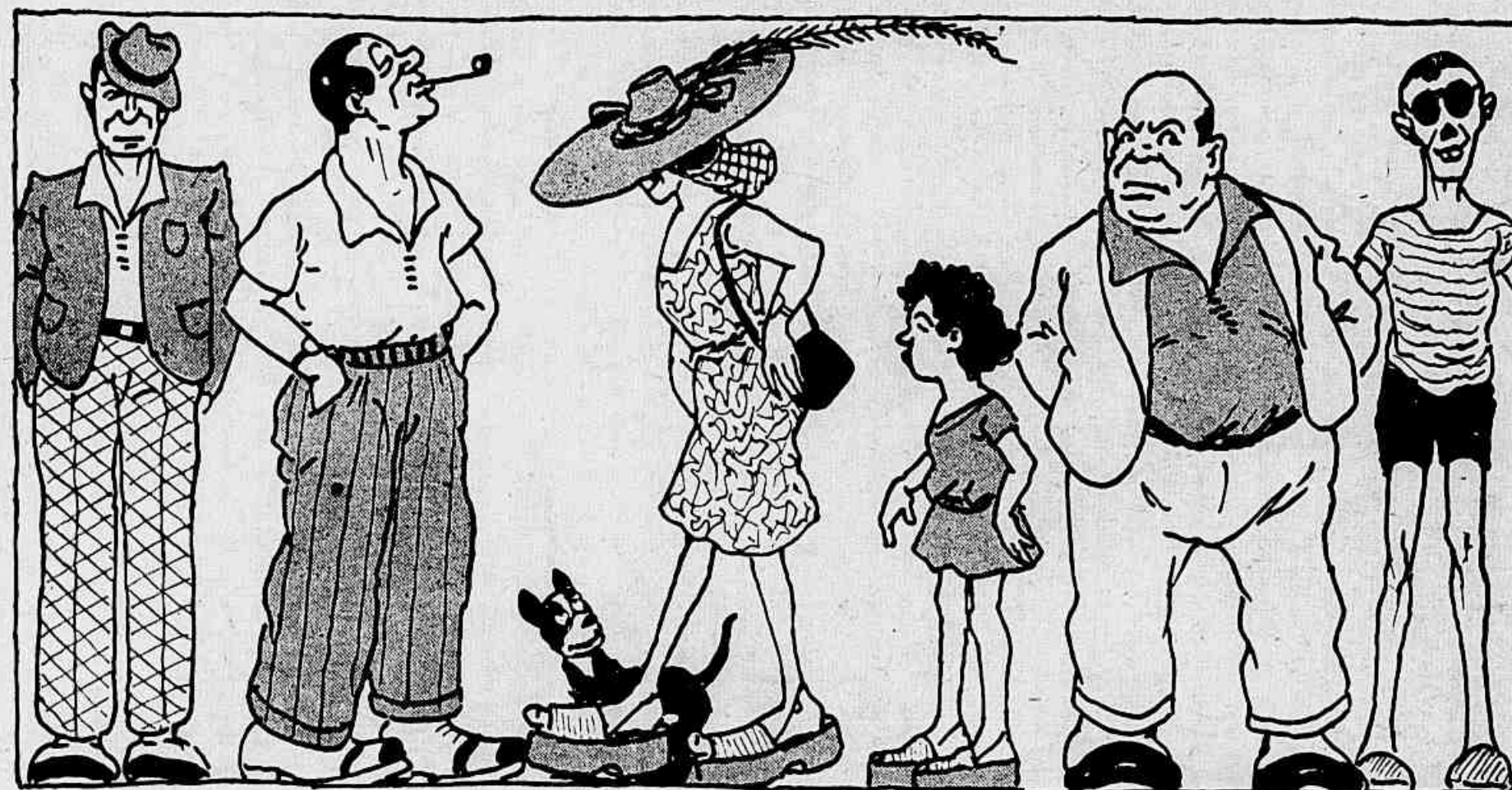
PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.
 Travessa Campos Sales, 85 - Belém

3 tempos de "calúngas"...



Tempo do onça e das cabeçôrras.



Tempos que correm, influencia da podomania.



Tempos futurêiros ou futuristas...



UM MODÊLO CALIFORNIANO

Apresentamos hoje um modelo belíssimo de sala de estar, localizada num ângulo de edifício residencial, situação que lhe permite receber a luz do sol durante doze horas por dia.

Portas de vidro ligam esta maravilhosa saleta com o terraço exterior. Junto à saída, mesas de vidro para jogos e "cocktails". O restante do mobiliário é constituído por poltronas estofadas dispostas a uma distância relativamente grande uma das outras. Um grande tapete escuro cobre toda a pavimentação. Este é um modelo californiano que muito bem se adapta às nossas condições.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ